FON FON
ANNO XXV — N.º 21
Rio, 23 de Maio de 1931
PREÇO: 1$000

Tambem eu!

— Como sou machinista e levo diariamente, em minhas mãos, a vida de tantos seres, creio, antes de tudo e sobretudo na **SEGURANÇA.** Tudo quanto seja incerto é contra a minha natureza...

... Por isso, quando se trata de uma qualquer dôr, nem tomo nem consinto que ninguem tome cousa alguma que não seja a

CAFIASPIRINA

Outros, por descuidados ou para economisar uns nickeis tomam qualquer cousa. Que se arrangem! Para a minha familia **o seguro e nada mais.**

Sabe-o já todo o mundo e todo o mundo o proclama.

NÃO ha quem pense de maneira diversa porque a CAFIASPIRINA **é boa para todos, efficaz para todos e está ao alcance de todos.** Incomparavel e unica para o prompto allivio das dôres de cabeça, dos dentes e dos ouvidos; nas nevralgias, enxaquecas, colicas das senhoras, consequencias de excessos alcoolicos. Allivia rapidamente, levanta as forças e regulariza a circulação do sangue. **Não ataca os rins nem o coração.**

Defenda-se exigindo a **Cruz Bayer!**

O CONTO BRASILEIRO

O homem que cansou de ser serio...

De EURICO NOGUEIRA FRANÇA

DESIDERIO Malagueta nascêra predestinado a ser honesto. Tinha um physico "standard": nem alto, nem baixo, nem gordo, nem magro. Mas o que á primeira vista falava em seu favor, impondo respeito e confiança, era o modo de olhar, firme, decidido, franco e limpido como agua crystallina. Desde criança, enveredára pelo "recto caminho do dever". Aos doze annos, sob a vigilancia paterna, ao invez de dar "shoots" numa bola com os garotos da sua idade, ficava mettido em casa, tendo em frente um livro; e, embora seu olhar se perdesse no espaço, acompanhando uma nuvem que evoluisse livremente no céo, ou um raio de luz, refractando-se na agua de um copo dourado pela caricia solar, admirado e invejoso da liberdade do movimento, cumpria a sua obrigação, fazia o seu dever". E isto bastava aos mestres e aos paes, que repetiam, contentes: "E' um pouco [illegible], talvez. Mas applicado, muito diligente"... O que não obstava que os caracteres dos seus livros permanecessem sempre hieroglyphos, quasi indecifraveis para elle, e que a mathematica, do mais elementar "a" ao mais difficil equação, fosse, sempre, uma musica uniformemente indecifravel para os seus ouvidos.

Abominava o ritual liturgico, entretanto, na igreja, onde comparecia pontualmente, guardava uma seriedade, uma attenção, uma compostura, realmente commovedoras, dada a sua idade. No fundo era in[illegible], como quem mais o seja. Mas a timidez impedia-lhe de se manifestar tal qual era, preferindo, assim, abandonar-se molemente aos elogios dos que o cercavam. [illegible] dest'arte, prudentemente, para a adolescencia, toda uma flora má espoucando em rebentos, vicejando daninha, de maneira que, á flor da superficie, nada de ruim transparecesse nas acções ou por palavras.

Cresceu. Cresceu sempre o mesmo aos dezeseis, ao dezoito, aos vinte annos. Aos vinte e um libertou-se do jugo familiar. Curta libertação, no emtanto, pois a liberdade parece defesa ao homem... Uma tarde, passeando por uma das ruas do bairro onde morava, conheceu Noemi. Noemi tinha o tempo quasi tomado... Namorava um estudante, um caixeiro, um medico, um jornalista, o vendeiro da esquina, fóra os extranumerarios e addidos. Entretanto, das cinco ás seis, justamente a hora em que Desiderio perambulava por aquelles lados, ella estava disponivel. O rapaz, com uma desenvoltura de emprestimo, aproximou-se e falou-lhe. Sentia um esquisito prazer cerebral em deixar de ser serio:

— Virei logo mais, ás dez. Ha menos gente, menos movimento... Noemi mirou-o dos pés á cabeça, sopesando, num olhar, a qualidade da roupa e a ingenuidade do gesto. As duas coisas se completavam.

— Pois sim, póde vir — decidiu, afinal.

O que aconteceu a Desiderio Malagueta, elle, de certo, nunca esperaria. Ora, imaginem! O pae de Noemi (Noemi tinha familia...), não podendo conter a filha, fechava a cara, no emtanto, como era natural, a todos os seus namorados. Era uma revolta surda contra a vergonha daquillo tudo. Com Desiderio, porém — vejam como o diabo as arma! — o caso mudou de figura. Mal o avistou, derreteu-se o velho num sorriso, aquelle mesmo sorriso de Judas ao murmurar o "Ecce homo". E foi logo abrindo uma excepção honrosa:

— Convide o moço para entrar, minha filha.

O moço não queria entrar. Entrar, para elle, significava uma desillusão. Estava-se tão bem lá fóra... Mas o velho insistiu:

— Ora, a casa é sua... Nada de cerimonias.

E lá ficou o Desiderio, bem contra a vontade, diga-se de passagem, conversando com o pae e namorando a filha...

Uma semana depois da estréa amorosa de Desiderio Malagueta, dois amigos conversavam, sentados á mesa de um bar. As novidades estalaram ao primeiro aperto de mão:

— Então, já sabe? — disse o primeiro.

— Que? Venceu o Vasco?

— Não, melhor. Imagine.

— Que?!...

O outro tomou attitudes. Depois, baixinho:

— A Noemi...

— Fugiu? — sussurrou o segundo.

— Não. Casa-se.

— Heim?!... — pasmou o segundo.

— Sim, senhor, casa-se; casa-se com o Desiderio, aquelle, sabe?

— Sei, sei...

E, depois de um silencio:

— Mas elle casará, mesmo?

— Ora, você não conhece o Desiderio. "Aquillo" traz a moral no sangue. Foi educado á moda antiga: ferreos costumes, rigida honestidade. E' incapaz de fazer como muitos que namoram, namoram e depois, sem mais aquella, vão dando o fóra, muito lampeiros...

O outro concordou. E cada um resumiu a situação no mesmo pensamento:

— Coitado!...

Apertado, quasi esmagado pelo circulo de ferro das conveniencias, agradecido ás gentilezas do velho, compromettido pelos modos da moça, que apresentava "o meu noivo" a todo mundo; assediado, instado, perseguido, sem achar uma sahida que não lhe deslustrasse a reputação, Desiderio acabou casando. O sogro, com louvavel equanimidade, dando-lhe a filha e não podendo lhe dar dote, caçou-lhe um emprego. Um mediocre emprego publico, mas logar de confiança. Todo mundo se honra exercendo cargos de confiança, embora não valham mais que isso. Desiderio se honrava mais que todos. Parecia absolutamente insensivel ao fascinio colorido de um maço de "quinhentos". Tratava o papel como papel que era e nem se lembrava de que tinha o mundo nas mãos. Aliás, a rotina, que com o seu trabalho lento extingue uma personalidade e apaga os relevos fortes de um caracter, atrophia as azas da esperança e da imaginação nos

(Conclue na pag. seguinte)

O homem que cansou de ser serio...

seus persistentes e alcandorados remigios e faz o inconcebivel de limitar o pensamento ás quatro paredes de uma sala, adormecera-lhe, tambem, todos os máos instinctos. De certo não era um profundo somno, pois não despertariam com o que aconteceu:

Desiderio, como todo homem descrente de si mesmo, acreditava nos imprevistos do destino. E perseguia a sorte na pessôa de um leão, ou de um veado, ou de um burro... Expliquemo-nos: Todas as manhãs, alinhava tres ou quatro numeros e os enviava ao bicheiro mais proximo... Um dia, por um effeito sem causa (necessario á formação de todos os enredos), juntou uma cedula maior ao jogo habitual. Deu. Dez contos.

— Dez contos! Que fazer com este dinheiro?... Si fossem cem, compraria um "bungalow" e um automovel. Cincoenta, mesmo, já dariam para alguma coisa. Mas dez! Ora, dez contos, gastam-se...

Foram como vieram. Antes de ir, no emtanto, tiveram o dom de sacudir-lhe a inercia.

Desiderio, mettido numa roupa nova, philosophava, ao espelho:

— Que satisfação, que bem estar se sente com um terno novo! Parece que se remoça: O thorax se alarga e uma nova energia nos impulsiona o sangue. O Porte se torna altivo, o olhar dominador e de vencidos nos tornamos vencedores...

E depois desse aranzel optimista, receiava pelo futuro, delle e do terno:

— Tambem, daqui a tres mezes, a fazenda começará a puir nos cotovellos. A côr azul marinho se transmudará, por gradações insensiveis, num verde azeitonado... E a cada mancha, ou a cada rasgão, a moral se abate. Por fim, com tudo que possa fazer ou tentar, estarei de novo soterrado num monte de farrapos... Eu, visceralmente honesto, honesto até a alma, reduzido a isto! Mas, afinal, que ganhei em ser honesto?... Esta mulher, esta vida... E a confiança de todos. Ora, bolas, para a confiança! Estou cansado de ouvir eternamente a mesma musica: Desiderio, um homem serio, Desiderio, um homem serio... Si isto continúa, morro de tedio...

Não morreu, entretanto, dessa doença (a exemplo do leitor, que já deve estar estrebuxando...), nem de outra qualquer. Antes, valendo-se do lugar em que trabalhava, carregou com duzentos contos destinados a um pagamento. Deixando a mulher entregue á mais fantastica crise de desespero, fugiu para S. Paulo, internou-se no Paraná, e, de lá, voltou a Santos, onde embarcou para a Europa num transatlantico de luxo. A policia não lhe poz a vista em cima.

* * *

Estoirou como uma bomba a noticia do roubo. Os "quem diria" multiplicavam-se, assustadoramente, e uma onda de indignação varreu todo o Ministerio, desde o infimo continuo ao inaccessivel ministro. Durante uma semana, cortaram, conscienciosamente, na pelle do Desiderio. E não pararam porque cansaram, não. Mas um acontecimento imprevisto — o apparecimento do cadaver de um homem, nú, na Ponta do Calabouço — lançou uma formidavel interrogação no espirito de todos. Era tal qual o Desiderio: a mesma estatura, as mesmas feições. Mas, seria elle, mesmo? D. Noemi, chamada ás pressas, não teve duvidas em reconhecer, no defunto, o pranteado marido, embora o nariz, os labios e os olhos estivessem comidos pelos peixes. Para logo surgiu uma versão: o coitado, attingido por crueis remorsos, não hesitára em lavar a honra no fundo da bahia... E tudo teria ficado nisto, si um amigo do "morto", que alimentava as mais vivas pretenções de consolar d. Noemi na sua triste viuvez, não se lembrasse de reunir tres ou quatro argumentos e os enviar a um jornal.

Dizia elle:

"Na verdade, é preciso uma absoluta falta de raciocinio para concluir que Desiderio se houvesse suicidado. E' inconcebivel! Por que razão haveria de ficar nú antes de mergulhar na eternidade?... A hypothese de um assassinio se impõe. E' a unica que permanece de pé, dado o desapparecimento das vestes e do dinheiro. E, de mais a mais, não é a sempre recta e digna conducta do saudoso morto uma prova segura do que affirmo?"

Esta carta desencadeou uma tempestade. Não foi preciso mais para que os jornaes, faltos de assumpto, esposassem, ardentemente, a nobre causa. E como a suggestão da imprensa é um facto, em breve todo mundo se compenetrava da verdade daquellas asserções... O rumor, o barulho o caso, occasionado pelo desejo de uma justa reparação. Tanto cresceu e subiu, assim que o ministro — que se sentia mal equilibrado no alto do seu poleiro e desejava que qualquer coisa lhe augmentasse a popularidade — resolveu, na sua alta sabedoria, perpetuar em bronze a heroica acção do Desiderio. E melhor resolveu, melhor o fez: ainda hoje se póde ver, no salão nobre do Ministerio, entre os retratos de dois ex-presidentes, uma placa de bronze com letras de ouro, e que vale mais do que como exemplo aos posteros — vale como um symbolo...

As auras marinhas e a Cutis

Terão se conjurado as aguas e o ar marinhos e os raios do sol para fazer a perdição de sua cutis, amargurando assim as suas ferias? Si tal confabulação houvesse, desbaratal-a-ia fazendo uso da "CERA PURA MERCOLIZED", com a qual lhe será possivel passar todo o dia no banho ou estendida na areia, exposta aos raios do sol, sem que por isso venha a soffrer no minimo a sua cutis. A "CERA PURA MERCOLIZED" applicada todas as noites antes de deitar-se por meio de uma massagem suave, faz com que a cutis do rosto, do collo e dos braços se conserve tão clara e louçã como se nunca tivesse devido soffrer a energica acção dos raios solares e da agua salgada.

E o segredo desta immunidade está em que a "CERA PURA MERCOLIZED" ajude a Natureza na funcção de renovação da cutis, pois, diaria e imperceptivelmente dissolve e elimina as particulas velhas e gastas da pelle que são o que impede a apparição de nova e perfeita cuticula que se acha encoberta, cuticula que mercê da acção da "CERA PURA MERCOLIZED" tem assim a opportunidade de vir á superficie para resplandecer na plenitude de sua sã formosura natural.

Obtenha "CERA PURA MERCOLIZED" em qualquer pharmacia, e desfructará as suas ferias conservando inalteravel a belleza de sua cutis.

E' sabido que essa maravilhosa substancia póde ser obtida agora em todas as pharmacias e drogarias em uma caixa de tamanho menor, ao preço de sete mil reis mais ou menos.

CÊRA PURA MERCOLIZED

(em inglez "Pure mercolized wax")

A legitima "Cêra pura mercolized" é vendida somente em latas douradas de dois tamanhos.

PREÇOS DE VENDA NO BRASIL, RS. 12$000 E 7$000.

O vestido côr de rosa

De Walter Sequeira

NELITA era uma modesta criaturinha, cuja physionomia reflectia uma emoção e uma graça extraordinaria. A sua pobreza não a impedia de ser immensamente feliz. Despontára havia pouco da meninice e os seus dias eram repletos dos mais bellos sonhos sobre a vida, que suppunha um dia haver de realizál-os. A sua imaginação tornava-se cada vez mais ardente!

Foi quando, um dia, conheceu Arnoldo. Amou-o, e aquelle affecto concretizou todos os sonhos da imaginação exaltada de Nelita.

Arnoldo vinha vêl-a sempre. Nunca lhe falára, porém, em amor. A joven não sabia o que se passava no intimo do rapaz, mas elle a tratava com tanta meiguice... Dir-se-ia ter sido attingido pelo encanto que de Nelita emanava e isto era bastante para que a moça se considerasse venturosa.

Soube, mais tarde, que elle era riquissimo e as festas onde ia e as jovens com quem dançava trajavam vestidos como nunca ella conseguira vestir. Invejou então as creaturas que dançavam nos braços delle. Comprehendeu que entre ella e Arnoldo havia a differença de posições. Fôra isto o que o impedira de lhe falar em amor. Não poderia penetrar no mesmo ambiente que o rapaz.

O carnaval se approximava com todo o seu cortejo de folia, com o annuncio luminoso dos bailes, com a *féerie* immensa de suas fantasias.

Nelita teve uma idéa, que a commoveu. Durante annos de muitos esforços vinha economizando uma quantia para o dia do casamento e possuia agora quinhentos mil réis: ella poderia gastál-os na confecção de um vestido de baile, igual aos que trajavam as mulheres com quem Arnoldo conversava na sociedade, e assim iria com o rapaz a uma festa para dançarem a noite toda juntos, como si nenhum impedimento houvesse entre elles. Nesse dia, pediria a Arnoldo que a tratasse como sua namorada.

Tudo falou a elle, que acquiesceu radiante e parecia jamais ter sentido um prazer tão forte.

Nelita julgou enlouquecer de alegria.

Despender de uma só vez o dinheiro que economizara com tanto esforço importava em grande sacrificio. Mas, que era isto, si assim conseguia realizar aquelle ardente sonho?!... Si Arnoldo era toda a sua vida, e nessa noite elle a trataria como sua noiva?!...

Nelita não quiz fazer uma fantasia, pois um vestido se assemelhava mesmo á realidade: quiz ter a impressão de ser tudo verdade, embora não passasse de uma illusão de carnaval! Escolheu, então, a côr rosa, que symbolizava o seu amor; escolheu tudo o que achava bello! Tudo que a fizesse parecer com uma moça da sociedade.

E naquelle transporte de alma conhecia o quanto adorava o rapaz! Era aquelle o seu mais lindo sonho, o sonho que lhe inspirára o homem que amava!

Domingo de carnaval, Arnoldo foi buscal-a em casa; pouco depois, a moça surgia no seu vestido de gaze côr de rosa. Vendo-se, ambos recuaram, cheios de emoção.

No emtanto, um cunhado de Nelita, ao notál-a naquellas vestes, disse-lhe bruscamente:

— Você é louca! Como gastou tanto dinheiro numa roupa, só para o carnaval?!...

A mãe da moça procurou desculpál-a.

— E' pelo immenso amor que ella tem ao sr. Arnoldo, para poder ir com elle a uma festa.

Ao ouvir isto, Arnoldo estremeceu. Sahiu com Nelita para a rua.

Naquelle dia, em que Arlequins, Colombinas, *dominós* passavam em revoada, em que mulheres e homens esqueciam deveres, honras, em que se confundiam todas as castas, em que havia alegria, loucura desenfreada, alcool, a alma de Nelita estava envolta no mais terno e puro extase de amor!

Seus olhos fitavam Arnoldo numa meiguice infinita! E talvez por isso elle não ousava tocar aquella creatura sublime. Nem uma só palavra de amor lhe disse. Bem sabia que os separava o nascimento de ambos e não devia intensificar aquelle affecto profundo, que só agora começava a reconhecer.

Achando-o indifferente depois de quanto fizéra por amor a elle, Nelita, sem querer, estremeceu. Elle, então, não comprehendia o seu sonho?

Quando chegaram ao baile, a moça soluçava baixinho; o rapaz tirou-a para dançar. Ella não quiz; pareceu-lhe que não era daquelle meio, que quizera ir muito além.

Sua recusa, no emtanto, admirou Arnoldo.

— Por que não quer dançar? Eu a trouxe aqui e...

— Por favor, Arnoldo, não!

— Quando chegámos — tornou elle — o porteiro pensou que fossemos casados; tomou-a por minha esposa.

— Por sua esposa?! Commovida, Nelita sentiu os olhos turvos pelas lagrimas.

Arnoldo pareceu emocionado tambem; a moça, então, tremula, hesitante, contou-lhe todo o amor que sentia por elle.

O rapaz respondeu:

— Nelita, nunca seremos comprehendidos no meio que frequentamos; a realização desse amor não fará feliz a você; você viverá sempre a ouvir motejos e é pelo bem que lhe quero que peço terminar este affecto para sempre.

Nelita tornou, numa queixa cheia de ironia:

— Pelo bem que me quer, negame a minha maior felicidade, que outra obterá?...

— Escute-me...

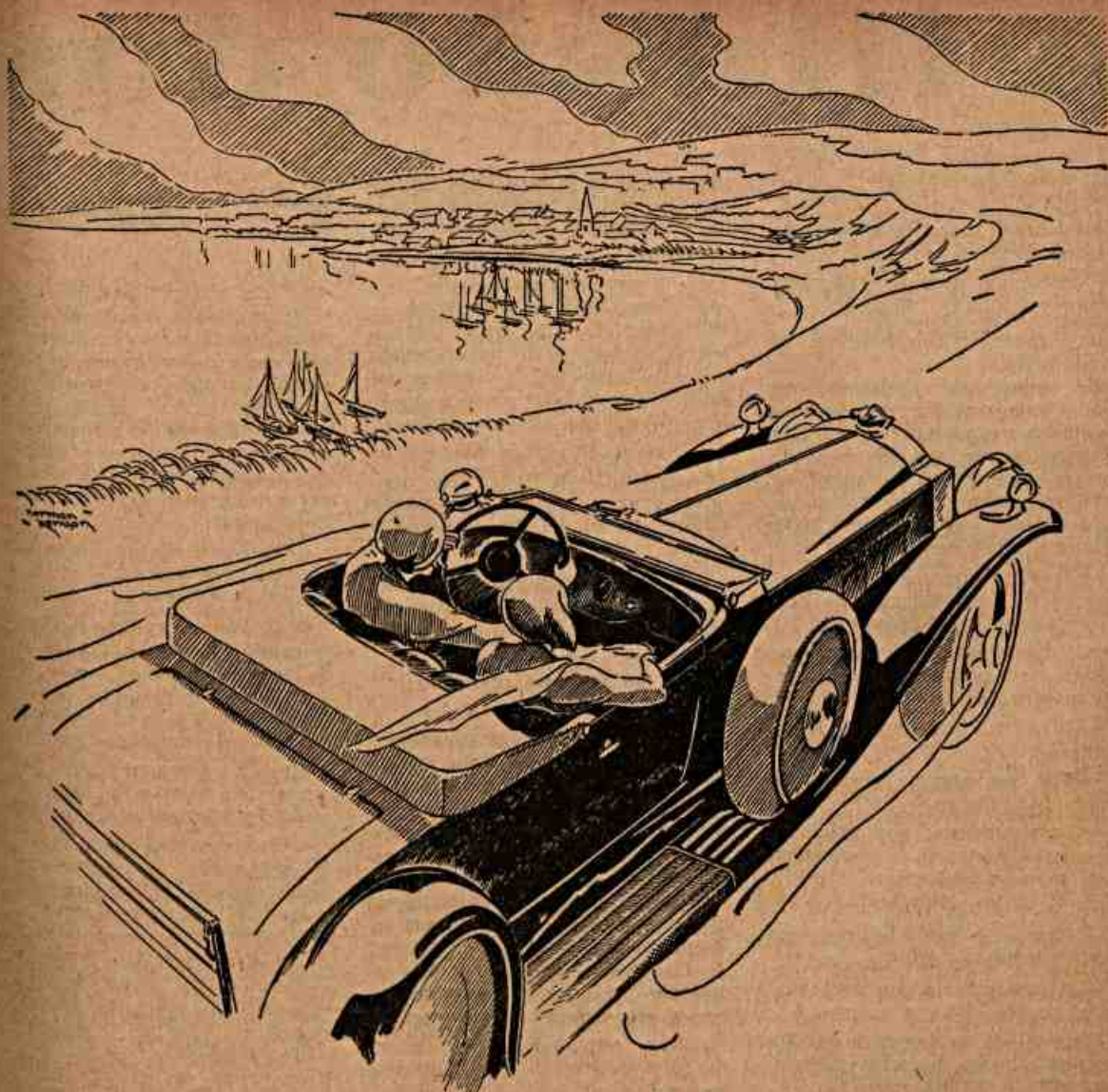
— Oh! Esqueci-me de que estamos em pleno carnaval e falei assim em coisas sentimentaes, no romance de minha vida. Desejo agora divertir-me; vamos dançar?

— Não. Devo levál-a para casa.

Voltaram. Pouco depois, só no seu quarto, Nelita contemplou-se ao espelho. Aquelle vestido, pelo qual não poupara sacrificios, que suppuzera tanto tempo fazêl-a immensamente feliz, aquelle vestido com que julgára realizar o seu mais bello sonho, parecia-lhe, nesse instante, um sarcasmo formidavel.

Foi a sua primeira desillusão e reconheceu o quanto a vida tinha de ironico! O dia que tanto almejára fôra o dia de sua maior dôr!...

E a gargalhar, como uma louca, cheia de odio, tomou o vestido nas mãos e despedaçou-o.

Daquelle sonho, agora, restavam apenas farrapos do vestido côr de rosa...

COM o correr dos annos V. S. notará que, embora tenha havido differenças enormes nos estylos de carrosserias dos diversos automoveis, o Packard nunca estará fóra de moda. Eis o porque do seu grande valor intrinseco.

Distribuidores Geraes

Companhia Commercial e Maritima

AUTO GERAL

Rua Benedictinos, 1 a 7

Rio de Janeiro

PACKARD

A illusão dos

P o r

(Continuação)

Mas Miss Lidia interrompeu-o, interpellando Cameroun:

— Sabes que jogaste esplendidamente no sabbado, Walter?

— Muito obrigado, Lidia. E viste no campo.

E, conversando amigavelmente com a creatura dos seus sonhos, Cameroun representava para Earl Abott os pratos que elle mais detestava, como "paté foie gras", salada de lagarto, creme de morangos — coisas estas de que Lidia gostava immensamente.

— Foi um dos melhores *goals* que eu já fiz justamente na hora de terminar o "chukker"...

Mas Abott estava ficando amuado. Achou prudente interromper a conversa:

— Lidia, temos que ir ao theatro.

— Vão ver alguma revista? — perguntou Walter.

— Naturalmente que não iremos para chorar, — respondeu, com máus modos, Earl Abott.

— ... que vão ver?

— Parece-me que o melhor que ha é a "Illusão dos Tropicos"!

— Ainda não viram? E' uma peça quente como o tropico.

Earl Abott ia perguntar a Cameroun a razão daquella asserção, mas elle se voltára para Lidia:

— Ha um companheiro no club que tem muita facilidade de arranjar logares no theatro. Talvez elle me cavasse uma cadeira perto de ti, Lidia.

Earl lançou a Lidia o mais piedoso dos seus olhares de supplica, mas a moça entretinha-se empoando o mimoso rosto, emquanto Walter saboreava um café.

Afinal, Cameroun levantou-se, com grande agrado para Earl. E, com um gesto galante, despediu-se. Não queria estragar-lhes a noite — dizia, fitando sarcasticamente Earl.

Earl Abott dirigia o seu "roadster" pela Quinta Avenida, immerso, como costumava acontecer, nos seus pensamentos sinistros, de envolta com a falta, que elle já começava a sentir, do seu salario gasto em "caviar". E sentia, tambem pesaroso, que engordára naquella noite o minguado "kilo" que lhe custára tanto perder. Lidia interrompeu o silencio:

— Gostas de Walter Cameroun?

Com "una mirada selvaje", — como empregam os hespanhóes — Earl Abott fitou a moça. Intimamente, de bom gosto teria descido naquelle momento a lamina da guilhotina sobre o pescoço de linhas puras do vigoroso athleta.

— Em uma palavra, não. E tu?

— Sim. Gosto delle. Ha algo que me attráe na maneira positiva por que elle realiza as coisas...

— E' uma perola...

— ... e a maneira porque elle se porta. Sempre tão gentil, tão galante, sempre erecto no seu porte soberbo...

— Como Ivanhoe, supponho...

— Justamente.

Walter Cameroun já fôra decapitado, não restava duvida, deante da maneira por que Earl metteu o freio no carro, em frente ao Capitol Theatre. Logo que se sentaram, Earl experimentou uma especie de presentimento ao ver que, estando o theatro á cunha, havia justamente perto de Lidia uma cadeira vazia. E si "elle" viesse? Mas, entregue aos seus pensamentos, não viu quando Cameroun entrava e occupava o logar vago.

— Que felicidade... de sentar-me perto dos... dois! — disse o recemvindo.

Earl amarrotou, ao mesmo tempo, o programma e o intruso. Mas o espectaculo começava, com a representação da peça "A Illusão dos Tropicos", que tinha alcançado uma centena de representações no "Chinese" de Hollywood, e parecia que não sahiria do cartaz tão cêdo. Tratava-se da historia de um joven americano que, repudiado por uma joven de Cleveland, se fôra para a Africa e para o Diabo ao mesmo tempo. O scenario representava duas ruas, com os nomes, respectivamente, de "Rua das Selvas" e "Rua do Tropico". E, desta maneira, o joven, atordoado pelo seu infortunio amoroso, hesitava sobre o destino que haveria de tomar; durante os dois primeiros actos, a scena desenrolava-se, ora numa, ora noutra rua, até que um dia, embrutecido por um jantar em demasia copioso, o desilludido tomou definitivamente o rumo da selva africana. Earl assistia á peça completamente absorto. Dir-se-ia que era a sua historia que se representava ali. Viu o joven americano, vigoroso e sincero, chegar, cheio de esperança, á plantação de borracha de Banga-Tanga, no Congo, e ser recebido por um velho e degradado commerciante, creatura repugnante a quem a vida estupida daquellas paragens havia feito perder toda a idoneidade moral.

— Esteja á vontade, meu rapaz. Aqui ha, em profusão, calor, pulgas, féras, bebidas e... mulheres.

O joven riu ruidosamente, chicoteando as suas botas de couro de veado. Mostrava assim que a sua illusão a respeito do futuro em nada soffria com o espectaculo de que era espectador.

Mas o commerciante parecia querer dissuadil-o do seu proposito e continuou a sua arenga:

— Pouco sabes, joven. Vês aquelle sol sobre as arvores? Pois bem. Aquelle sol parece envenenado. Elle amollece, queima, derrete, destróe e corrompe a alma do homem branco. Tenho visto homens jovens como tu fugirem, espavoridos, depois de cinco e seis mezes de estadia. O sol envenenado só não destróe os materialistas como eu. O sol, corrompe, o alcool destróe, e as mulheres, sim, as mulheres completam a

---

O garoto. — Não lhes disse eu? Offerecem um conto de reis a quem entregar o meu pae á policia, e só quinhentos a quem entregar o pae de Joãosinho.

tropicos

Lauro Mendes

obra de destruição com os colleios allucinantes dos corpos cobreados. São as mulheres do Diabo, da ilha do Diabo, e, dentre ellas, Malooba. Ella vae-te dominar, rapaz, vae te vencer; ella é o espirito dos Tropicos, o mau espirito.

— Deus me livre — disse o joven, ao tempo que o panno cahia, dando fim ao segundo acto.

Quando o "velarium" subiu no terceiro acto, o scenario representava uma paizagem sylvestre e selvagem. O joven Edgerton já estava mudado. Não tinha mais as botas de montaria, nem o sorriso saudavel de ha dois mezes. Tinha mergulhado nas pragas do tropico, e, como disséra o commerciante, já procurava esquecer. Trazia na mão uma garrafa de licor.

— O tropico já te condemnou! — rosnou a voz do commerciante, asquerosa como o colleio de uma serpente.

Entra uma mulher em scena, semi-núa. Não fala perfeitamente o inglez, mas gagueja de uma maneira tão interessante, que o auditorio a comprehende.

— Eu, ser Malooba. Homem branco ir gostar Malooba.

O auditorio ri, mas não Edgerton. Já estava começando a abandonar as plantações. Esvazia, neste acto, seis garrafas de licor, garrafas de theatro, vazias... Mas o auditorio, escravo da lei secca, suspira penosamente de inveja. E emquanto devia empregar o seu tempo nas plantações que superintendia, divertia-se debaixo das palmeiras, cantando, ao "ukelele", canções hawaiianas para Malooba.

O quarto acto veiu encontrar Edgerton completamente mudado. Olhos encovados, barbado, sujo, maltrapilho. Estava completa a obra de immundicie dos tropicos. Mas Malooba, que o tinha abandonado, volta a procurál-o. Livra-o da bebida, limpa-o, barbeia-o e desposa-o, emfim.

Quando cahiu o panno, dando fim ao espectaculo, Earl estava pensativo, muito mais infeliz do que quando entrára. Verificára que Lidia Teresa se enthusiasmára em demasia pelo romance do joven Edgerton, a ponto de desejar ser a suja e beberrona Malooba. E, ao sahirem, maior se tornou o seu desengano ao ver que Cameroun dizia jocosamente que iria aproveitar o carro:

— Vaes para o centro? Bella idéa! Irei comtigo...

— Infelizmente, não te posso convidar. Só chega para dois...

— Já pensei nisso. Como poderia impedir-te de fazer as mudanças, eu levarei Miss Lidia ao collo.

Para falar a verdade, Earl Abott não podia comprehender como havia de dirigir o carro pelas ruas de New-York, com Lidia Teresa chegada carinhosamente ao peito amplo de Cameroun. Mas elle continuava a sua marcha, atabalhoadamente, até que pareceu ouvir um tiro de pistola. Não era propriamente de pistola, mas, como Earl estava com a mente cheia de canhões, piratas, tragedias, sangue, tudo isto era naturalmente dirigido ao inoffensivo Walter Cameroun. Fôra unicamente o pneumatico esquerdo, da frente, que estourára. Com uma praga, Earl encostou o carro ao meio fio, emquanto um carro que passava, num ranger de ferragens, lhe sujava de lama o terno de linho.

— Estás de azar! — disse Cameroun. — Digo de azar, porque, infelizmente, não é o meu forte saber collocar pneumaticos. Nem mesmo ajudar. E como o momento não comprehende vacillações, acho que o melhor que se poderia fazer seria levar Miss Lidia para casa num "cab". Que dizes?

Earl Abott disse "sim", contrafeito. E Cameroun chamou o primeiro "yellow cab" que passava. Lidia Teresa, intimamente regosijando-se pela série de emoções que ella encantadoramente causava, estendeu a mão delicada ao infortunado namorado:

— Bôa noite, Earl. Agradeço-te a deliciosa noite que passei...

Earl apertou-lhe a mãozita, contrafeito. E murmurou um "bôa noite" plangente, choroso, lacrimoso, como si lhe tivesse rebentado, sob os olhos, uma granada de gaz lacrimejante...

No dia seguinte, Miss Lidia recebia uma grande carta, com periodos cheios de lamuria e de melancolia. Entre estes havia um que dizia assim:

"...e quando receberes esta,
"estarei viajando para a Afri-
"ca. A casa de meu tio tem
"uma succursal em Peolo,
"Congo. E' bem no centro
"da selva e atravessada pelo
"Equador. Espero nunca mais
"voltar, como o joven Edger-
"ton da peça. Lembra-te de
"mim como de um homem
"que nunca conseguirá esque-
"cer-te...

O pequeno "liner" da linha tropical ha varios dias que singrava aguas da Africa. Já se avistava a costa, com seus tamaraes e palmeiras caracteristicas. Breve metteria a prôa no portozinho de Peolo. No tombadilho, um joven, em quem deverão adivinhar a alma do nosso Earl Abott, mantinha-se pensativo, no terno de brim de ultimo córte, botas de montaria, chicote. Elle contemplava a Africa. Estava surpreso de não ter encontrado o ambiente sinistro que tinha entrevisto na peça.

(Continúa no proximo numero)

— Faz bem em comprar os livros antes do Natal. Assim, evitará atrasos de ultima hora.
— Não é por isso; mas é que, assim, poderei lel-os antes de os enviar.

SEREIAS

(POEMETO)

SCENARIO: *A Vida. Segue abstracta uma rapariga. Em meio, outra, envolta num manto verde, toma-lhe a passagem e fala:*

— Tu que seguem sem dôres nem ventura,
Por que não olhas quanto te rodeia?
Nas cousas, todas, um sabor procura,
Do fogaréo do Sol ao grão de areia!

(*A joven, detendo-se*)

Quem és, que me interrompes a jornada
Pondo na voz tão magico dulçôr?

(*A outra, apresentando-se*):

Sou a Esperança, a amiga dedicada,
Dos que me seguem para onde eu fôr.

Si esmorecêres, pallida e offegante,
Embaladoramente, a minha voz
Ha de a coragem te insufflar e avante,
Atráz da vida, correremos nós!

Hei de mostrar-te, no caminho rudo,
O lado alegre, bom, compensadôr.

(*A joven, interessada*)

E onde me levarás, ao fim de tudo?

(*A Esperança*)

Para a felicidade, que é o Amôr!

(*Tentadôra*)

Si queres conhecer um bem profundo,
Tu, que todos os bens desconhecias,
Ama, porque o Amôr, é, nesse mundo,
A maior das melhores alegrias!

(*A joven, resoluta*)

Seguir-te-ei.... Nos ásperos caminhos,
E' desencorajante a solidão.
Parte, e através de flôres ou de espinhos,
Meus passos firmes te acompanharão.

Seguirei, sem pesar, por onde fôres.
Tu és a deusa, a fôrça que conduz,
Transformando amarguras em dulçôres,
E a tréva espêssa em fulgurante luz!

(*Partem abraçadas*)

II

(*A Vida. Mesma rapariga, triste e chorosa. Perscruta e chama*):

Meu amôr! Onde estás? O desencanto
Morde-me o coração, sem nenhum dó.
Por que não voltas, já que soffro tanto,
Desde que me fugiste e fiquei só?

Esperança! Ouve! O amôr, que inda alimento,
Cravou-me sua perfida tenaz.
Vem soccorrer-me o tragico momento!
Dize, Esperança, por que não vens mais?

(*Perscruta ainda e, desesperada, ajoêlha e chora. Chega outra mulher envolta num manto roxo; pousa-lhe sobre a cabeça a mão espalmada e fala*):

— Bemditos os que choram na jornada!
Sempre bemdito, quem soffrer assim!
Hei de seccar teu pranto, desgraçada,
Si tu tivêres confiança em mim.

(*A rapariga levanta-se e recúa, fascinada*)

Que seductora voz enternecida!

(*Lembrando a outra*)

Esta, porém, terá meu rude *não!*
Eu quero ir só, cumprindo a minha vida,
Sem novo affecto, nem consolação.

Quero viver do tédio que me invade.

(*Dirigindo-se á outra, rudemente*)

Quem és tu? De onde vens? Teu nome diz!

(*A outra, aproximando-se*)

Venho do Amôr e chamo-me Saudade,
Para ser teu consôlo de infeliz.

(*A joven, recuando, medrosa*)

Deixa-me, feiticeira.... Eu não te sigo.
Basta ser enganada uma só vez:
Quiz a Esperança me levar comsigo,
E eu sei agora o mal que ella me fez.

(*Recuando, emquanto a Saudade avança*)

Deixa-me só! Por outro rumo, avança!
Ella foi má.... Iguaes, decerto, sois!

(*A Saudade, enlaçando-a á força*)

Eu não te deixo.... Vamos! A Esperança
Fascina e foge para eu vir depois....

(*Partem abraçadas.*)

FIM

IRÊNE DRUMMOND

GUAPU
ADONAI DE

O louco é um infeliz que tem a faculdade de julgar outros sinceramente.

* * *

A sinceridade é o ferro em braza com que se ferretelam os forçados da sociedade...

* * *

O desespero é a razão dos que não raciocinam.

* * *

Investigação em amor é synonimo de separação.

* * *

Tanto na vida pratica, como no amor, a ignorancia vale muito. Embora saibas, finge o contrario, si queres vencer...

* * *

O beijo é a primeira falta e o primeiro passo para a felicidade final...

* * *

Entre o intelligente indiscreto e o estupido reservado, é preferivel o estupido.

* * *

O estupido, como o marido enganado, é o ultimo a saber do seu estado.

* * *

Na mathematica, duas quantidades do mesmo signal se attraem. Será por isso que as mulheres se apaixonam pelos homens effeminados? E' as de signal contrario repellem-se. Dahi a antipathia dos homens por aquelles...

* * *

Em materia de amor, não ha arrependimento e sim aborrecimento.

* * *

Affirmam que os arrependidos são os que se salvam. Estou salvo. Eis a minha confissão publica: sou um arrependido das faltas em que pensei e não cheguei a publicar.

* * *

Os poetas comparam as mulheres a figuras de "bibelots"; conheço umas que o são, em verdade, na "étagère" do casamento...

* * *

Em amor, mais que na vida publica, deve-se empregar a acção. As palavras, ás vezes, atrapalham...

* * *

Uma mulher que não ama não chega bem a ser mulher: "é uma estatueta feminina de sal"...

O selvagem é um individuo que se aborrece da sociedade.

* * *

Quando vejo uma mulher cheia de caprichos voluntariosa e de mão genio, dou, então, razão a Darwin.

* * *

O homem superior abomina o vassalismo, que é proprio dos seres inferiores, motivo por que aquelle atravessa a turba dos ultimos, sem olhal-os, evitando a curvatura dos gymnastas da politica.

* * *

Disse certa vez: «Já experimentei encaixar um monoculo no olho de um asno e não con-

YADAS

MEDEIROS

sul." Restringi o caso, não somente no asno como em outros quadrupedes, no que fiz mal — adquiri inimigos. Ainda hoje certos cães rosnem á minha passagem...

* * *

A coragem é o medo humilhado.

* * *

A maldade é uma revelação da alma.

* * *

A miséria é uma recompensa ao caracter.

* * *

O caracter é o consolo dos covardes que fraquejaram na luta pela vida.

De todos os ridiculos, o mais triste é o do casamento.

* * *

Empresta tua mulher, porém não o faças com teus livros. Da mulher, aquelle que t'a pediu, cedo se arrependerá, emquanto dos livros... nunca!

* * *

As mulheres casam-se, não porque vejam bellezas no casamento, mas para fazerem inveja ás solteironas immoladas ao "tabú"...

* * *

Como o naufrago se agarra aos destroços apodrecidos, a mulher, isolada no mar da vida, se apega a certos casamentos...

* * *

Uma senhorinha me disse achar impossivel namorar sem amar. Ora, ha quem fume sem "tragar"...

* * *

A mulher, depois do homem, é o animal mais estupido e mais egoista.

* * *

Ha occasiões em que o cavallo se identifica ao homem: na maneira de manifestar sua satisfação... bate com as patas.

* * *

A mulher, como o peixe, illude-se com a isca...

Em materia de direito do povo, só aquella pilheria do estudante: "Direitos do calouro: Art. 1.º — Calouro não tem direito"...

* * *

As mulheres, em materia de casamento, fazem como as andorinhas que vivem mudando de logar á cata de bôa estação...

* * *

O reconhecimento e o desprezo são para a ignorancia das massas o que o lyrio é para a pestilencia dos pantanos.

* * *

E' da sabedoria popular: "Deus escreve direito por linhas tortas". Fazendo o cão fiel, tirou-lhe o uso da palavra...

* * *

Certos noivados são como aquelle aviso nos annuncios de cinemas: "Improprio para menores e senhorinhas". O cinema fica assim... delles.

O SUICIDIO DE ANNA MARIA

JOÃO Carlos, o poeta predilecto das meninas da cidade, era um sonhador. As poesias que engalanavam as columnas do semanario *O Correio dos Noivos*, do qual era director, traziam em sua essencia o sentimento refinado de um romanticismo moral pouco commum.

As jovens, mariposas inquietas, que se confundiam nas vertigens da vida, liam, com paixão, aquellas magnificas silhuetas esboçadas em verso pela habil penna de João Carlos. Possuia o poeta um estylo unico para combinar suas eglogas de amor. Era passional por excellencia, e quando as meninas se entregavam á leitura dos seus sonetos, acariciavam, cada uma para si, o desejo de tomar conta do coração de tão scintillante modelador de phrases.

Entretanto, João Carlos proseguia, fecundo, embellecendo seu semanario com formosas poesias. Sua alma estava cheia de remendões, causados uns, pelas ingratidões femininas, outros, pelas desillusões da vida. Mas, ainda que as mulheres lhe houvessem proporcionado uma prematura velhice, continuava amando-as sinceramente, porque em seu coração não cabiam odios. Por isso as cantava, e, fazendo-o, maneira simples e humana, lhes dava a entender que combatia todos os seus males com francas manifestações de bondade.

* * *

Era uma tarde de domingo. Na praça principal da cidade estavam reunidos os elegantes. A banda municipal executava seu variado repertorio de musicas seleccionadas com bom gosto para amenizar aquelle passeio vespertino. As moças e os moços passeavam conversando, contando historias breves, anecdotas e commentarios acerca da grande quantidade de meninas casadoiras que formavam o conjuncto delicioso dessa tarde.

Os homens casados e as senhoras com suas filhinhas tambem ali se achavam repousando das fadigas domesticas. E, emquanto as crianças se entregavam á suas expansões infantis, seus paes, já no occaso da vida, festejavam alegremente o desfile magnifico daquella juventude em flor. E, evocando seus amores passados, seus idyllios e seus passeios, realizados talvez naquelle memo jardim, se beijavam com os olhos...

João Carlos, que não faltava ás retretas, passeava só, como que abysmado em um torvelinho de recordações.

Anna Maria, sympathica professora de piano e excellente compositora de musica, que muitas vezes fôra homenageada pelo poeta com suas estrophes de amor e esperança, amava-o em silencio, havia muito tem-

— Mas, ás onze horas da noite, me vem o senhor pedir esmola?
— E' que, devido á crise, trabalho fóra de horas...

De Silverio Manco

po. Encontrando-se naquelle logar predilecto, depois dos cumprimentos da praxe, iniciaram uma palestra que se prolongou por espaço de meia hora. Foi um idyllio inesperado, que teve a virtude de aproximál-os, fazendo-os debruçar-se ao balcão da felicidade com a sádia emoção dos que se querem de verdade.

Conversaram longa e detidamente, e quando o sol ia se pôr, a banda dava fim a seus preludios orchestraes. Foi assim que ficaram sós, na praça, sem perceber que os outros já se haviam retirado.

Aquelle encontro inesperado foi, talvez, um idyllio profundo, expressivo — um idyllio em que falaram mais os corações do que os labios.

A despedida foi breve e triste, breve como uma illusão e triste como o adeus de uma noiva enferma.

* * *

João Carlos sentiu necessidade de aproximar-se do coração de Anna Maria. Escreveu um poema intitulado *O primeiro amor*, e, com o intuito de fazêl-o musicar, se dirigiu á casa da esquisita artista, onde foi recebido com todas as honras.

Haviam transcorrido seis mezes desde então, e o exito de *O primeiro amor* deu margem a diversos commentarios acerca de seus jovens autores, que formavam um casal invejavel.

O Correio dos Noivos, semanario que, como se sabe, apparecia sob a direcção de João Carlos, estava em franco progresso.

E quando já estava proximo o dia do casamento, um doloroso acontecimento fez sossobrar a embarcação de suas illusões: João Carlos enfermou. Um simples defluxo, a principio, um forte catharro depois, e, por fim, uma impertinente tuberculose. E uma tarde de outomno, emquanto, em uma casinha, habeis mãos executavam *O primeiro amor*, João Carlos agonizava lentamente. Anna Maria quiz animál-o, fazêl-o viver, mas já era tarde. A sciencia medica havia dado sua ultima palavra. João Carlos morreu nessa mesma tarde, sem se despedir de sua noiva. Dava a impressão de que estava profundamente adormecido...

* * *

Anna Maria não teve forças sufficientes para resistir, resignada, áquelle golpe tão rude do Destino... Amava muito a seu poeta e não podia esquecêl-o nunca. E, para casar-se com elle no outro mundo, arrebentou o craneo com uma bala.

Quando acorreram seus paes, ella havia deixado de existir. Estava vestida de noiva. O traje de seu casamento. A seu lado, havia um retrato de João Carlos.

— Como é que disseste que o teu pae morreu de morte natural, quando affirmam que elle morreu no patibulo?

— Porque o meu pae foi um grande bandido, e era natural que morresse assim.

ZINON (Capital) — Entre muitos elogios, e um papel de linho roxo, perfumado, traduzindo bom gosto, v. ex. me pede publicar o meu retrato no "Saibam todos..." porque o deseja guardar.

Não penso nisso, Mlle. Porque, si o fizesse, estou certo de que os poetas de versos de pés quebrados não me deixariam em paz. Logo se lembrariam de recortal-o e pôr-lhe orelhas de asno, bigode ou outro appendice mais extravagante, para em seguida enviar-m'o por via postal.

Seria uma excellente occasião para que elles se vingassem de mim, pois a verdade é que andam á procura de um processo para me fazerem dar o desespero.

Sim. Os desafôros epistolares já não dão resultados; os telephonemas, eu os não attendo, sem saber quem deseja falar commigo.

De modo que a publicação da photographia seria uma coisa excellente. Mas nessa não caio eu...

Si v. ex. faz questão do meu retrato, é facil obtel-o no meu livro "O Suave Enlevo", onde elle se acha em uma das ultimas paginas. O livro é vendido ao preço de 4$000, na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166.

Essa propaganda tambem é dirigida aos poetastros, meus detractores. Comprando a obra, elles terão a photo para fazer della o que quizerem... Comprando-a, eu não me incommodo com o resto...

Percebe?

ANGELUS (Capital) — Não sei si estava deante de um poeta ou de uma poetisa. Creio que não estou deante de um, nem de outro. *Angelus*... O nome lembra poesia. A hora do entardecer. A hora suave em que um poeta pode cair na cesta... Oh! desculpe! Estou brincando com o sr. (Ou com a sra?)

Illustre sr. *Angelus*. O sr. — ou sra? — me dá a impressão de que é um poeta de retalhos. Isto é, o sr. não, a sua poesia. A sua poesia lembra uma colcha de... remendos... Remendos de todas as côres...

Vejamos. Envia-me este recado e, no mesmo papel, o seu soneto *Esmeralda*:

"Yves. Bom dia! Queria que o Sr. tivesse a gentileza de me dar sua opinião sobre este soneto:

ESMERALDA

Verde esmeralda é a côr que eu [amo,
Nella vejo os campos, as arvores, [os prados,
Bosques floridos e jardins doi- [rados
Onde a esperança em tudo se re- [vella,
Verde esperança. Os desesperan- [çados
Não conhecem o bem que nos vem [della.
Que é da esperança é a côr mais [bella,
A côr dos bardos e dos namorados

Quem com firmeza espera, sempre [alcança.
Viva em aureo castello ou numa [poça
De sangue e cinza, amemos a es- [perança

Eu fiz della o maior dos evan- [gelhos.
Porque a esperança que é menina [e moça
Mora na alma dos novos e dos [velhos.

Saibam

Antecipadamente acceite meus agradecimentos.

Na resposta queira dirigir-se a *Angelus*."

Quer saber a razão por que digo ser o seu soneto feito de retalhos? Porque dá a idéa de ser composto de versos de differentes poetas.

Exemplo: os quartetos constam de versos de bardos de varias classes e escolas; os tercetos devem pertencer a um poeta equilibrado; a assignatura é que deve ser do sr. (ou da senhora?) A cesta, é minha. Isto é, pertence á redacção. Mas disponho della, á vontade, e posso metter no seu bojo quem eu quizer. Ella não reclama.

Não faça cerimonia: entre, doutor (Ou doutora?)

ARNALDO KELLY ROSER (Capital) — Uff! E' hoje o dia dos poetas! Que horror! Entramos no inverno. E eu pensei que, com o frio, "elles" se espantassem e mettessem a lyra... no sacco. Mas vejo que os homenzinhos são terriveis. Talvez fosse necessario um terremoto, para que elles fugissem. Não é que desgoste dos vates. Isso, não! Gosto delles! Mas gosto dos bons poetas, está claro.

Infelizmente os maus é que me perseguem. Aqui está um poeta das Arabias.

Leiamos a sua missiva:

"Snr. Yves. — Saudações. Illmo. Snr.

Para quem está acostumado saborear cartas graciosas de senhorinhas gentis, não será talvez muito agradavel esbarrar com a assignatura de um marmanjo no meio de tanta correspondencia deliciosa.

Comtudo espero que desculpe minha insolencia e peço o especial obsequio de passar os olhos pelos versos que junto, se é que pode considera-los versos, e, se julgar viavel fazer com que sejam publicados no FON-FON.

A INFLUENCIA DA DIGESTÃO SOBRE O CORAÇÃO

todos . . .

Desde já grato pela attenção, subscrevo-me com estima e consideração.

De V. S. Ador. Att.º

Arnaldo Kelly Roura

Muito bem. — A poesia que o Sr. me manda me dá a impressão de que é uma chalaça — semelhante áquella que convem dizer ás mulheres bonitas que, na sua opinião, são como deusas...

Tambem é possivel que se dê o caso de que o sr. esteja com o cerebro um tanto desorganizado...

Emfim — resumamos — seja como fôr, o sr. é um poeta de coragem. Si não impressiona pela arte, faz-se admirar pela intrepidez. A intrepidez de escrever, passar a machina e enviar a uma revista os versos (?) que se seguem:

A DEUSA SEMI-NÚA

DE ALDO K. ROSA

Verão!...
Um calor que abraza!
O asphalto é uma trempe
de um enorme fogão.
A noite muito estrellada
é a máscara do sol
para que a gente pense
que elle não fez nada.
No entanto
(mas que besteira)
quanta energia á-tôa
e a gente suando
que nem geladeira.
De branco
muita gente na Avenida.
De tanto calor
a influencia da côr
fez com que na Avenida
tambem o Rio
ficasse branco.
E quanta mulher bonita!...
Alguma quasi núa!
Aquella é uma deusa!...
Convem dizer-lhe uma chalaça;
isto é, fazer-lhe uma prece.
Mas que graça:
se mais a gente anda,
mais a gente súa
e não ganha a benção
da deusa semi-núa...

Arnaldo Kelly Roser

BRUNO SANTANNA (S. Paulo) — Aqui vae a carta que o sr. me escreve e onde tambem se encontram os seus primeiros versos:

"Snr. Yves — Cordiaes saudações — Lendo e observando a sua critica, honesta, sincera, atravéz de diversos numeros da Revista "Fon-Fon", animo-me a enviar-lhe estes versos, afim de que V. S. os julgue.

Explico-me: são estes os meus primeiros versos, e carecendo de uma critica sem véos e sem hypocresia, apresento-os a V. S.

Grato, de ante-mão pela attenção que me dispensar, subscrevo,—

De V. S. Am.º Att.º Obrd.º

Bruno Sant'Anna

Eil-os.

PROMESSA

Lembro-me muito! Mal escureceu
A sala de espectaculos, eu disse...
(Senti parar o coração... E o teu,
Quem sabe elle parado me ouvisse!)
Quanta cousa falei, nada talvez
Do muito que meu coração pedisse.

Depois de ler esses dois tercetos, fico a pensar que o sr. está pilheriando, pois não acho que tenha pensado, de bôa fé, que os considere poesia.

Ha leitores que se dão ao prazer desses divertimentos.

Contentam-se com a resposta que lhes dê.

Outros se servem do nome de terceiros e abusam da minha bôa fé. Quando a resposta sáe, os poetas alcançados pela minha brincadeira, e que nada me pediram, desandam a descompôr-me, como si eu fosse responsavel pela troça de quem me escreve.

Estou julgando que fizeram o mesmo com o sr...

Não, caro sr., não acredito que tenha produzido aquella obra prima... pelo avesso...

DIOGENES DE NORONHA (Espirito Santo) — Tenha paciencia. Os seus versos não podem ser publicados.

YVES

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Salvem todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON-FON — 23 - 5 - 931

Data da consulta...............

Nome do consulente...............

....

NOIVADO DESFEITO

(Fragmento de uma carta que Luis Robillard dirige a um amigo intimo).

"E agora vou explicar-te o que me occorre:

Como sabes, eu era noivo de Helena, a filha do tabellião Lemoutier. Adoravamo-nos e deviamos nos casar, como tambem has de saber, dentro de tres semanas...

Pois bem: faz duas horas que rompemos, desfazendo o noivado...

A causa do cataclysma?

Helena e eu eramos noivos ha seis mezes. Nosso casamento, que por nossa vontade já se teria realizado, foi adiado até quando me dessem o titulo de advogado, porque o sr. Lemoutier achava que eu devia esperar até poder pôr nos convites: "Luis Robillard—Advogado dos Tribunaes".

Valia a pena essa estupidez de meu futuro sogro, que nos retardava o dia de podermos querer-nos sem testemunhas? Não, e mil vezes não! E Helena e eu ficamos furiosos... Até que resolvemos, para que melhor se passasse o tempo, procurar a occasião de ver-nos todos os dias em segredo, sem que ninguem o soubesse.

De que modo agiamos? Verás. Todas as manhãs, ao fazer Helena, com sua mãe, o plano do dia, procurava arranjar nelle um par de horas para mim, com o pretexto de visitar alguma amiga. E, effectivamente, á tarde, em vez de ir á casa de Suzanna ou de Bertha, ia encontrar-se commigo onde, na véspera, haviamos combinado (esperando o omnibus, em uma estação do "Metro" ou na porta de uma casa de módas e dali iamos de braços, dar um passeio pelas ruas afastadas, em bairros extremos.

Hoje, como todos os dias, marcára encontro com Helena para as cinco horas, estação do "Metro" da praça da Comedie. Dali tomamos um *taxi*, que nos levou ao Bois de Boulogne, onde passeamos durante duas horas, e ás sete deixei minha noiva perto de sua casa, para ter tempo de ir mudar de roupa, pois eu devia voltar a ver minha Helena adorada: jantaria esta noite com minha futura familia.

A's oito, entrava eu em casa de minha noiva, e quando esperava que me aguardasse para trocar com ella estas palavras, ou semelhantes: "Que linda tarde passámos!" "Luis, cala-te, sinão nos ouvem!"... —qual não foi minha surpresa quando, em vez de Helena, me encontrei com meu futuro sogro, que, sem cumprimentar-me affectuosamente, como sempre o fazia, me olhou com uma frialdade desconcertante e me disse:

— Ah! E' o senhor, cavalheiro? Já o estava esperando. Preciso falar-lhe.

— Precisa falar-me, meu querido papae? — perguntei, um pouco inquieto pelo tom por que elle se me dirigia.—E de que se trata?

— De que se trata?!...

Mr. Lemoutier tornou-se grave e ajuntou:

— Trata-se, cavalheiro, do seguinte: foi resolvido que o senhor

AO PE' DA LETRA. — Senhora A. (á senhora X., esposa do orador): Por que seu marido faz essa cara tão terrivel?

Senhora X. — Emquanto se vestia esteve ensaiando, e, agora, chegou ao pedaço em que estava pondo o collarinho...

De Max e Alex Fischer

não se case com Helena. Não estando louco, — e eu não o estou — não estando louco, repito, nenhum pae entregaria sua filha a um homem que tem pouca consideração com ella, e que, tres semanas antes do casamento, se exhibe em publico com outra mulher.

— Mas, — repliquei, indignado — quem inventou semelhante infamia?!

— Não negue, que é inutil. Vi-o com meus proprios olhos. Passavamos, minha mulher e eu, esta tarde, ás cinco e dez, pela praça da Concordia, quando o vimos em um *taxi* acompanhado de uma mulher, que não pudemos fixar direito, porque nesse momento o senhor commettia a indecencia de beijal-a. O auto tomou a avenida dos Campos Elyseos... E que me responde a isso? Parece-me que as provas são para confundil-o, cavalheiro! Depois disso, o senhor deve comprehender que a sua presença é demais nesta casa!...

Que podia eu fazer nem dizer em tão difficil situação?

Estive quasi a protestar indignado, dizendo a M. Lemoutier:

— E' uma infamia o que o senhor julga de mim! Dizer que eu não gosto de Helena!... Mas, si era ella, minha noiva, a mulher com que o senhor me viu no *taxi*, na praça da Concordia! Era sua filha a mulher que eu beijava com illusão, ao passar perto do senhor! Era minha Helena! Minha Helena adorada!

Mas... era impossivel fazer tal confissão a um pae, sobretudo a um pae tão intransigente como mr. Lemoutier... Baixei a cabeça, e vim para casa desesperado.

Assim, meu noivado está desfeito... Não sei o que vamos fazer... A menos que possa eu falar com Helena, e formos os dois visitar a avózinha della, a avozinha Lemoutier, para lhe contarmos a verdade e lhe rogarmos que nos proteja para que possamos casar-nos.

. . . .

Interrompi a carta para ir attender ao telephone, que chamava.

Era ella, Helena, que, afinal, conseguira poder se communicar commigo...

Parece que, depois de sahir eu de sua casa, as coisas peoraram. Sua mãe chamou-a para contar-lhe minha "infame conducta". E Helena, no intuito de poder acalmar os velhos e defender-me, parece que lhes disse:

— Mas, vamos, papae e mamãe... Não acho motivo para que condemneis assim o pobre Luis... Si o vistes beijando uma mulher é prova de que... é um homem carinhoso. E isso... não creio que seja algum inconveniente...

Mas taes palavras foram contraproducentes, pois, ao ouvil-as, sua mãe respondeu, com accento de verdadeira desolação.

— Meu Deus! Isto é mais terrivel do que eu suppunha! Tão innocente e ingenua como esta creatura, si chegar a casar com semelhante individuo... Antes de dois mezes, sua vida seria um verdadeiro calvario..."

Por copia.

SI A CONHECESSE! — A menina (escutando uma conversação sobre os preparativos do almoço do dia seguinte) — Oh, mãesinha, por favor! Não matem aquella gallinha! Eu a conheço desde quando era ainda ovo!

AGULHAS...

— "Dize-me o que cantas, que te direi a que bairro pertences" — eis um proverbio paraphrastico que se enquadra perfeitamente na realidade musical brasileira.

Pelo canto, identifica-se a procedencia do individuo, a sua mentalidade e educação.

Uma voz que fere os ouvidos alheios com o "Nem é bom falar", aleijão carnavalesco que transitou impunemente pela capital da Republica, durante a ultima quadra da folia, não póde, não deve morar em Copacabana.

Uma victrola, por mais cara que seja, a dizer que tem "um companheiro inseparavel" na "voz" do "meu plangente violão", mostra logo o valor de quem escreveu os versos e a tolerancia de quem os ouve.

Infelizmente, porém, como accentuámos na chronica anterior, o Brasil é um cavalheiro que canta as peores coisas do mundo, numa preferencia acabrunhadora pelos poetas mediocres.

Si o julgarmos debaixo do criterio exarado no proverbio que ha pouco citámos, chegaremos á conclusão de que elle mora num "bungalow" de latas velhas, num dos morros cariocas.

A sua profissão será a malandragem, com certeza.

Frequentou, em pequeno, a escola da preguiça e, agora, desordeiro famoso, "bamba" de facto, só vive fazendo revolução na zona que frequenta.

Por felicidade, ha pouco aprendeu uma canção em bom portuguez, o "Hymno a João Pessôa", que promette não esquecer.

JOUBERT DE CARVALHO

Em torno do talento de Joubert de Carvalho já muito se tem escripto e mais se teria que escrever, caso no nosso paiz se attentasse nas figuras que se movimentam no ambiente artistico nacional.

O brasileiro, em geral, quando ouve uma canção, uma valsa, uma musica qualquer, e gosta da sua melodia, aprende a assobial-a e com isto se dá por satisfeito.

Quando o interesse é demasiado, chega ao heroismo de comprar, por 200 réis, um desses horriveis "jornaes de modinhas" que se imprimem clandestinamente pela cidade, afim de aprender a letra da peça em questão.

Os que vão ás casas de musicas para adquirir a partitura de piano ou para comprar o disco correspondente, formam uma minoria sufficiente para que os autores se encham... de fome.

Mas Joubert de Carvalho, apesar dos pesares, é um dos poucos compositores que não podem queixar-se.

O publico não lhe tem dado, pessoalmente, as demonstrações de carinho a que elle faz jús, apontando-o nas ruas como uma das razões do nosso orgulho.

Mas tem, indiscutivelmente, sabido recompensar a obra, ou melhor, as obras devidas á sua inspiração.

Aliás, o merito, é preciso que se accentue, não está, de modo algum, entre os que apreciam as peças de Joubert e sim na qualidade das suas musicas, que encantam o subconsciente collectivo, forçando um agrado geral irrestricto.

Temos verificado, muitas vezes, que pessôas de trato, de certa educação e leitura, ignoram em absoluto os nomes dos autores mais festejados, cujas composições sabem de cór, e que, quando estes lhe são apresentados, abrem os olhos com espanto, interrogando:

— Que? E' o senhor?

Ainda ha dias succedeu isto com Joubert de Carvalho, no momento em que o redactor desta pagina o approximava de um conhecido.

Convenhamos, portanto, que não ha, no Brasil, estimulo de qualquer especie para um moço com o talento do autor em apreço, e que, si elle faz coisas tão lindas, é mesmo porque nasceu para fazel-as.

Depois, a inveja dos "officiaes do mesmo officio", que accusam de plagiario a qualquer um que alcance successo, a falta de compensação financeira por parte dos editores, a inexistencia de uma critica para o genero, tudo isto concorreria, fatalmente, para que Joubert de Carvalho fugisse á luta, caso elle não fosse um predestinado.

Mas a sua trajectoria, desde que appareceu com o fox-trot "Principe", que muitos julgaram estrangeiro, até hoje, com o "P'ra você gostar de mim", tem sido brilhantissima.

E' um romantico encantador, nas suas valsas levissimas, um humorista ingenuo, nas canções carnavalescas, um cuidadoso requintado, nos fox-trots capricho sos, e um perscrutador subtilissimo dos textos poeticos, nas composições de maior penetração emotiva.

"Hula", "Quero ver você chorar", "Dôr de recordar" e "In Extremis", esta ultima sobre os celebres versos de Bilac, são paginas que apoiam as nossas affirmativas.

Ainda recentemente, num recital realizado no Syndicato Medico Brasileiro, tivemos opportunidade de escutar novas creações suas.

Joubert de Carvalho apresentou, nessa festa, lindas melodias que escreveu para versos de Adelmar Tavares, Olegario Mariano, Luiz Gonzaga, Chryso Fontes, Mendes Fradique, Gastão Penalva e Oswaldo Santiago, que foram cantadas pela senhorita Gilda Abreu.

São outras tantas perolas para o seu collar de maravilhas.

"TEU SORRISO É A MINHA DÔR"

Attendendo a diversos pedidos que nos têm sido feitos, muitos vindos do interior dos Estados, publicamos adeante os versos da valsa "Teu sorriso é a minha dôr", letra do nosso companheiro Bastos Portela e musica de Oswaldo Santiago.

Eil-a:

1.ª parte

"Juro por Deus que te adorei,
por teu amor fui infeliz!
Mas nunca mais me esquecerei
de que te amei, de que te quiz...

2.ª parte

Oh, vê nos jardins as rosas
como choram sem querer!
E como no céo, piedosas,
ha estrellas a tremer!
Só tu, com teu riso lindo,
de ironia e de amargôr
me vês padecer e sorrindo
zombas do meu louco amor!"

Como já tem sido largamente annunciado, "Teu sorriso é a minha dôr" foi gravada em discos "Odeon" pelo tenor Edgard Velloso e impressa para piano pela "Edição Guanabara".

Embora muito frageis, não tenha medo de as lavar

Na espuma de neve do Lux os tecidos mais frageis não correm o menor risco. Basta que observe como as suas mãos ficam assetinadas ao passal-as nessa espuma

No pacote de Lux, V. S. encontrará myriades de laminas da espessura de seda, refulgindo como diamantes que rapidamente se dissolvem em flocos de sabão, espumoso e branco.

Nessa espuma rica e pura, V. S. póde mergulhar com toda a confiança as suas meias e combinações mais finas. Não esfregue nem torça, lavando com Lux. Basta espremer suavemente a espuma contra o tecido para que a sujeira se desfaça, expellida de todas as malhas.

As sedas finas, de côres delicadas e os tecidos mais tenues, parecem novos depois de lavados com Lux — volta-lhes toda a frescura primitiva. E as mãos de V.S. tornam-se tão macias e setinosas como se V. S. lhes houvesse applicado um crême de belleza.

Com Lux póde usar agua morna e não precisa esfregar nem torcer.

Lx 14 - 01330 Br

Nas Creanças, a tosse é um mal quasi que permanente. Sejam sadias ou doentes, as creanças não escapam á visita frequente da tosse. E o "Bromil" na tosse das creanças, é de um effeito admiravel, bem como na coqueluche, cujos accessos cédem rapidamente ao poderoso xarope.

Para os Velhos, o "Bromil" é uma protecção providencial: combate a chamada *Tosse dos Velhos* e, acalmando os accessos que se manifes-

tam de preferencia á noite, permitte ás pessoas de edade o beneficio de poderem dormir tranquillamente.

TOSSE ? BROMIL

ANNO XXV

FON-FON

NUMERO 21

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 23 de Maio de 1931

Vertigem - eloquencia do amor

— Minha amiga — disse Roberto — você já foi, para mim, o centro de uma circumferencia...

Ironica, a bocca entreaberta como o bico de um passaro ferido, Dorinha motejou, espantada:

— Por que essa figura geometrica? Não entendo o que deseja exprimir. Vamos, meu caro, explique-se.

— Preferia não explicar. E' fatigante dizer as coisas claramente. Na vida, ha sempre logar para o velho conceito de Mallarmé, falando da poesia symbolista: as coisas devem ser sempre suggeridas. Apenas suggeridas... O resto é a imaginação que completa...

Sempre risonha, Dorinha insistiu:

— Por favor! Explique a sua imagem... Ou antes, a sua geometria amorosa...

Iam flanando pelo jardim da vivenda. As rosas. O crepusculo era um sonho côr de nacar. A seda das primeiras sombras cahindo. O canto de um repuxo, escondido entre as folhas verdes das nympheas.

Roberto e Dorinha se sentaram em um banco de pedra. De pedra ou que fingia pedra. Num artificialismo muito do caracter do seculo.

— Vamos, Roberto! — disse Dorinha, comediante, tomando-lhe as mãos robustas, como nas novellas de amor.

Olhos longe, uma inflexão grave na voz melancolica, Roberto falou, evocativo, numa resignação fatalista:

— Você era o centro de uma circumferencia, e eu era uma mariposa estonteada.

A musica de uma risada interrompeu a magnitude do silencio e do crepusculo tombante. (Dorinha é incorrigivel).

— Você, uma mariposa?

— Porque rodava, tonto, como attrahido pelo seu olhar, em volta da sua figurinha de boneca...

— E depois?

— Depois, como não me pedia afastar de você, caia ali mesmo...

— Na circumferencia?

— Não, junto do centro...

— Junto de mim?

— E' claro! Não havia de ser ao pé de outra mulher...

Dorinha pensou um instante. Agora, tinha uma expressão de tristeza nos olhos pequeninos e escuros. Os seus cachinhos dançaram a um movimento da cabeça inquieta. Uma cabeça á Clara Bow — moderna e buliçosa:

E repetiu:

— ... "Não havia de ser ao pé de outra mulher..." Então, você sempre gostou de mim?...

— Sempre. E ainda duvida?

— E hoje? Não gosta mais?

— Gosto.

— Muito?

— Não... Pouco... Muito pouco...

Ella voltou-se para elle. Escandalizada:

— Ih, como você é mau!...

— Mau, não. Fui apenas cordato. Resignei-me. Conformei-me com o soffrimento que você me quiz impôr...

— Não comprehendo, Roberto!

— Não comprehende? Pois é claro.

Calou-se um momento, pensativo. E reatando, a seguir:

— Num affecto, Dorinha, ha de haver sempre um que mais ama. Esse que mais ama, é o que mais padece. Infelizmente é assim... Sempre foi assim...

— Mas, si ama, deve ser feliz — objectou a pequena.

— A's vezes, é preferivel não ser feliz... Não amando... E nesse caso, só ha um caminho a seguir...

— Diga qual é...

— Aquelle que era indicado pela tactica de Napoleão: "En amour, la seule victoire c'est la fuite..."

— Ah! — gemeu ella, comprehendendo — Fugir... E' esse o seu proposito?

— E'.

— Por que?

— Porque prefiro amal-a á distancia, uma vez que perdi a confiança em você. A confiança no amor de uma mulher é a mais consoladora das illusões. A confiança no amor não existe. E' uma ficção. O que existe é a illusão da nossa confiança... Percebe?

— Mas eu saberei, nesse caso, reconquistar essa confiança... Deixe que o tente, sim, Roberto — soluçou ella, desolada, escondendo, de repente, os olhos lindos e vermelhos nas fortes mãos do rapaz.

E este, inflexivel:

— A mulher chóra quando quer; e ri quando não lhe convem chorar.

Rematou com esta phrase:

— A lagrima feminina é uma fórma triste da mentira...

Ella beijou-o. E elle:

— O beijo é a fórma mais cariciosa da traição. Judas...

Mas não póde proseguir: ella desmaiou nos seus braços.

Bastos Portela

Samaritana

COM os primeiros frios do inverno e as ultimas desillusões da minha vida, você voltou, Samaritana. Voltou com o cântaro vazio, porque não me trouxe a agua da esperança. Voltou mais triste e mais só, apesar de vir acompanhada... Apesar de trazer pela mão, contrafeito e mutilado, o seu grande sonho de mulher bonita e joven. Aquelle sonho deslumbrante, aquelle lindo sonho que a sua mocidade feminina reclamava do destino, mesmo assim como lhe chegou: ensanguentado e amargo, pobre e desalentado.

Foi você mesma que o desejou. Foi você mesma que o pediu ao Senhor dos mundos e das vontades. Não desespere inutilmente. Conforme-se com o seu destino. Acceite-o com esse amavel sorriso que sempre, inquietamente, lhe bailou nos lábios rubros de desejos, agora satisfeitos. Não desespere, Samaritana. Soffra como eu tenho soffrido: esperando. O amor exige de nós dois, que nascemos sob um mesmo signo de desventura, o grande sacrifício de esperar. Esperar o impossível, amargando a realidade da dôr. Esperar aquillo que nos foge suavemente, sem desapparecer dos nossos olhos desolados. A miragem do deserto da nossa vida. A estrella que morreu e continúa, implacavelmente, rutilantemente, a brilhar para o nosso sombrio mundo sentimental. A piedosa mentira. O consolo doloroso do irremediável.

Bôas vindas, Samaritana! Eu estou prompto para recebêl-a assim como você volta. Já me acostumei a acceitar a promessa inútil do amor distante, do amor impossível. Já me acostumei a esperar o que não vem...

Entre no meu coração, Samaritana de olhos verdes! Revolva-lhe os archivos enferrujados. Escancare-lhe as portas dilaceradas pelas mãos da descrença. Mas, não fuja de novo. Demore um pouco no velho casarão onde o prazer, ha longos annos, dorme, tranquillamente, o seu grande somno eterno. Entre devagarinho. Tenha cuidado, Samaritana! Não vá fazer barulho. O prazer póde acordar. E, então... Adeus, melancolia! Adeus, soffrimento! Adeus, delicia de esperar!...

Samaritana, por que você voltou com os primeiros frios do inverno? Aquelle calor antigo, Samaritana, já desertou do coração que você e o destino atiraram nos icebergs da desillusão. Pobre coração sem uma esperança, sem um consolo, sem uma doce certeza de ser feliz!

Não importa, Samaritana! Conte commigo. Mande as rosas da sua inspiração para as pobres rosas da minha saudade...

Mauro de Alencar

FAIANÇAS

A QUE ERA UMA ROSA MYSTICA

TODO affecto começa muito bem — porque é sempre uma novidade. Si me dão licença, ponho aqui este logar-commum: "No começo tudo são flores."

Flores... Digo bem. (Na verdade, ella, no começo, era uma flor.)

Não é que se chame Rosa, nem Violeta, nem Acacia. Tem até um nome um tanto mystico.

Mas, por isso mesmo, é que, não sendo flor, lembrava uma Rosa Mystica — pela ternura do seu sorriso e a doçura das suas attitudes.

Quantas vezes, como agora, neste maio de flores — tive desejos de ajoelhar-me a seus pés, como deante de uma Immaculada, e rezar a ladainha do meu amor! Quantas vezes!

A' tarde, quando eu a não via, encontrava uma immensa amargura na solidão em que ficava. E, embora o meu silencio estivesse cheio della — cheio da sua voz, do seu perfume, do rythmo do seu andar, e do seu corpo — eu me sentia ermo, deserto, vazio de tudo. Vazio de idéas, de palavras, de sonhos, de alegrias... Enchia apenas esse vacuo imaginario o phantasma branco da saudade.

Mas, de repente, ella se transforma. Todo aquelle nimbo de graça, de pureza e de encanto, que a aureolava se desfez como se fosse de nevoa, ou de fumaça. Ficou a creatura simples. Isto é, a mulher. A mulher com todos os seus defeitos... Defeitos? Talvez virtudes. Para uma filha de Eva, não ha defeitos, propriamente: só ha virtudes, predicados, qualidades...

Mas, si defeitos são os que ella possúe — não é por elles que o meu affecto, dia a dia, se desencanta. É pelas suas virtudes.

Sim. Ella não era pudica, não era timida, não era sensata, não calculava a sua vida, o seu futuro, com prudencias burguezas e raciocinios mathematicos. Não! Ella era simples.

Não tinha virtudes, nem defeitos. Tambem não era mulher — no sentido commum da palavra.

Ella era antes uma alma, um coração, um espirito, uma cabeça de boneca e um sorriso que lhe não abria os labios em aspas — mas os contrahia, apertava, — até reduzil-os a um confetti, á fórma de um *bonbon*, de uma pitanga, de uma bonina... E depois o seu perfume, a sua graça, o velludo das suas mãos brancas de resedá... Ah, comprehendem agora porque disse, ao iniciar esta chroniqueta: "No começo tudo são flores?"

E' um logar-commum. Mas o amor, quando deixa de ser logar-commum, deixa tambem de ser amor...

Encantada com o sapato novo...

Y V E S

Aveu

(Sobre um motivo do "Carnaval" de Schumann)

Por esta grande tarde azul, serena e fria,
emquanto nos rosaes agonizam as rosas,
em caricias de sêda, as tuas mãos nervosas
cantam na livida brancura do teclado,
quaes dois passaros tontos de harmonia...
Teu helleno perfil brilha, transfigurado...
... Scismo que vaes, em sons, te evolando no ambiente,
imponderavelmente...

A alma de luar de Schumann estremece
o silencio, e refulge em clarões musicaes.
As plangencias do «Aveu», num sussurro de prece,
vôam, sonhando, no ar, transformadas em ais...
Ao meu olhar, quasi te desmaterializas...
As tuas fôrmas vão tornando-se imprecisas...
o teu corpo se esfuma... a tua alma lyrial
em musica se esfaz, em musica se expande:
tua alma é todo o teu ser: todo o teu ser é um grande,
um doloroso e humano sonho musical!

A tarde vae agonizando...
(Esta angustia mortal, que entra a sala, adejando,
como uma ave tristonha, é da tarde que nasce,
ou vem das tuas mãos, que soluçam, canóras?...)
... E eu me quedo a pensar: si eu te falasse tudo?...
Si eu te dissesse tudo, e tudo confessasse?...
... tudo em que não pensaste... ah! tudo quanto ignoras...
Pulsa-me o coração nos lábios soffredores...
Neste silencio atroz, que é um desespero mudo,
murcham palavras nos meus lábios, como flores...

Nada te confessei da minha pobre vida...
Mas essa confissão dolente e commovida,
que — sem querer — não fiz;
a pobre confissão que não farei jamais,
(Covardia infeliz de tentar ser feliz!...)
a minha confissão — estes meus sonhos vãos,
floridos de manhã, mortos na tarde fria —
transfigurada em sons, em musica e harmonia,
vibrou nas tuas mãos sentimentaes...
vibrou, chorou, gemeu...
E tu não comprehendeste, e não sentiste,
meu grande Amôr!, que, emquanto
Schumann chorava, dentro em tua alma doce e triste,
a tristeza tristíssima do pranto
do «Aveu», e o meu olhar sem luz buscava o teu,
— a confissão do meu amor, que não ouviste,
chorava em tuas mãos!...

ABGAR RENAULT

O Automovel Club do Brasil, que reúne no seu quadro social os elementos mais representativos do nosso «grand-monde», deu inicio, sabbado ultimo, ao seu programma de festas da presente estação, offerecendo uma «soirée»-dançante á finissima sociedade que se movimentou, na noite daquelle dia, nos salões aristocraticos do Palacio da rua do Passeio. Foi uma reunião de grande brilho mundano e da mais alta distincção. Uma alegria communicativa impregnava de encanto aquelle ambiente fidalgo, onde havia sorrisos galantes e elegancia irreprehensivel. A directoria do Automovel Club do Brasil, de que são figuras destacadas, pelo prestigio social e pela sympathia pessoal, os drs. Carlos Guinle e Nelson Pinto, respectivamente, presidente e primeiro secretario, deve ter ficado satisfeita com o auspicioso exito da festa inaugural da temporada elegante nos salões daquelle nobre «cercle».

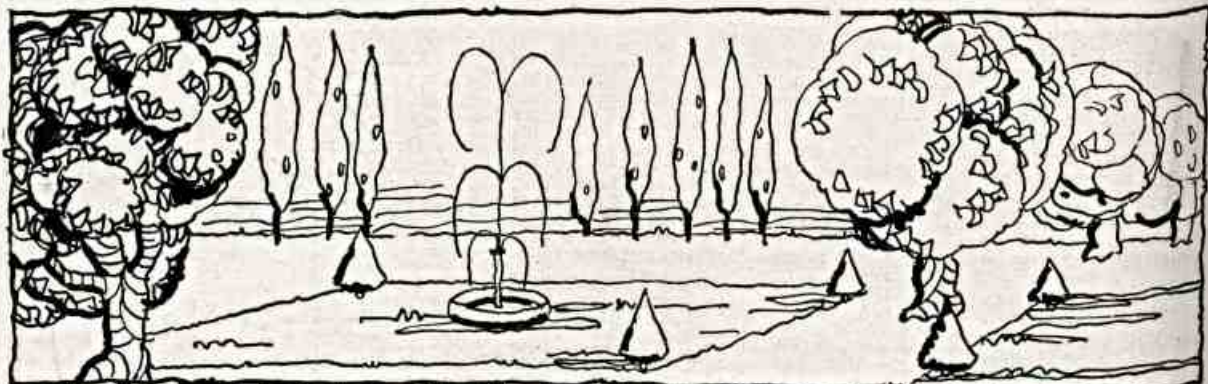
KATUCHA

Benjamim Costallat põe hoje na rua o seu novo romance — *Katucha*, que vem sendo ansiosamente esperado pelo grande publico do escriptor admiravel cuja obra se enriquece cada anno de novos livros impressionantes e notaveis.

Depois de *A loucura sentimental*, que foi aquelle successo de livraria raro em nosso meio sáfaro, e que a critica consagrou como uma das obras primas da literatura contemporanea, *Katucha* será o romance brasileiro procurado pelos que apreciam a vibração do sentimento e da arte numa historia do mundo, dolorosa e amarga como o proprio mundo.

Mas, queremos aqui apenas annunciar aos admiradores de Benjamim Costallat o apparecimento de seu novo romance, que desde hoje as nossas livrarias exporão á venda.

LETRAS FEMININAS

«Felicidade»! Nome que por si só vale todo um poema. Ao vêl-o, insensivelmente, a nossa curiosidade se volta para elle, investigadora e egoista. Será por isso que a sra. Coryna Rebuá terá chamado «Felicidade» ao seu primeiro poema? Fazer versos, e bons, ás vezes é uma felicidade. Nesse caso, a poetisa patricia foi coherente e bem avisada na escolha. Seja como fôr, o seu poema revela a historia de uma alma feminina. E acaso isso não dirá tudo?

JARDIM ABERTO, D. Jayme

O MEU DICCIONARIO DE COUSAS DA AMAZONIA

RAYMUNDO Moraes é uma das mais bellas figuras literarias contemporaneas do Brasil. Conhecendo a Amazonia a fundo, sua vida, sua natureza, seus costumes, seu folk-lore, suas tradições, sua gente, a fauna, a flora, a geologia e a potamographia daquella planicie formidavel, ninguem como elle jamais pintou, descreveu e sentiu a natureza daquelle mundo esquecido. Durante muitos annos, commandando vapores mercantes, Raymundo Moraes navegou no Rio Mar, passou seus estreitos e furos, explorou igarapés e paranás, viveu em communhão intima com o meio e com o habitante.

De tanto amal-os e sentil-os, um dia seu coração transbordou de emoções. E foi quando elle as transmittiu ao publico num estylo brilhante e claro, com uma propriedade de expressão rara e com um enthusiasmo que logo o puzeram na primeira fila dos nossos homens de letras. Traçando esse rapido esboço de sua invulgar figura literaria, devemos lembrar o exito de seus livros sobre a Amazonia, principalmente das "Cartas da floresta", do "Paiz das pedras verdes" e do "Na planicie amazonica", em cujas paginas rolam as aguas assombrosas, cantam as yáras e os yrapurús, passa a Boiuna sinistra, deslisa o Jurupari mysterioso, o Curupira bate com a ivirapeme nas sapopembas colossaes, os seringueiros rompem as lianas da selva e o indio nú revela o segredo das malocas selvagens.

Todos esses livros magnificos são como janellas que elle abrisse para a luz, convidando os leitores a nellas se debruçarem para contemplar a matta viridente, os bichos de pennas e de cerdas, o homem agitando-se através dos tempos naquelle espaço immenso, os accidentes da historia e toda a poesia das lendas.

Não fenece com os annos o amor de Raymundo Moraes pela Amazonia assombrosa. Dia a dia, colhendo notas, meditando, estudando, informando-se, elle vae completando a sua grande obra patriotica e serena. Assim, nos dá agora o primeiro volume do seu "Diccionario de cousas da Amazonia", em que, ora ponderado e serio, ora jocoso e ironico, fixa em innumeros verbetes os termos do linguajar, as formas do pensamento, a memoria dos objectos, a feição dos viventes, tudo quanto pertence de perto ou de longe ao valle verde em que rolam as massas liquidas da maior bacia fluvial do planeta.

"O meu diccionario de cousas da Amazonia" triumphará tanto, si não mais que os outros volumes do notavel escriptor. E, entre os que trazem palmas votivas ao seu triumpho, estamos de coração, lamentando sómente que cada região do Brasil não possua para Raymundo Moraes de fixal-a em capitulos duradouros no pensamento nacional.

O escriptor Raymundo Moraes.

O Atlantico Club offereceu, sabbado ultimo, um chá-dançante á sociedade de Copacabana. Os salões do palacete da avenida Atlantica movimentaram-se animadamente ao contacto das figurinhas galantes que o inverno afastou da praia...

MARÉS DE AMOR

Acaba de entrar para o prélo o livro de contos regionaes do escriptor alagoano Hildebrando de Lima que entregou os originaes á Editora Civilização Brasileira.

Marés de Amor sahirá brevemente, revelando novas tendencias de um talento já conhecido. Hildebrando de Lima já publicou *Macaco electrico*.

O Tijuca Tennis Club realizou a sua ultima festa sabbado á noite, nos salões do Club Germania, e alli conseguiu reunir todo um mundo de silhuetas elegantes.

GLYCINIAS

Este mez de maio, luminoso e azul com o seu lindo céo e o seu grande sol triumphal, tem avivado, macIamente, a minha saudade, ó flor radiosa!, que só brilhou uma vez na minha vida. Seus olhos de saphyras limpidas, côr deste céo de maio, e seu cabello de oiro, fulgurante como este sol que Nossa Senhora nos manda, a todo momento deslumbram meus olhos dolorosos, numa visão fugitiva, imponderavel, que não se materializa para os meus desejos insatisfeitos. Você me apparece assim, boneca desolada, como a triste miragem de um deserto. Você me surge assim, melancolia feita mulher, como o acerto inattingivel da Felicidade.

A claridade estonteante de maio augmenta, na minha saudade, o desejo ardente de revêl-a. O desejo de sentil-a, não espiritualmente, não fugace como uma sombra, mas no esplendor material de todo o seu ser, com a sua rutilante seducção pessoal e a sua risonha amargura — de sentil-a assim perto do meu coração, desalentado e inquieto.

Entretanto, soffro a inutilidade desse desejo. Porque só consigo vêl-a no vacuo da lembrança. Porque só consigo vislumbrál-a, esbatendo-se, immaterial, nas luzes da distancia. Porque você, meu amor de um instante, meu grande amor fugitivo — você só me dá, neste mez de maio, de tão lindos dias, a recordação do começo de ventura que nós dois tecemos num maio longinquo e fulgurante, que nunca mais voltou...

MIRAGEM

Vesti a minha alma de esperança, puz ao hombro um cantaro dourado e fui correndo, correndo, com aquella ansiedade com que em pequena eu perseguia as borboletas, até a fonte em que cantava a agua da alegria.

Fui correndo, correndo, como uma doida. Meus cabellos escuros sentiam as caricias do ar perfumado da manhã e meus olhos estavam luminosos de esperança.

Tinham-me falado na fonte da alegria e eu tinha pressa de encher o meu cantaro.

Abençoei a vida quando cheguei ao meu destino e vi correr, entre flores do matto, a agua por que eu suspirava.

Cheguei até a fonte e a minha bocca vermelha bebeu com soffreguidão. Depois, com os olhos luminosos de esperança e meus cabellos escuros sentindo as caricias do ar perfumado da manhã, enchi alegremente o cantaro dourado.

Voltei, então, para a minha casa, querendo cantar...

Mas a minha bocca só disse amarguras e os meus olhos se encheram de lagrimas. Meus pés pisados e meus sonhos bonitos estavam tintos de sangue...

Foi então que eu comprehendi que havia enchido o meu cantaro de dor...

Maura de Senna Pereira.

O dr. Augusto Linhares é uma figura de grande relevo em nossos meios scientificos, literarios e sociaes. Espirito culto, sua actividade mental se desdobra entre a sciencia medica e a literatura com a mesma dedicação e o mesmo brilho, o que realça, de maneira impressionante, os seus meritos intellectuaes. Sendo autor já de varios livros, em que se affirma, brilhantemente, o escriptor «doublé» de scientista, o dr. Augusto Linhares acaba de publicar «Duvidas e Affirmações», obra onde o medico e o escriptor se completam em paginas de pensamento e de arte, vazadas num estylo claro e elegante como as attitudes pessoaes e a fidalguia de trato de seu illustre autor.

A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio inaugurou solennemente, na semana passada, os novos melhoramentos que acabam de ser introduzidos em sua séde, da avenida Mem de Sá, realizando para isso, na sua nova sala de sessões, uma cerimonia especial sob a presidencia do professor Austregesilo.

Dois expressivos detalhes photographicos da festa que o Club Nacional promoveu, domingo á tarde, em sua séde da rua do Passeio, em beneficio das victimas da catastrophe da Armação, e que constou de um chá-dançante e um attrahente e variado programma de arte.

A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino homenageou, sabbado passado, a imprensa carioca, offerecendo um chá aos jornalistas que compareceram á séde social daquella aggremiação. E' um aspecto dessa reunião o que focaliza a presente photographia.

TRLEPIAÇÕES

O *golfinho* empolgou *madame*. Agora, todas as noites, logo após o jantar, *madame* corre para o seu divertimento predilecto, e mette-se no grupo amigo, lá deixando-se ficar até o apagar das luzes.

O esposo parece detestar o novo jogo mexicano, porque não acompanha *madame*, ficando em casa entregue á leitura dos jornaes, absorvido pelo noticiario dos acontecimentos politicos.

E, como o pachorrento marido não atrapalha os movimentos da mulher, o *golfinho* tem um encanto unico para *madame*.

Entretanto, convinha esfriar o enthusiasmo da formosa senhora, pelo *golfinho*.

Está no interesse do maridinho verificar a razão por que a esposa, mal acaba o jantar, dispara rumo ao *golfinho*...

O brinquedo é interessante, na verdade, mas parece que *madame* descobriu, no *golfinho*, o melhor pretexto para passar as noites longe do marido.

E como é differente, como é alegre, como se sente feliz, quando não está com o esposo ao lado!...

O intelligente Edgard, filhinho do capitalista maranhense sr. Edgard Almeida e de sua senhora, d. Conceição Almeida, residentes em São Salvador (Bahia).

MADAME ainda não sentiu os effeitos da crise. Não mudou de vida e não mudará, segundo as más linguas...?

Sendo uma creatura superiormente intelligente, vence os maiores obstaculos com facilidade espantosa.

Quando percebeu que o amiguinho do coração ia afundar, ella tratou de beliar...

A taboa de salvação estava proxima, mesmo á espera de *madame*.

Agora, quem paga as contas é o salvador...

Quando os negocios correm mal para uns, é porque outros estão se aproveitando do azar alheio.

Madame acompanha o curso das aguas.

A crise para ella não existe.

Puro questão de sorte ou de intelligencia...

O destino tem caprichos, toda a gente o sabe. Foi uma paixão formidavel, que fez soffrer a ambos, por longo tempo.

Mas, não foi possivel tornar realidade o sonho de uma união, pelo casamento.

Um mysterio!

O facto, porém, é que ninguem soube explicar por que elle deixou o Rio, e por que ella ficou dissimulando muito bem a dôr que pesava sobre o seu coração.

O tempo, que é um poderoso factor para o consolo dos namorados infelizes, parece que se encarregou do resto...

Appareceu, um dia, novo pretendente ao dote da menina. Ella resolveu acceitál-o como marido, e tudo se arranjou sem bulha nem matinada. *Madame* parecia feliz, si na realidade não o era. O outro vivia longe, e era como si não existisse. Por sua vez, o rapaz que fugira do Rio contrahiu nupcias lá pelas bandas onde vivia, o que não causou espanto a ninguem.

Mas...

Aqui vae o começo de uma nova historia, ou a continuação, o segundo acto de um velho drama.

Elle voltou á nossa capital, casado, vindo encontrar a sua *paixão* com marido ao lado.

Na Avenida, encontraram-se ao acaso, numa tarde risonha, quando providencialmente estavam sós, o que facilitou uma troca amavel de palavras entre ambos.

Desse encontro, sahiram illesos, mas, dos seguintes, verificaram que, sob as cinzas da velha paixão, ainda existia alguma coisa capaz de revivêl-a.

Depois... nós sabemos o que aconteceu.

O destino, que os afastou quando eram livres, fêl-os unir quando a sociedade condemna tal gesto.

Vivem ambos felizes, entregues á delicia de um noivado prohibido pelas leis divinas e humanas, mas permittido pelos anseios do coração, que não se deixa suffocar nunca.

Maria Celeste, filhinha do dr. Publio de Oliveira, promotor publico em Petropolis, e de d. Ilka Magalhães de Oliveira. Está com a sua fantasia de carnaval e o seu encanto de todos os dias.

SOMBRAS NO ASPHALTO

— Não se lembra de mim?

. . . .

Ella olhou-o nos olhos, espantada com aquella pergunta, que talvez fosse um atrevimento.

— Não. O senhor deve estar enganado. Eu...?

Elle insistiu:

— Não se lembra, então? Encontrámo-nos no Guarujá. Espere. Creio que foi em mil novecentos e...

Ella não podia lembrar-se. Nunca estivéra no Guarujá. Mas os olhos delle eram bonitos. E a voz quente de um timbre tão sympathico. E a vida della era tão vazia... Si pudesse passar pela outra...

— Agora me lembro.

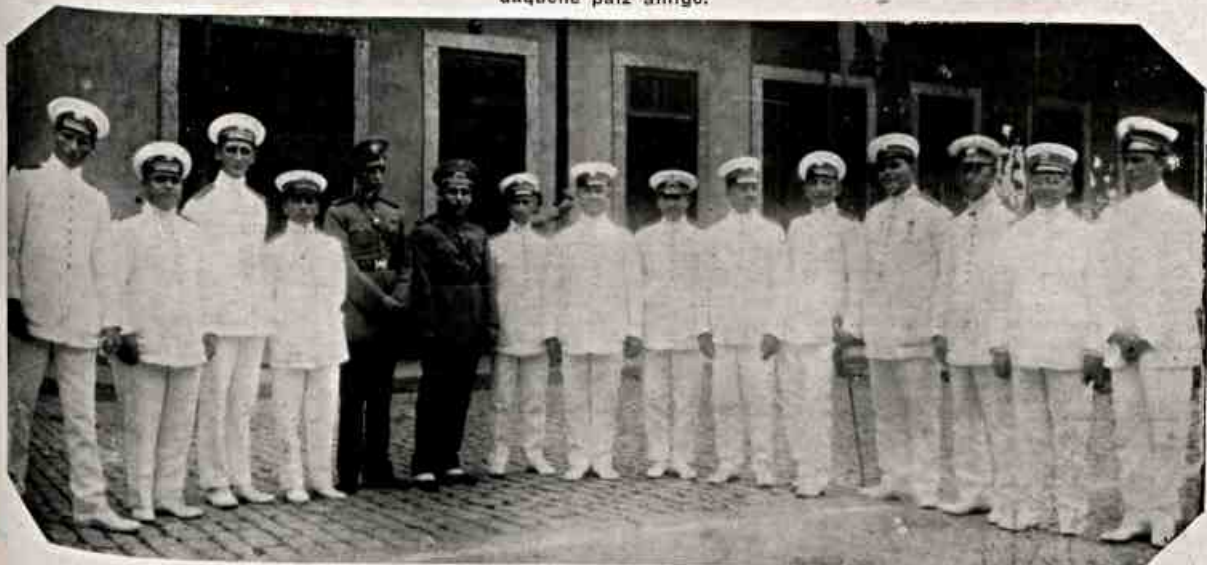
E como para desculpar a falta de memoria:

— Faz tanto tempo. Desde aquella temporada, não voltei mais para lá. E o senhor?

Elle disse qualquer coisa que poz nos olhos della um brilho todo inédito. E elles foram andando ao longo da rua, deserta naquella hora crepuscular. Foram andando assim, sem destino, como dois namorados que não se vissem ha muito tempo.

E iam illudindo-se mutuamente como o fazem os namorados, pois elle tambem nunca estivéra no Guarujá. Era a primeira vez que a encontrava na vida. Na vida tão vazia, que elles pretendiam encher com um pouquinho de illusão...

COLOMBINA

A data da independencia do Paraguay — 14 de maio — foi commemorada nesta capital com uma solennidade que se realizou junto ao monumento de Benjamin Constant, na praça da Republica, aonde compareceu, para assistil-a, o representante diplomatico daquelle paiz amigo.

O commandante, coronel Rocha Silveira, e officialidade do 1º Batalhão de Infantaria da Policia Militar do Districto Federal, por occasião da festa realizada no quartel da rua Evaristo da Veiga para commemorar o anniversario daquella milicia.

DUPLA AVENTURA

CLAUDIO atravessava a Avenida no seu automovel de luxo, acompanhado por Julio, um dos seus maiores amigos.

Iam passando revista nas pequenas. De vez em quando, um delles exclamava, attrahindo a attenção do outro: "Bôa!" E seguiam a "Bôa" com um olhar cubiçoso, até que ella desapparecesse.

Estavam, nesse dia, sem sorte. Nenhuma dellas acceitára um passeio de auto pela praia. Nenhuma dellas se deixára impressionar pelos seus bigodinhos audaciosos. Nenhuma dellas os distinguira com um simples olhar-promessa. Nada!

Claudio bocejou, mal humorado:

— Uma tarde vazia! Que azar! Vamos tomar um refresco.

Entraram numa confeitaria. E, durante muito tempo, os dois amigos divagaram, entre bocejos de tedio, sobre a vida escabrosa de *madame*, sobre as licenciosidades de tal *jeune fille* e, finalmente, sobre as mulheres em geral.

— Minha noiva passou naquella baratinha!

— Que mal tem isso?

— Que mal tem? Essa é bôa! Então, uma moça noiva tem direito a passear num carro anonymo?

— E sabes si é anonymo?

— E' ella. O carro vae voltar.

— Não é.

— E'.

Claudio ia casar brevemente. Julio era um bohemio, disputado pelas mulheres, acolhido com alegria em todos os salões.

Reparou na pallidez do amigo:

— Enciumado, hein?

Claudio, que seguia a baratinha, contendo a respiração, exclamou:

— Arrependeram-se. Voltaram. Vamos perseguil-os. Quero ter a certeza.

E os dois amigos pularam para o automovel, que sahiu numa disparada de vingança.

— Perceberam que estão sendo perseguidos.

— E tratam de despistar-nos.

A baratinha perseguida, — uma graciosa baratinha azul natier — fazia rodeios e reviravoltas habeis, no sentido de confundir o automovel que vinha no seu encalço.

De facto, Claudio não se enganára.

Era Helia, a sua noiva, que passeava em companhia de sympathico official de marinha. Ao passar, reconhecêra o noivo. E avisára o official.

* * *

Um passeio quasi innocente, o que fizéra. Estava esperando o bonde. O official passára na baratinha. Olharam-se. Elle voltára. Convidára-a a entrar. Rodeada de circumspecções e preconceitos, Helia sentira uma volupia subita de liberdade e de vida. Desejou, de repente, uma aventura qualquer, que a afastasse da monotonia eterna da sua vida. Acceitára o convite. Encolhêra-se, a principio, num canto do carro, evitando o contacto com o official.

Depois, animada pela loquacidade do rapaz, ficára á vontade. Em menos de meia hora, eram intimos. Elle já tinha o telephone della, já conhecia a sua historia toda... Rumaram para a Tijuca. E elle, muito terno e respeitoso, dizia-lhe, sorrindo: "Vamos para o céo, meu amor..." Pararam numa confeitaria para comprar vinho, doces e alguns frios. Iam fazer um pic-nic na Serra da Tijuca. Helia batia palmas: "Delicioso!" E elle, então, repetia: "Vamos para o céo, querida..." Helia, olhando as hervas humidas como os seus labios, de voluptuosa, respondêra: "Não creio que me deixem entrar no céo..." Pararam em frente á Gruta Paulo e Virginia. Saltaram. Começára a chuviscar. O caminho estava lamacento e escorregadio. Decio tomára Helia nos braços e subira, correndo, beijando-a muito, o caminho lamacento... Helia fechára os olhos. Sentia os chuviscos finos sobre o rosto escaldante. Sentia os braços vigorosos que lhe esmagavam o corpo franzino e delicado. Sentia que elle a levava não sabia onde... Abrira os olhos. Em frente, um amontoado de pedras grandes, escuras, viscosas... A chuva... Um desconhecido...

Helia sentira um grande medo. Puzera-se a chorar alto. Decio, apiedado do seu susto, que elle justificou, achando-o natural, convidou-a a ir comer doces. Encontraram mesas e bancos. Dispuzeram o *lunch*. Começaram a apparecer as difficuldades: tinham levado vinho e tinham esquecido o saca-rolhas e os copos... Beberam nas proprias boccas, rindo muito dos calices que haviam improvisado... E Decio, galanteador, affirmára que a bocca de Helia era o calice mais precioso que elle poderia desejar... Ella prohibira que continuassem a beber. Podiam ficar tontos. Quem guiaria depois o carro até a cidade?

Elle obedecêra. Sentára-a sobre a mesa grosseira e humida de chuva, e começára a beijal-a furiosamente... Apparecêra um guarda. Queria leval-os ao administrador. Depois, tranquillamente, acceitára o dinheiro que Decio lhe offerecêra... Helia, amedrontada, pedira para ir embora... As casas pittorescas, os pomares, os grandes jardins, o aspecto da cidade serrana iam desapparecendo... Estavam chegando na cidade... Helia murmurára, rindo: "Eu não te tinha dito que não me deixariam entrar no céo?"

— A peste daquelle guarda...

Na cidade não chovia. A tarde estava linda, no seu vestido fresco de verão. Quando atravessavam a Avenida, aquelle imprevisto...

* * *

Agora, medrosa, temendo as consequencias — um rompimento escandaloso — ella queria salvar-se a todo o transe.

O official, cavalheiro até a medulla, não se conformava com a afflicção em que a sua volubilidade atirára a gentil camaradinha.

Corria desesperadamente, fazia as mais difficeis manobras.

Em vão. O automovel, guiado por Claudio, outro mestre do volante, não perdia terreno. Rumaram para Copacabana. Cahiram novamente na Avenida. Helia, na sua immensa agonia, implorava:

— Vôa, Decio, vôa!

Afinal, Helia teve, como mulher que era, uma idéa salvadora.

Na frente delles, uma longa estrada. Muito longe, distinguia-se a curva.

— Decio, vôa quanto puderes, até aquella curva. Alli, dá ao carro uma velocidade que me permitta saltar. Continúa depois a corrida até dar tempo que eu chegue em casa. Telephona-me logo que seja possivel.

O automovel de Claudio permanecia a alguns metros de distancia.

Helia, na curva, pulou agilmente da barata e entrou num armazém.

Viu os dois automoveis, perseguido e perseguidor, desapparecerem na estrada... Depois, calma, como si nada houvesse acontecido, como si não tivesse visto a sua reputação em jogo, tomou a primeira conducção que lhe appareceu...

* * *

Quinze minutos depois, a barata de Decio deixava-se alcançar.

— Pare, cavalheiro!

— A's ordens. Que ha?

— Mas... o cavalheiro não ia acompanhado de uma senhorita?

— Em absoluto.

— Juro que ia!

— Pois está enganado, como vê.

— Mas não negará que esteve fugindo de nós. Por que?

— Prefiro não responder.

— Vamos á policia.

— Pois não.

Na policia o official sustentou a farça.

Ia só, e aquelles senhores passaram a perseguil-o. Não entendia nada. O commissario mandou-os embora.

* * *

Claudio, ainda que desconfiado, dirigiu-se a Decio.

— Perdão, cavalheiro! Um equivoco.

— De nada.

Apertaram-se as mãos. Trocaram cartões.

* * *

Para maior certeza, Claudio telephonou para casa de Helia.

— Helia está?

— Espera um pouquinho. E uma voz gritou proximo: "Helia!..."

Helia attendeu.

— Você sahiu hoje, Helia?

— Não. Estou passando mal, com uma forte dôr de cabeça.

— Ah!

— Por que?

— Por nada.

— Então até logo, não é?

— Até logo. Beijo-lhe as mãosinhas.

* * *

Claudio commentava a pureza de Helia.

— Nunca mais desconfiarei da innocencia da minha futura esposa. E' um anjo! Não sahe de casa a não ser commigo. Tambem, eu não lhe dou uma folga...

Julio, rapaz de idéas largas e acceitaveis pelo seu modernismo, chasqueou:

— Como si ellas, quando nos querem trahir, esperassem as nossas folgas!...

E Claudio, convencido:

— Mas eu nunca serei enganado. Commigo ellas não brincam. Conheço a escripta viciada que por ahi vae...

* * *

Em casa, Helia conversava com Decio, pelo telephone.

— Que houve?

— Nada. Ou quasi nada. O idiota do teu noivo fez um sarilho damnado e acabou ficando meu amigo...

— Felizmente.

— Os noivos vão sempre no embrulho, hein?

— Ora! Um noivo ou um marido são sempre trastes inuteis na vida sentimental de uma mulher...

* * *

Um mez depois, celebrava-se, na igreja de Santa Therezinha do Menino Jesus, o casamento de Helia com o conceituado negociante desta praça sr. Claudio Gomes...

CONTO DE CONCHITA CID

PAULO WERNECK

alto fallante

AUTORES

Evaristo da Fonseca, nosso collega de imprensa, acaba de lançar á publicidade o seu livro «Visão panoramica da França». Evaristo da Fonseca é jornalista. Pertence á moderna escola dos observadores argutos, a quem interessam todos os problemas nacionaes, ou, para melhor dizer, todos os problemas ligados ao progresso universal. Eis por que, tendo realizado uma viagem á Europa, se demorou em Paris, preoccupado com este objectivo patriotico: — auxiliar o serviço de intercâmbio intellectual entre a França e o Brasil. E' o resultado desse trabalho que elle nos offerece no seu volume, que, é justo assignalar, tem tido grande acceitação.

"LA VIE EST LA'..."

*Mon Dieu, mon Dieu, la vie
Simple et tranquille... c'est là.*

Lá, sim, lá, bem longe, fóra do ambiente massiço e pesado dos arranha-céos que dominam a cidade, é que está a vida. A vida simples e tranquilla, porque mais proxima das suas fontes primitivas. A vida que vibra e se expande, alegre, como um regato vagabundo, de aguas frescas e cantantes. A vida feliz e esfusiante, porque contente de si mesma. A vida vivida ao ar livre, em intimo e estreito contacto com a natureza. A vida da raiz a exaltar a gloria de toda fecundação. A vida que nos dá, a nós, os homens, a impressão de que somos tambem arvores presas ás entranhas profundas da terra, carreando através de nossos corpos a seiva-sangue que alimenta, e faz medrar, e desabrochar, e frutificar o amor, a belleza, a bondade, a fé, a illusão — tudo que é expressão de sentimento e de espiritualidade na nossa animalidade.

*Mon Dieu, mon Dieu, la vie
Simple et tranquille... c'est là.*

VIDA... CORAÇÃO...

C'est dans le royaume de notre coeur où se récolte la substance même de la vie...

Cerro as paginas de "La Sagesse et la Destinée".

Maeterlinck tem razão. O coração é a essencia mesma da vida. E toda vida, profunda e intensamente vivida, é uma palpitação continua dos rythmos do coração.

(Conclúe na pagina seguinte)

A questão social preoccupa os espiritos cultos nesta hora de apprehensões e de pobreza. Voltou-se para ella o escriptor Custodio de Viveiros, que é dos nossos bons valores novos. O seu livro «As evasivas do Capital ante a investida do Trabalho», bem escripto e bem pensado, fixa os aspectos do problema no nosso Brasil. Seu autor é um crente e um optimista. Depois de estudar largamente a questão do trabalho entre nós, as grandes industrias, o syndicalismo, os trusts, as leis relativas, a greve, os menores e as mulheres, os accidentes e as ferias, criticando os erros e aventando as melhorias, elle demonstra a inanidade e o lôgro do communismo. Jornalista e romancista, Custodio de Viveiros se apresenta agora com um trabalho de fôlego e de meditação que honra o seu formoso talento.

«FON-FON» NA BAHIA

O pharmaceutico Francisco das Chagas Silva Filho, futuro doutor em medicina, como alumno, e dos mais brilhantes, da Faculdade de Medicina da Bahia, onde acaba de se diplomar em pharmacia, aliás pela segunda vez, por isso que já o era pela Escola do Ceará, ainda não officializada. E' um cearense intelligente, que reside, ha alguns annos, em São Salvador.

Sylvio Julio, o victorioso autor de «Cérebro e Coração de Bolivar» e figura de grande prestigio em nossos circulos literarios, foi homenageado, sabbado ultimo, no Club Central, de Nictheroy, do qual é socio, por um grupo de collegas e amigos, que offereceram um jantar festivo ao escriptor illustre, cuja obra tantas vezes tem merecido os applausos da nossa critica e da critica estrangeira. Essa homenagem a Sylvio Julio teve como promotores os drs. Jorge Abreu, director do Collegio Icarahy, e Armando Lassance, presidente do Club Central, que apparecem no grupo acima em companhia do escriptor festejado e dos demais convivas do banquete.

ALTO FALANTE

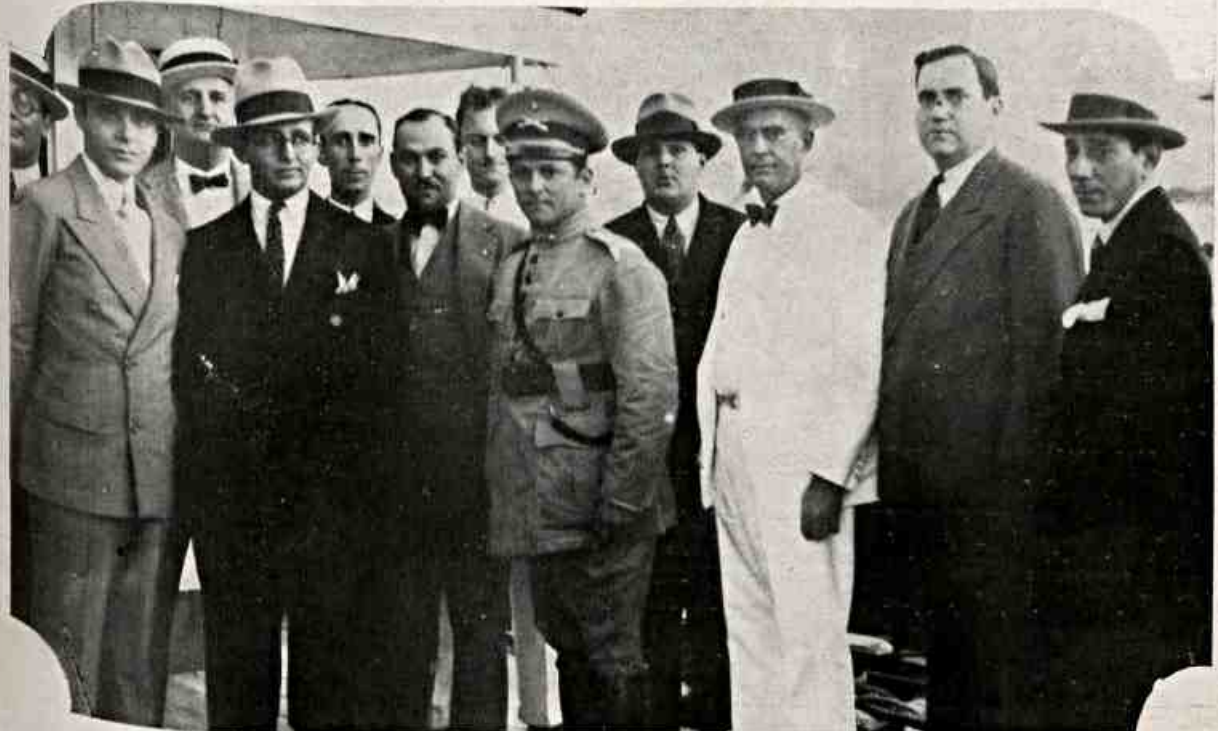
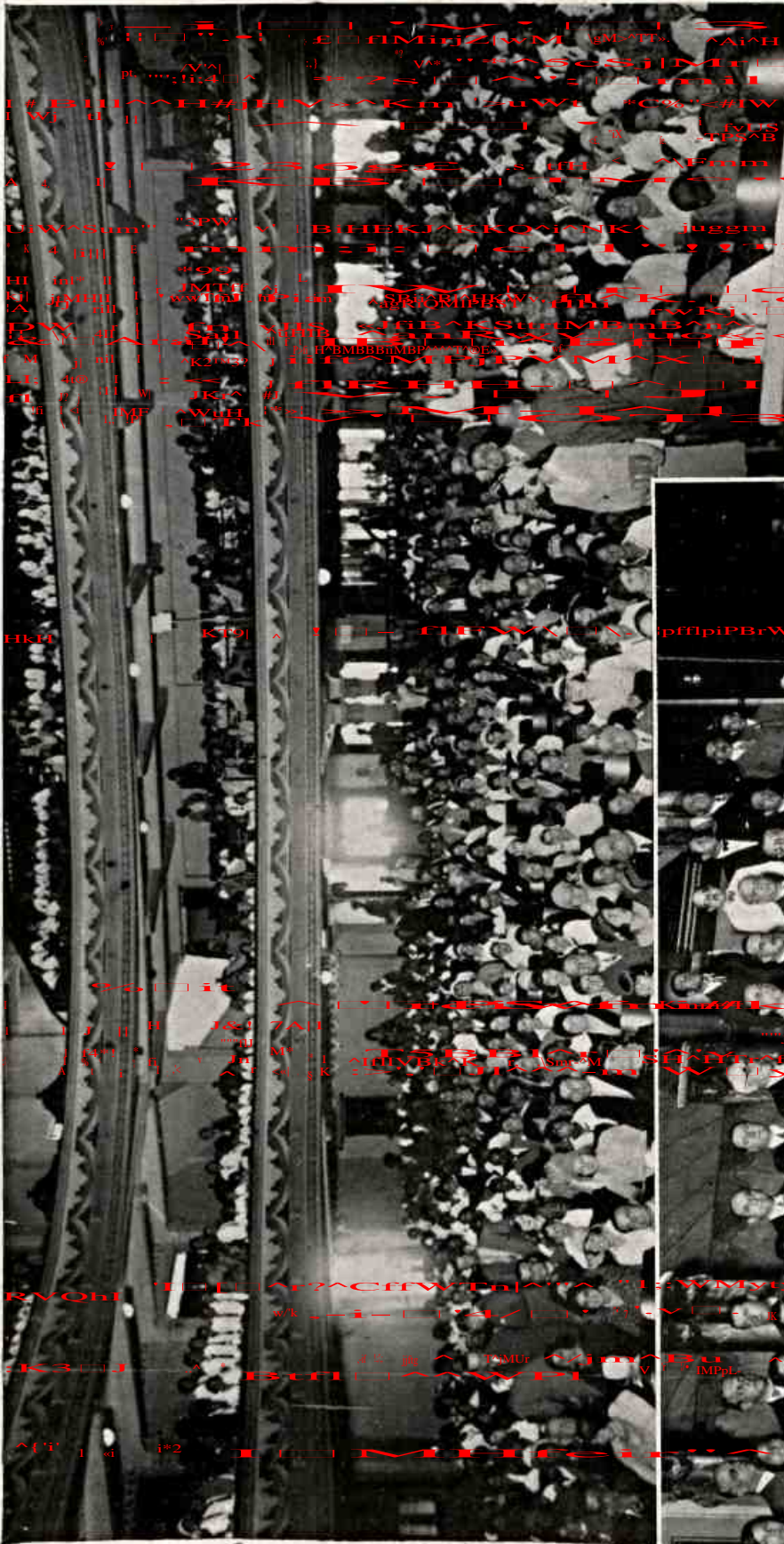
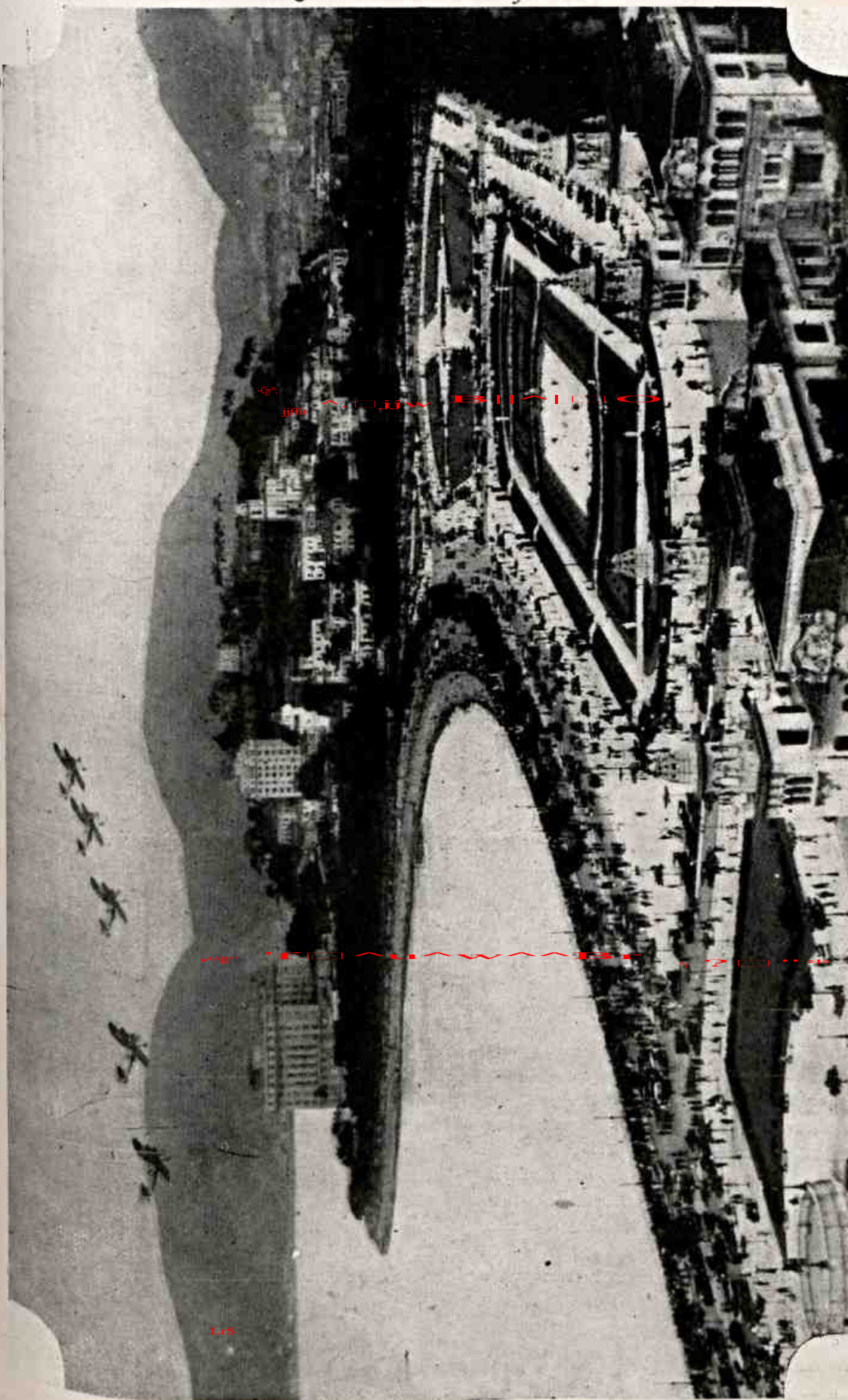
(Conclusão)

E Deus, que é uma palpitação mysteriosa e infinita do Amor, a nós se revela pelo coração...

C'est le coeur qui sent Dieu — disse-o Pascal.

Porque Deus é todo o Amor e todo o sentimento de nossos corações, a elevarem para Elle os canticos da nossa fé, os anseios da nossa inquietação, as torturas do nosso proprio desespero.

E Deus foi, é, e sempre será o occulto e mysterioso coração das coisas que não têm principio nem fim, porque nunca serão comprehendidas, mas apenas adivinhadas.

Max Linder

O Interventor federal no Pará, capitão Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, que domingo passado chegou a esta capital, ao desembarcar do hydro-avião da Panair, que o trouxe de Belém, e tendo ao seu lado, entre outros, o tenente Juracy Magalhães, que foi uma das grandes figuras da revolução no norte do paiz.

O Rotary Club do Rio de Janeiro promoveu domingo pela manhã, no Palacio Theatro, uma interessante festa infantil dedicada aos alumnos das escolas municipaes do Districto Federal, e durante a qual se procedeu á distribuição de cadernetas da Caixa Economica, com o deposito inicial de 50$000, e outros premios ás crianças presentes. As cadernetas da Caixa Economica, em numero de sessenta, foram offerecidas aos alumnos que mais se distinguiram, entre seus collegas, pela applicação ao estudo e bom comportamento, attestados pelos resultados de seus exames e por seus professores. Essa iniciativa, digna de louvores, constitue um expressivo estimulo para a nossa infancia escolar.

O «Eagle», o navio porta-aviões, da Marinha de Guerra Ingleza, quando aqui esteve, realizou varios exercicios de lançamento dos seus apparelhos aos ares. E' um dos flagrantes dos aeroplanos britannicos, em pleno vôo, sobre o Cattete e a praia do Flamengo, que estampamos em nossa pagina. No primeiro plano, destaca-se a praça Paris — na esplanada do Beira-Mar Casino — e onde se vêem os jardins, estylo Versalhes, que os embellezam.

Sobre um novo aspecto da Escola de Bellas Artes

A renovação do Brasil, reflectindo-se na Escola Nacional de Bellas Artes, trouxe para fóco de commentarios o caso de ser um artista allemão contractado para mestre de pintura.

Quizeram ver alguns, e ahi encontramos a maioria, — um desacerto e, até certo ponto, uma irreverencia á pasmaceira do "statu quo" em que embolorecia um grupo de Zarathrustas da academia.

Quizeram os "doutos", ensinadores daquillo que não sabem ver uma affronta aos seus brios, um ultrage aos seus pundonores de academicos extravasantes de classicismo.

Pretenderam dizer em protestos de *conselhos geraes* o quanto errára e os offendêra o novo director da maior escola de Arte do Paiz.

Pretenderam ridicularizar a escolha e reprochar publicamente em violentas catilinarias a *leviandade* da intromissão de um "*futurista*" estrangeiro no ensino, ex-cathedra, nacional.

Afinal, amedrontaram-se acovardados na subordinação collectiva, no interesse subalterno, escondidos no pavor disfarçado das responsabilidades.

Murmuram. Resmungam. Rósnam.

Daqui, de lá... mais pela irresponsabilidade do nome a se fazer ou pela ansia de um retrato em columna de imprensa, um ou outro elemento, até certo ponto independente, affirma convicções mais ou menos erroneas mas com o valor da sinceridade.

O professor Lucio Costa, num desenho de De Murtas.

Penso que o prof. Lucio Costa, abrindo a Escola de Bellas Artes aos valores novos, ás intenções valorosas, aos bem-intencionados trabalhadores e capazes, — dá um passo enorme para o arejamento daquella casa enferrujada de idéas, paralytica de acções.

Não foi para ensinar tendencias que o mestre germanico ingressou ali. Apenas para mostrar o que se póde fazer pela pintura quando se tem esthesia, cultura e ansia de trabalho honesto.

Nem se diga que um allemão não poderá ensinar Arte brasileira!

Si a Arte brasileira fosse um facto veridico, ainda assim admitte-se que um europêu, um nordico, possa comprehender bem melhor, por vezes, a natureza antithese da sua. Mais lhe chocará o "sensorium" o contraste do sol, das folhas, do solo verde, do céo luzido, tropical, profundo; mais lhe accenderá impetos no pincel amansado nos cinzas, nos brancos nevosos, a plethora offuscante de côres que se irradiam em ramalhetes tentadores, desde os crepusculos, desde os mares até as mattas, as cidades, as populações atypicas e de variavel indumentaria.

Que se aproveitem os elementos nacionaes que illustram os seus esforços na construcção de uma Arte autonoma, perfeitamente livre das influencias continentaes vizinhas, ou européas; mas que se não desprezem os valores reaes encantados pelas bellezas que se tornaram banaes, insipidas ao brasileiro "snob" ou indifferente.

Como academico, Putz é um mestre equilibrado e consciencioso. Creio que todo ensino não poderá fugir das regras estabelecidas pela pratica pedagogica.

O professor moderno não vae ensinar *estylos*, *maneiras* ou *modernismos*. Apenas é capaz de comprehender a tendencia do discipulo, aperfeiçoal-a e guial-o, respeitando a personalidade que é tudo em Arte.

HERNANI DE IRAJÁ

O Campeonato Carioca de Football

A nota sportiva sensacional de domingo passado foi o grande jogo do stadio de São Januario, entre o Fluminense Football Club e o C. R. Vasco da Gama, que disputam o campeonato carioca de football e cujos «teams» se apresentaram fortemente arregimentados. O resultado dessa partida memoravel surprehendeu, por isso mesmo, a quantos acompanharam o seu desenrolar.

COCAINA

Na sabedoria do pobre, a mulher é a sua propria riqueza.

*

Si as mulheres não existissem, era preciso invental-as...

*

A mulher que [illegible] para agir, é um animal detestavel.

*

O riso é a manifestação selvagem da alegria.

MARION

A Companhia Hanseatica convidou varias figuras da Revolução para uma visita á sua fabrica da rua José Hygino, o que se realizou sabbado ultimo, tendo comparecido, entre outros, o ministro José Americo de Almeida, o interventor Adolpho Bergamini, o chefe de policia, dr. Baptista Luzardo; o coronel Aristarcho Pessôa, commandante do Corpo de Bombeiros, e o dr. Candido Peccôa. Depois de percorrer todas as dependencias da fabrica da Hanseatica, em companhia dos srs. Mario de Oliveira e Joaquim Nepomuceno Moura, directores daquella empresa, os illustres visitantes se dirigiram para o local onde estava disposta a grande mesa do «lunch» que lhes foi offerecido. Esta pagina fixa tres aspectos dessa visita.

OS SETE DIAS DE "FON-FON" NO CINEMA

Ella disse Não!

Um film da Metro-Goldwyn-Mayer

com

William Haines — Leila Hyams — Polly Moran — William V. Mong — Francis X. Bushman Jr. — Mary Dressler

Com que roupa?...

A casa de Mr. Ward vivera em paz até aquelle dia. Agora, porém, lá estava, de volta da Universidade, o incorrigivel Tom Ward, um endiabrado rapaz, barulhento como muitos, mas amavel e sympathico como poucos.

O pae, cheio de esperanças, ficou desapontado quando viu a indifferença com que Tom recebera a proposta que lhe fez um seu velho amigo, um corretor de Wall Street, para trabalhar em sua companhia, ganhar a vida á sua propria custa. Tom Ward é, entretanto, decididamente, da pandega, e sua maior preoccupação, logo no dia da volta á casa, não foi attender aos planos do pae quanto ao seu futuro, mas receber varios collegas que desejavam festejar num "cabaret" o encerramento das aulas.

No "cabaret", Tom Ward teve occasião de ver, em companhia de McAndrews, um antigo companheiro de classe e agora corretor, a encantadora Mary Howe. Audacioso como sempre, não obstante detestar McAndrews, Tom Ward decide de sentar-se á mesa com o par, unicamente para fazer intimidade com Mary. A pequena, naturalmente, mal impressionada com a semceremonia do rapaz, mostra-se retrahida, porém isso não perturbou o traquinas Tom Ward. Redobrou elle as suas audacias e o resultado é que, quando deixou o "cabaret", Mary sabia... que elle existia. Isso era o que elle queria.

No dia seguinte, quando foi trabalhar no tal escriptorio do corretor, foi enorme a sua surpresa quando verificou que a stenographa do patrão não era outra senão... miss Howe. Na verdade, lá estava aquella insupportavel McAndrews para o atrapalhar em parte, mas miss Howe, pensava Tom, não poderia hesitar mais tempo entre um rapaz sympathico como elle e um paralvilho como o McAndrews.

E Tom Ward renovou seus planos de ataque. Não deixava a pequena em paz um minuto. Escrevia-lhe cartas excentricas, cartas levadas a serio e cartas ridiculas. Mandava-lhe telegrammas. Chamava-a de uma infinidade de coisas bonitas. Mary Howe não teve remedio senão achar graça nas pilherias do rapaz, e de achar graça no sor-

Ella disse sim.

riso delle, tambem. Acceitou-o, por fim. Começou a amal-o.

Um dia, chegando a casa, Tom Ward encontra uma terrivel surpresa: seu pae fallecera, victima de um ataque cardiaco! Nesse momento, elle comprehendeu que teria que deixar de ser o traquinas incorrigivel que sempre fôra, e tornar-se o arrimo, o batalhador de sua familia, pois seu pae nada deixára, além de um nome respeitado. Esperava-o outra surpresa má, entretanto: seu patrão, Mr. Sutton, cansado de aturar as traquinices do rapaz no escriptorio, mandara-lhe o bilhete azul!

Tom Ward sentiu, então, que, mais do que nunca, devia enfrentar a situação com desassombro. Lançou-se á conquista de um emprego, mas em vão. O que o consolava, em parte, era o amor de Mary Howe, que via, agora, o grande coração e a grande alma que era o namorado, não obstante a sua apparencia frivola. Tom lutava como um heroe. Quantas vezes deixou elle de almoçar — sem que aquelle sorriso sympathico deixasse de illuminar o seu semblante! Quantas vezes deu elle, em sua casa, boas noticias, esperanças risonhas — e o seu estomago accusava uma miseria terrivel!

O facto de sentir-se miseravel, fez com que Tom apparentasse não ter mais interesse por Mary e que esta, um pouco despeitada, acceitasse agora com maior effusão as attenções de McAndrews. Assim, chegaram ao noivado. Um dia, contristado, Tom soube do proximo casamento de Mary Howe e de McAndrews. Sentiu desejos de impedil-o, pois aquillo seria a morte dos seus sonhos, mas viu que a sua situação não lhe permittia essa temeridade. Sentiu, entretanto, que deveria redobrar seus esforços na luta. Tinha que attender, agora, á familia e aos interesses do seu coração!

Apresentou-se nos escriptorios de Mr. Sutton e falou a um dos encarregados da secção de vendas de titulos, pedindo-lhe uma "chance". O homem resolveu attendel-o: dar-lhe-ia a opportunidade difficillima de vender os titulos da cidade de Denver áquella inatacavel (para os vendedores, naturalmente!) Madame Hettie Brown, uma millionaria que nenhum vendedor de titulos conseguira convencer, ainda.

Esperançado, cheio de enthusiasmo, Tom Ward appareceu no apartamento da millionaria. Esperava-a, impaciente, já ha uma hora, um renomado medico, cujos serviços ella havia solicitado. Cansado de esperar, porém, elle parte e deixa a maleta. Comprehendendo que ali estava uma bôa opportunidade para apresentar-se á millionaria, Tom Ward toma conta da maleta e pouco depois é levado á presença de Hettie Brown, declarando-se medico.

Felicissimo nos seus expedientes, Tom Ward conquista a sympathia e a confiança de Hettie Brown, ministrando-lhe, como remedio, alguns calices de licôr. Escusado é dizer que, ao fim de alguns calices de "medicamento", Hettie Brown, encantada com o seu "medico", acceitava com a maior facilidade todas as suggestões que elle lhe desse.

Tom Ward recommendou, então, a compra das acções da cidade de Denver. Hettie recusou, mostrando-se até offendida. Pois não supportava aquella cidade, mas Tom Ward achou de bom alvitre ministrar alguns calices mais do "remedio", e eis que, meia hora depois, além de Hettie assignar o compromisso de [illegible] todas as acções de Denver, fazia questão que Tom Ward fosse o seu agente de negocios!

Felicissimo com a dupla victoria que acabava de ter, Tom só pensou em Mary Howe. Ella estava para casar-se naquelle dia, não estava? Pois elle voou á sua casa. Encontrou-a já prompta para a ceremonia, mas isso não queria dizer [illegible]. Tom Ward era, decididamente, um rapaz de expediente, e, além disso, roubar uma noiva [illegible] mo á hora do casamento não era lá tarefa das mais difficeis...

Felicidade completa.

Era uma vez um doce.

Investida contra a fortaleza.

"A Ilha do Inferno"

Producção da Columbia

Interpretes:

Jack Holt
Ralph Graves
Dorothy Sebastian
Richard Cramer
Harry Allen
Lionel Belmore

MACK e Griff, dois americanos ao serviço da Legião Estrangeira da França, andam juntos, durante uma campanha, tanto militarmente, como por uma velha amizade existente entre ambos.

Com o apparecimento de Marie, estrella de um cabaret no deserto de Bel-Abbas, marca-se um ponto entre as relações dos dois amigos. Continua-se entre ambos uma séria divergencia e aquella rivalidade sem importancia transforma-se em amarga inimizade. Marie dá attenção a Griff.

Durante um encontro com os Riff, Mack recebe um tiro nas costas, dado por um riffenho. Elle, entretanto, julga que o tiro fôra disparado por Griff, o seu grande amigo de outrora. Quando Mack recupera os sentidos, accusa o seu amigo como causador do occorrido. Griff, entretanto, está innocente, recusa-se a seguir com a tropa e deixar ali o seu amigo agonizante. Por essa sua desobediencia, é condemnado a dez annos de trabalhos forçados na Ilha do Inferno. Por um outro legionario chamado Bert, Marie fica sabendo que qualquer um delles, quando preso, pode completar o seu tempo de serviço como guarda da prisão colonial e que elle partirá para lá em companhia de sua mulher. Marie põe em pratica um pequeno plano. Quando Mack tem alta do hospital, ella lhe diz que Griff a abandonou. Assim diz a dançarina, afim de Mack pedil-a em casamento. E ella então persuade o rapaz a ir terminar o seu tem-

Entraria a bem ou a mal.

Nas escassas horas de descanso.

po de legião como guarda da prisão da Ilha do Inferno.

Chegando á prisão colonial, Mack descobre Griff entre os prisioneiros e rapidamente comprehende o plano de Marie. A moça confessa a verdade e diz que espera o auxilio de Mack. O rapaz promette que ajudará o amigo a fugir, mas, secretamente, planeja uma vingança pelo tiro que recebeu nas costas. Mack arranja um meio de Griff fugir pelo matagal, emquanto Marie o esperará com uma lancha na praia. O verdadeiro plano de Mack, porém, é atirar em Griff, servindo-se da mesma bala que o ferira. Com a chegada de Bert, os planos delle se modificam. Bert vê Mack tentando ajustar uma bala já deflagrada num cartucho, declara que aquillo não póde ser, porque aquella bala é do typo das carabinas usadas pelos riffenhos.

Mack comprehende então a injustiça que ia commetter para com o seu amigo. Muda de idéa e immediatamente resolve ajudar de facto a fuga do rapaz e de Marie. E' muito tarde, porém. A sereia da prisão sôa. Numa ultima arrancada de desespero, Mack alcança Griff e troca com elle as suas roupas. Os guardas seguem Mack, pensando ser elle o foragido e disparam as suas armas emquanto Griff consegue alcançar a lancha onde Marie o espera e ambos desapparecem sobre as ondas na lancha veloz...

A supplica de um desgraçado.

NOTAS DE ARTE

OSCAR D'ALVA

ARTHUR RUBINSTEIN. — Sem exagero, póde dizer-se que a noite de 9 de maio no Theatro Municipal foi uma bella noite de arte. Arthur Rubinstein, o querido pianista da platéa carioca, um dos mais famosos virtuoses do piano que o mundo actualmente applaude, realizou com grande brilho e grande exito um esplendido concerto, o da sua estréa nesta temporada. Além dos numeros extraordinarios — *Valsa*, de CHOPIN, *Marcha*, de PROKOFIEFF e *Dansa del fuego*, de FALLA — executou: I) BACH-BUSONI — *Toccata para orgão*; BRAHMS — *Capriccio em si menor* e *Rhapsodia*, op. 119; II) CHOPIN — *Barcarola*, 4 *Estudos* e *Scherzo em si bemol*; III) DEBUSSY — *Ondine* e *L'Isle joyeuse*; STRAVINSKI — *Petruchka* (Danse Russe — Chez Petruchka — Semaine grasse russe).

Como das outras vezes que entre nós esteve, e ainda melhor que dantes, Arthur Rubinstein revelou-se um extraordinario pianista de bravura, animado por bello temperamento de artista. Impetuoso, vibrante, arrebatado, o illustre mestre do teclado empolgou de modo excepcional, interpretando com inexcedivel fulgor a *Petruchka*. Foram assombrosos effeitos de sonoridade os arrancados pelos dedos musicaes do artista. A *Toccata* o piano fez-se orgão na de Bach, e do teclado se viu surgir o bailado de *Petruchka*. Ouviu-se o orgão e viram-se danças na execução maravilhosa dos poemas de Bach e de Stravinski.

Se não nos impressionaram com a mesma intensidade de emoção outros numeros, nem por isso foram desempenhados com menos expressão. A *Rhapsodia* de Brahms, o *Scherzo* de Chopin, a *Marcha* de Prokofieff e a *Dança* de Falla foram vividos com bellezas novas. O *Scherzo* especialmente, quaesquer que sejam os reparos que possam fazer os technicos, deu-nos a impressão de que o interprete o renovava. Parece-nos que Rubinstein quiz objectivar minuciosamente toda a scena que inspirou a Chopin o sensacional poema.

Como sempre, foi o grande pianista polonez alvo de incessantes e ruidosos applausos.

Completando a annunciada tetralogia de concertos, realizou no T. M. em a ultima semana, o grande pianista polonez, Arthur Rubinstein tres vesperaes, onde executou, além de nove ou dez numeros extraordinarios, entre os quaes a *Dança do Fogo*, de Falla, a 7.ª ou 9.ª *Valsa* de Chopin, e *Rêve d'amour*, de Liszt, a *Marcha Turca*, de Beethoven, os seguintes programmas: I) CHOPIN — *Sonata*, op. 58; RAVEL — *Alvorada do gracioso*; TAJCEVICO — 6 *Peças Balkanicas*; PROKOFIEFF — *Preludio* e *Suggestões diabolicas*; ALBENIZ — *Corpus-Christi em Sevilha*, *Evocação*, *O Porto*, *Triana*; II) BACH — D'ALBERT — *Toccata em fá maior*; CESAR FRANCK — *Preludio*, *Choral* e *Fuga*; SCHUMANN *Carnaval*, op. 9; GRANADOS *La Maya y el Ruiseñor*; MOMPOU — *Canção e dança*; ALBENIZ — *Sevilha*, LISZT — *Rêve d'amour* e *Rhapsodia XII*; — III) SCHUBERT — *Impromptu* e *Minuetto*; BEETHOVEN — *Sonata* op. 57 (Apaixonada); VILLA-LOBOS — *Prole do Bebê*: *Mulatinha*, *Negrinha*, *Pobresinha*, *Polichinello*; GRADSTEIN — 3 *Mazurkas*; ALBENIZ — *Navarro*; CHOPIN — *Scherzo em dó sustenido*, *Valsa*, *Impromptu em fá sustenido*, *Polonaza op. 53*.

Apreciando numa visão de conjuncto a arte de Arthur Rubinstein, tem-se logo a impressão da technica invulgar do pianista. Parece não é só o estudo a razão da mecanica assombrosa com que emociona e deslumbra; trata-se realmente de um raro predicado natural que o estudo desenvolveu além de todo o limite. Arthur Rubinstein tem o genio da bravura. Para illustrar o conceito basta recordar as execuções maravilhosas da *Dança do Fogo*, da *Polonaza* op. 53 e da *Rhapsodia*, n. 12.

Mas a qualidade excepcional do pianista não faz sombra a esse outro dote por excellencia, que faz do technico assombroso um estheta sentimental que sabe, quando quer, fazer o piano cantar. Quanta belleza lyrica nos encanta, ouvindo-o dedilhar, com o coração nos dedos, o *Andante Cantabile* da *Sonata* op. 58, a 7.ª *Valsa*, o *Nocturno*, op. 15, n. 2, todos esses primores do genio incomparavel de Chopin, ou o *Rêve d'amour*, em que Liszt se faz Chopin!

Se nos fosse permittido externar uma opinião de leigo, diriamos que o grande pianista — hoje mais do que hontem — poderia crescer mais, tornar mais perfeitas varias das suas interpretações, se evitasse a confusão de algumas passagens, certo excesso de força, defeito que aliás resulta das proprias qualidades do virtuose. Fremente, impetuoso, o pianista, no enthusiasmo das suas execuções, arrancando do teclado catadupas de sonoridade, parece que ás vezes bate de mais sobre as teclas, erguendo e abaixando o busto, e dá uma sensação de desordem, de tumulto, de barulho, que enfraquece a intensidade da emoção. E' justo, porém, reconhecer que a gente esquece muitas vezes tal falta deante da bel-

(Conclue na pagina seguinte)

NOTAS DE ARTE

(Conclusão)

leza deslumbrante das qualidades que o interprete revela.

São de assignalar as peças ouvidas em 1.ª audição na America do Sul: as dos jovens compositores, o croata Tjacevico e o polonez Gradstein. São de assignalar só como novidade as *mazurkas*, e como fonte de belleza algumas das peças balkanicas. Dizemol-o assim, porque nessa 1.ª audição não nos impressionaram as composições de Gradstein nem todas as de Tjacevico. Ao lado desses autores fez bôa figura o nosso Villa-Lobos, que cultiva a mesma arte singular, onde ha bellezas, e extravagancias, e que parece revelou quasi sempre talento e originalidade. E' escusado dizer que as interpretações de Rubinstein estiveram acima de qualquer elogio, pois se trata de um genero musical, em que é inexcedivel o artista polaco.

A experiencia

DE PEDRO MIG[illegible]

AQUELLA noite, Lucifer estava mais cansado do que nunca. Aborrecia-se, em suas terras de enxofre, com a continua chegada dos peccadores. Estes diziam sempre a mesma coisa: protestavam contra a justiça, choravam um pouco, estremeciam de medo e manifestavam seu arrependimento. Não apparecia nenhum peccador impenitente, nem se descobria nenhum peccado novo. Era para desesperar do genero humano...

O aborrecimento e o tedio de Satanaz chegaram a ser tão profundos, que elle resolveu deixar seu reino e vir até nosso planeta. Queria distrahir-se com a torpeza dos homens, como um menino que se diverte com uma borboleta presa.

Bateu a uma porta, entrou em algumas casas e poz a cabeça a varias janellas. A vida continuava sendo um esforço sem consequencias... Lutava-se pelas chimeras, soffria-se pela bondade e triumphava-se pelos defeitos. Era, realmente, um espectaculo desagradavel, o da terra sem ventura.

Sobretudo, o mais terrivel era a esperança. Nenhum castigo infernal, nenhuma tortura diabolica era tão cruel como a seducção de seu encanto. Promettia todos os bens e jamais cumpria sua palavra. Os homens amavam-no alegremente e se elevavam para alcançal-a, até que, de repente, ella os deixava cahirem das alturas onde os havia attrahido. E elles tornavam a seguil-a e a crer nella, porque a adoravam com um amor que era uma enfermidade debil, [illegible]

O Demonio sentia-se derrotado, o soberano de um paiz [illegible] Que era toda sua força [illegible] desse interminavel desencanto [illegible] Comparado com a terra, o inferno era tranquillizador, por isso que era um logar onde não se ama, um onde não se espera, isto é, um logar onde não se engana...

Lucifer puzéra-se a olhar as pessôas que passavam. De repente deteve sua vista em uma mulher formosa, que ria perto delle. [illegible] cava satisfeito de encontrar [illegible] empregadas em pleno trabalho [illegible] Era quasi uma menina, e seu rosto pállido tinha a frescura das corollas que brotam da agua. O Demonio observou-lhe o espirito e viu que era uma esponja [illegible] de lodo e de sombra. A perversidade luciferina parecia melhor ao lado dessa delicada mulher, cujo olhar, brilhante como uma

de Satanaz

UEL OBLIGADO

lagrima, penetrava mais no coração do que todos os espectros do inferno.

Era a personificação da maldade, utilizando os attractivos da ternura e da belleza. Era a propria crueldade, que, para ser mais cruel, se vestira de mulher bonita.

Satanaz afastou-se della com desagrado, como si notasse sua propria insignificancia. Sentiu-se descontente de si mesmo e de sua soberania vulgar. Era necessario modificar seu paiz e tornal-o mais attrahente para que fosse mais temivel. E resolveu regressar rapidamente a seu reino. Voltava quasi temeroso de perder seu throno, sabendo já que seu dominio não era tão grande, porquanto uma mulher, sorrindo apenas, o sobrepujava.

E quando chegou a suas terras, e seus subditos lhe perguntaram que novidade havia visto no mundo, elle apenas lhes respondeu:

— O mundo continúa sendo o mesmo: ha mulheres bonitas e homens estupidos. O amor e a esperança continúa realizando seu immenso trabalho de corrupção. Ainda podemos esperar muito comestivel de carne...

E sorriu. Com tanto cansaço, que um dos diabos disse a seu companheiro:

— Vejo que nosso rei voltou derrotado. Deve ter visto que seu poder não é tão perverso como deseja.

O Demonio já estava longe, dirigindo as torturas e distribuindo os castigos.

Sentia-se ferido em seu orgulho de soberano do odio. Recordava aquella mulher preciosa que vira na terra; reconhecia o terrivel daquelle sorriso; e queria que o fogo do inferno resplandecesse com mais força, para que atemorizasse mais do que a attracção feminina, já que não podia causar tanto mal.

E effectivamente, começaram a levantar-se umas chammas que eram como montanhas de fogo; e a atravessar o espaço cavalgatas de nuvens vermelhas; e a subir os relampagos do inferno, como resplandores de cólera, até as janellas do céo. E por todo o reino se ouvia a ultima ordem de Lucifer, que dizia, entre gargalhadas de riso:

— E' necessario enganar as almas que chegam. E' necessario prometter-lhes muito, para que muito soffram. E, sobretudo, é necessario fazel-as sonhar com esperanças...

O pae. — E' curioso como esse menino, quando temos visitas, come tão grande quantidade de pombo.
A mãe. — Por que isto, Boby?
Boby. — Porque é a unica occasião em que comemos pombo.

A esposa (solucionando palavras cruzadas). — Só me falta uma palavra, de oito letras, e que signifique: homem feliz.
Elle. — Deverá ser: *solteiro*, não, quer'dą?

— E o automovel parou, conforme a minha ordem, á porta do "Bar da Rita". O ponto de todos os noctivagos. Homens e mulheres de todas as classes sociaes ahi se misturavam numa harmonia unica. Todos se chamavam "irmãos". Todos o eram. Não por pertencerem a uma mesma sociedade, mas, sim, na destruição de seus proprios corpos. "Irmãos" no anesthesico lento de suas forças vitaes. No vicio que a todos igualava formando um só corpo com um unico desejo — a cocaina. E essa massa humana ávida do "veneno branco" deixava-se guiar como um automato pela vontade do agenciador. Este era o rei. O supremo soberano da vontade dos frequentadores daquelle antro. Si qualquer de seus vassalos se mostrasse contrariado ao pagar o preço exorbitante da mercadoria por elle vendida ou a cumprir uma ordem por elle dada, ameaçava-o de não mais lhe fornecer a "coca". Era o bastante. Vencido por essa ameaça, o semi-revoltado retornava, humilhado, a ser o automato de momentos antes.

Não foi attrahido pelo vicio que me fiz levar para aquelle bairro longinquo e mal illuminado. Não foi tambem para ter o prazer de passear por suas viellas sujas e esburacadas. Meu fito era diverso. Pretendia conhecer o covil onde se vendia a morte lenta. Entretanto, não teria chegado até elle si não houvesse conhecido um dos seus infelizes frequentadores.

Rapaz de vinte e tres annos, Alfredo X pertencia a uma das mais distinctas familias da capital. Fôra criado com excessivo carinho. Em casa, desde criança, sua vontade era lei. Seus caprichos, promptamente satisfeitos por seus paes, para os quaes era um pequeno idolo. Aos quatorze annos, fôra internado num dos melhores collegios da Paulicéa, donde sahia apenas aos domingos, em visita á sua familia. Nesses dias, a "limousine" de seus progenitores, guiada por um "chauffeur" fardado de linho branco e um ajudante igualmente uniformizado, ia buscál-o, trazendo-o de volta á tardinha, á hora do recolhimento dos alumnos internos.

Assim lhe correu a vida escolar até os dezesete annos.

Depois, achando-se mais instruido sobre a vida mundana, os domingos eram por elle esperados com ansiedade.

Tudo no internato já o aborrecia.

Radiante de alegria, nos dias de sahida esperava que o carro de seu pae viesse buscál-o. Mas o seu trajecto tornára-se differente. Antes de ir para casa, procurava pelas ruas centraes da cidade os seus amigos, ansioso por saber das novidades da semana.

Indagava-lhes com interesse si aquella "garçonette" de cabellos

FARRAPO-HUMANO

louros, labios sempre rubros de "baton", unhas compridas e rosadas, ainda trabalhava no Bar Allemão; si aquella outra, que trabalhava no Café Jahú, ainda morava naquelle appartamento de luzes azues, na avenida S. João... Com enthusiasmo, olhos brilhantes, labios humidos e sensuaes, ouvia os amigos falar-lhe daquelles "bibelots humanos" que lhe enchiam a imaginação num pandemonio de volupia e gozo.

Incumbia-os de convidál-as para um passeio de auto por Sant'Anna, e ia então para casa tomar a benção de seus paes e pedir-lhes dinheiro com que mais tarde dava execução aos planos traçados para o resto do dia, cujas horas passavam rapidas como um foguete, cortando velozmente o espaço azul. A' noitinha, voltava triste, novamente,

para a prisão onde devia ficar durante seis dias encerrado, longe de todas aquellas deliciosas criaturinhas de suas relações. Agora, porém, retornava sempre atrazado, trazendo, para se desculpar e não perder a proxima sahida, uma carta de seu pae ao reitor, justificando o atrazo do filho. E, com sahidas ansiosamente esperadas e chegadas atrazadas, passára-se para elle o anno lectivo. Chegára, afinal, dezembro e com elle a época dos exames. A sua reprovação fôra certa, pois com a cabeça cheia de futilidade não pudéra estudar.

Perdêra o anno. Teria de repetil-o. Seus paes acreditaram em suas desculpas. Fôra infeliz no sorteio dos pontos, coitado!...

Passaram-se as ferias; as aulas iam começar. Todavia, Alfredo não tornava aos estudos; desertára das fileiras dos estudantes. Resolvêra dedicar-se ao commercio. Não fôra nelle que seu pae enriquecêra?

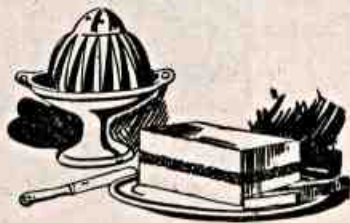
Com essa resolução, deu inicio á sua carreira commercial, trabalhando na casa bancaria de seu progenitor.

Tendo sido, a principio, correcto no cumprimento dos deveres que lhe impunha a nova profissão, no decorrer do tempo, entretanto, o seu enthusiasmo foi arrefecendo, e começaram as chegadas atrazadas ao emprego...

Chegava atrazado... chegava atrazado... e, por fim, nem mais chegava. Como muitos funccionarios publicos, só ia ao escriptorio no fim do mez buscar o seu ordenado e as suas percentagens nos negocios vantajosos que lá eram realizados no correr dos trinta dias.

Seu pae não o reprehendia. Quando lhe informavam não ter seu filho vindo trabalhar, dizia, sorrindo:

— Deixál-o! O Alfredinho é muito criança ainda para levar a vida a serio. Que se divirta!...

E elle se divertiu... Dançou noites inteiras nos "dancings" e "cabarets". Frequentou casas de jogo, tentando a sorte na roleta, no "baccarat" e em outros jogos de azar. Embriagou-se primeiramente com *champagne*, *cocktail* e whysky, e depois, quando essas bebidas já não lhe produziam o resultado almejado, experimentou o ether e a morphina, fazendo por esses vicios uma passagem ephemera. Quiz tambem conhecer a cocaina. Esta agrilhoou-lhe a vontade. Magro, alquebrado, olheiras assentadas, rosto pallido e macilento, olhar amortecido e assim prematuramente envelhecido, tornou-se Alfredo, aos vinte e poucos annos, um desses infelizes cocainomanos que só vivem para o vicio e que lhes entorpece o raciocinio e a intelligencia, lhes destróe a noção

Por Fernão de Itararé

da honra e da dignidade e os suborna á vontade desses párias que, sem coragem de trabalhar honestamente, vivem a vender-lhes a morte, que, inconscientemente, será aspirada entre chimeras e fantasias.

* * *

Chegado ao meu destino, despedi o automovel, e entrei. Nada notei de anormal que pudesse attrahir a minha attenção. Um bar commum, como muitos outros existentes no coração da cidade. Umas vinte mesas occupadas unicamente por gente do povo, bebendo alegremente, conversando em voz alta. Ao fundo, uma victrola coberta de poeira tocava Maruska. Um balcão comprido. Uma prateleira cheia de garrafas. Sobre o balcão via-se um mostrador com pasteis de uma semana.

De quando em quando, a machina registadora rangia sob os dedos de uma mulher ridiculamente pintada, cabellos oxygenados, apparentando cincoenta annos, gastos entre o vicio e a miseria. Eis o "Bar da Ritta", differindo dos outros do centro da cidade unicamente pela sua sujeira e pelos seus moveis velhos e gastos. Offerecia um aspecto commum bem capaz de enganar o policial mais astuto. Sentei-me a um canto. O "garçon" levantou-se de uma cadeira onde cochilava, espreguiçou-se, bocejou largamente e, com indolencia, veiu servir-me.

— O senhor deseja tomar alguma coisa?

Não se fez necessaria uma resposta oral. Foi o bastante levar as costas da mão ao nariz e aspirar lentamente, para que me convidasse a seguil-o.

Embarafustámo-nos por uma porta á direita da caixa e fomos dar em uma grande sala sombria e de aspecto já mui differente. Nesse ambiente, o ar era pesado e vicioso. Biombos chinezes separavam entre si divans, onde corpos de homens e mulheres, velhos e moços, repousavam anesthesiados como uma massa de carne inerte. De um dos cantos, por detraz de um paravento, ouvia-se a voz de uma mulher delirando aos primeiros effeitos da cocaina. Como por encanto, pouco a pouco aquella voz se foi adaptando ao meu ouvido, produzindo uma sensação sonora já muito minha conhecida. Estremeci, julgando reconhecer ali, naquelle antro infecto, a voz que alegrára a minha mocidade. Um arrepio de frio percorreu-me todinho, musculo a musculo. Num impeto, corri para o canto de onde ella partia, e, com um safanão, empurrei o biombo, fazendo-o cahir ao chão. Despindo aos meus olhos a horripilante scena, se me deparou a Rosinha, estrebuchando sem compostura sobre um divan carmezim, a pronunciar palavras desconnexas. Perplexo, com o coração dilacerado e a alma em frangalhos, quasi não cri no que via. Não, não era possivel! Ella, a pobre Rosinha, que enfeitára de sonhos lindos a minha juventude e fizera entregar-me de corpo e alma aos estudos, na esperança de um dia poder ligar o meu destino ao seu, para então, felizes, bem juntinhos, percorrermos, sorrindo, a mysteriosa estrada da vida...

* * *

Dois dias depois, exaltado, com a cabeça estalando, as idéas em turbilhões, acordei numa cama muito branca de um hospital. Tudo ao redor era silencio. O ar que aspirava era leve e puro. Ao ver-me tentar sentar-me na cama, uma irmã de caridade, envolvida em suas vestes brancas de virgem que se consagrára ao Senhor, um crucifixo de prata baloiçando-lhe ao peito, as faces rosadas de saude, tendo estampada na physionomia a calma santa das que vivem para o Bem e para a Oração, collocando sua mão delicada sobre minha testa ardente, fez-me novamente repousar.

Tudo fizeram em vão. Pois a scena desvendada aos meus olhos, aquella noite, destruira para sempre a minha felicidade, roubando-me a tranquillidade, combalindo meu ser e transformando-me neste farrapo humano, que, desinteressado, cabisbaixo, segue a multidão anonyma em sua rota quotidiana, com uma unica idéa no cerebro, um unico desejo no coração: — a Morte.

O TERCEIRO PERDÃO

De ZELIA MOREIRA

— Lenita!

Ella ergueu, sobresaltada, a cabeça, que reclinava nas alvas mãos, e fitou, com desprezo, o rosto moreno do homem que a chamára.

E elles ficaram, assim... a olhar-se silenciosos, um com indizivel ternura, outro cheio de desdem.

— Lenita — disse elle — foi o acaso, crê. Foi elle que nos fez encontrar. Ha muito que te busco, ansioso pelo teu olhar, sedento por teu beijo. Fui á nossa casa: estava vazia. Ah! Lenita, como soffri longe de ti!

— Esqueceste que te tenho horror?

— Não creio. Não póde guardar rancor quem tem a pureza de tua alma e a bondade de teu coração. Tu és bôa e me perdoarás, sei.

— Um criminoso primario merece perdão, mas o que, pela terceira vez, commette a mesma culpa não! Já é a terceira vez que me abandonaste, deixando-me quasi na miseria. Passei dias e noites trabalhando para o meu sustento: quasi morri num hospital, sozinha, sem ninguem... E por que? Porque aquelle que, perante Deus e a sociedade, me jurou eterna fidelidade; porque aquelle que eu amava, e que era meu marido, me abandonou, em busca de futeis prazeres. Por meu marido traidor e infame!

— Lenita, que é isso? Não te exaltes; escuta: não fui de todo culpado. "Ella" era bem mulher; seduziram-me os seus encantos fataes... Mas eis-me novamente ao teu lado, prompto a attender todos os teus pedidos.

— O mesmo disseste da outra vez e não o cumpriste. Daquella, perdoei, desta, não.

— Mas, Lenita, comprehende. Foste sempre a razão de minha vida. Aquillo foi loucura minha; deves esquecer. Tu sabes, muito bem, o quanto póde uma mulher, o quanto é fraco o homem ante os attractivos de um corpo. Ah! E quando a vi no palco, a estorcer-se em seus classicos bailados orientaes, não resisti. Segui-a como louco... Mas juro, querida, que sempre te amei, com o mais puro dos amores.

— Tudo isso é muito lindo, senhor meu marido! Amanhã apparecerá outra a estorcer-se qual serpente e lá estará novamente o meu marido fascinado!

— Não ironizes; escuta. Eu te amo mais que nunca; sempre te amei, longe ou perto de ti. Tu foste o amor verdadeiro de toda a minha vida; "ellas" foram, apenas, o amor de um minuto. Perdôa-me e deixa-me voltar outra vez para a tua companhia. Sei que fui máo, mas o arrependimento veiu ainda em tempo.

— Não! Não perdôo.

— Não és tu quem fala assim com tanta arrogancia. A minha mulherzinha sabe que a amo de todo o coração...

— Chega, Lauro! Essas tuas palavras offendem-me. Já te não amo. A tua traição não poderá ser olvidada. Jamais perdoarei!

— Piedade! Não te forces a ti mesma. Teus labios dizem aquillo que te não dicta o coração. Segue o que elle te diz, bôazinho... Vês? Aconselha-te o perdão. Não serás assim tão rebelde.

— Não insistas. Vae! Deixa-me só!

— Pois bem; assim o queres, assim o farei. Adeus! Irei para bem longe, onde não mais possas ter noticias minhas. Ando doente; a morte não tardará, pois. Sê feliz...

E, passos lentos, voltou as costas á mulher que, occultamente, enxugava as lagrimas...

E' que ella o amava ainda, com o mesmo ardor e a mesma intensidade de que dantes.

E, quando elle já estava longe, ella correu ao seu alcance, prendeu-o em seus braços roliços e exclamou, nervosa:

— Vem, Lauro; eu te perdôo outra vez!

ESPONTANEIDADE. — A menina. — (á sua preceptora, que vae embora). — Quanto sinto não poder sentir que a senhora se vá.

Conselho util:

De todos aquelles que têm sabido apreciar o quanto é util a leitura do magazine *FON-FON*, chamamos agora a attenção para a reedição, cuja venda se iniciará quarta-feira, 27 deste, do romance da mesma serie intitulado o *RIVAL DO REI*, a melhor obra do consagrado escriptor

MICHEL ZEVACO.

AS CAMAREIRAS

De MARK TWAIN

Em nome de todos os solteiros, formulo um energico protesto contra as camareiras de hoteis, de todas as nações e de todas as idades.

Ahi vão as razões:

As camareiras obstinam-se em collocar os travesseiros do lado opposto ao que occupa a luz electrica. Dahi o resultar que, si quizerdes ler ou fumar antes de dormir (como é um respeitavel costume dos solteiros), vos vereis obrigados a ter o livro no alto, em uma posição incommoda, para evitar que a luz vos fira directamente nos olhos.

Si, pela manhã, as camareiras encontram os travesseiros no logar onde achaes que elles deviam ficar, não se conformam, e tornarão a fazer o leito da maneira como o haviam deixado no dia anterior.

Si não ha outro meio de pôr a luz onde incommode, mudarão a cama.

Quando collocardes a lampada a cinco ou seis pollegadas da parede, para que, ao abril-a, fique a lampada direita, a camareira não deixará de aproximal-a da parede. Fazem-no de proposito.

Si vos convem ter a escarradeira em determinado logar, para usardes della commodamente, a camareira a porá onde a sua vontade assim o determinar.

Os sapatos que deixardes no quarto irão parar em logares inaccessiveis. As camareiras gostam immensamente de collocal-os debaixo da cama, tão longe do alcance da mão quanto a parede o permitte. Quando quizerdes usar o calçado desejado, vos vereis na necessidade de estender-vos no chão, em attitude humilhante e dedicar-vos a uma verdadeira caçada, de tal maneira que, em certas occasiões, se torna preciso o auxilio da calçadeira, ou de uma bengala.

As camareiras têm admiravel habilidade para descobrir cada dia um novo logar onde deva, na opinião, ficar a caixa dos phosphoros. Onde, hoje, se acha a caixa, porão, amanhã, uma garrafa ou qualquer objecto que se quebre facilmente. Isso ellas fazem certamente para que, si, á noite, procurardes a caixa, no escuro, e ás tontas, atropeleis a garrafa e a espedaceis.

Modificam, incessantemente, a disposição do mobiliario. Quando entraes á noite no quarto, podeis ter como certo que encontrareis a mesa de escrever no logar que, pela manhã, era occupado pela commoda. E si, ao sahir, pela manhã, deixaes o balde do *toilette* perto da porta e a cadeira de balanço junto ao balcão, quando voltardes á meia noite, tropeçareis, ao entrar, na cadeira e ireis ao balcão sentar-vos sobre o balde. Isso vos aborrecerá, que é precisamente o que querem as camareiras.

Apanham com extremo cuidado qualquer papelucho sem importancia que atiraes ao chão e o collocam com grande esmero sobre a mesa, mas, em compensação, vos accenderão a chaminé com um manuscripto de valor que tenhaes necessidade de conservar.

Põem no cabello mais brilhantina que seis homens. Si são accusadas de mexer em vossos perfumes, juram que não, com admiravel desfaçatez. Que lhes importa condemnar-se por jurar falso? Absolutamente nada.

Si, para maior commodidade, deixaes a chave na fechadura, a camareira a levará para o chaveiro do escriptorio, em baixo. Faz isso com o vil pretexto de que é para evitar que vos roubem. Mas, na realidade, é para obrigar-vos a descer e novamente subir as escadas quando chegaes fatigados da rua, ou quando menos para causar-vos o incommodo de mandardes uma pessôa buscar a chave. E essa pessôa vos faz o serviço com a esperança de que a recompenseis com uma gorgeta. Tenho a convicção de que essas miseraveis criaturas repartem o que desse modo ganham.

As camareiras costumam entrar em nosso quarto, para fazer-nos a cama, quando ainda estaes deitado. Desse modo vos despertam e começam desde cedo a entristecer-vos a vida. Quando vos vêem levantado, não voltam ao vosso quarto, como si, depois de ter-vos incommodado, nada lhes restasse a fazer.

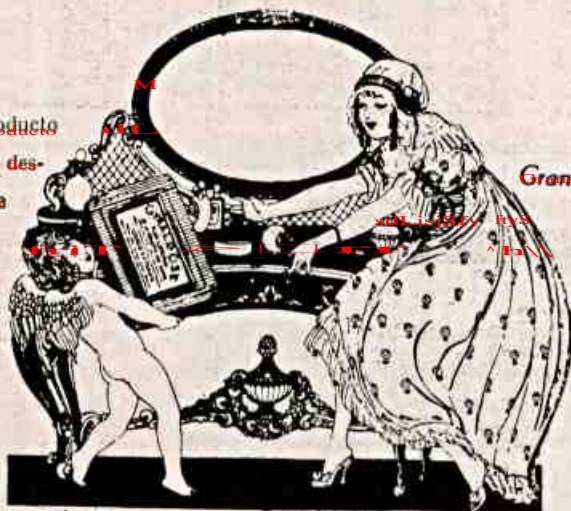
Realizam, emfim, todas as infamias que podem imaginar, e isto só o fazem por perversidade.

Na camareira morreram todos os sentimentos humanos.

Si estivese em minhas mãos apresentar ao Parlamento um projecto de lei pedindo a abolição das camareiras, eu o faria sem vacillar.

— Acreditas que os burros vôem?
— Que barbaridade! Não, homem, nunca!
— Pois o meu filho quer ser aviador!

— Não ha meios de poder digerir carne de cavallo. Outro dia, comi um bom bife e o maldito começou a dar-me voltas no estomago.

— Talvez pertencesse a algum cavallo de corridas...

O poema dos

SOBERBA

... E o Homem, inconsciente, como sempre, lembrou-se de que devia esquecer que era infimo. E riu, a valer do Sol. E da lua. E das estrellas. E achou ridicula a Natureza. Pisou, com nojo, sobre o pó, de que tinha vindo. Olvidou a Deus, que o creara. Escarneceu da agua indomita do Oceano. Teve impetos ousados de rasgar o Desconhecido. Foi assim que appareceu a Soberba.

AVAREZA

Fôra um Judeu sem nome, que sonhára, certa vez, delirante, com o poder o seu cerebro conter todo o ouro do Universo. E esse sonho o perseguiu, de tal maneira, que elle chegou ao extremo de pretender colher, sem ninguem saber como, metralhas da prataria da Lua e estilhaços do ouro do Sol. Era, não ha negar, a Avareza que acabava de fazer a sua tragica estréa na Terra.

IMPUREZA

O primeiro homem tinha vindo para o peccado. O pestilento, o miasmatico peccado da carne. Então, o Omnipotente, que não rezava por outra cartilha que não fosse a da severidade, disse ao mundo, pela bocca mysteriosa dos trovões millenarios que o homem havia traçado, sobre a face da terra, o escandalo da impureza. E Adão retrucou: "Este foi o divino escandalo que se fez amor materializado".

IRA

Dos theatros phantasmagoricos do Incognoscivel, a Ira nos veiu, pela bocca do Velho Autor que creou o Kosmos. E' Moysés — o egresso miraculoso das Aguas Sagrados — que quebra, contra

JAYME DE

sete peccados

o bezerro de ouro, de seus irmãos, as Taboas da Lei de Deus. E' ainda, o Christo que expulsa, do templo de seu Augusto Pae, os vendilhões que exploravam a miseria das ruas. E a Ira foi, então, officializada.

GULA

Um prato de lentilhas contra o direito sagrado da primogenitura. E a transacção foi feita. Aos olhos do mundo. E aos olhos de Deus, que tudo vê. De palpebras cerradas. A historia da Gula... A Carne que se sacia. O caracter que se prostitue. A decomposição psychica dos instinctos. A historia que ficou na Historia, com tantos e minuciosos detalhes, como si fôra uma cinta silenciosa de Murnau.

INVEJA

A alma de Caim era, em tempos longinquos, remotos, uma alma branca. Branca como a humildade intangivel de Job — o Resignado. Um dia, porém, ella realizou que devia ter, não aquella, mas a mesma côr das acções indignas. E, sacrificando, covardemente, a vida de seu irmão Abel — o Bom, Caim — o Asqueroso, inoculou, na sensibilidade pagã e doente de todas as raças, a culpa virulenta da Inveja...

PREGUIÇA

E, quando todos os fortes pretenderam encobrir, dos olhos do Mestre, que eram fracos, a decadencia physica provou que a miseria humana era, realmente, muito maior do que havia previsto a fraqueza dos fortes. Então, o homem chegou á conclusão, dolorosa e verdadeira, de que a preguiça era a lepra moral com que o Pae Eterno brindára, de mau humor, ao que tinha vindo do Nada para o Nada.

SANT'IAGO

O presidente da assembléa. — Senhoras e senhores: peço-lhes que tenham a bondade de esperar um momento, porque o senhor secretario perdeu a "memoria", e não sabe onde encontrál-a.

O primeiro crime

DESDE que sahira da prisão, havia uma semana, Pedro Cruz não cessava de rondar aquella seductora casinha da rua Barão de Mesquita, disposto a dar nella um golpe que, pelo menos, pudesse subtrahil-o por algum tempo á sua vida miseravel.

Com o trabalho não devia contar. Pedro Cruz não nascêra para passar oito horas diarias deante de uma machina ou pegado a uma enxada. Criado na vagabundagem, o trabalho sempre lhe pareceu uma especie de estigma. O roubo não era, para elle, um crime, embora as leis assim o considerassem e o castigassem sem piedade. Mas, já que não estava em suas mãos suavizar os duros artigos do código, devia se vangloriar do talento que demonstrava no roubo. Ciumento desse principio, nunca acceitára a collaboração de nenhum collega. Isso lhe parecia tão estupido quanto perigoso. Com mais facilidade se salva um do que dois. Alem disso, não tendo cumplices, estava ao abrigo de qualquer delação, uma vez que não era possivel que elle proprio se delatasse.

E' verdade que já havia cahido diversas vezes nas mãos da policia. Mas, algumas foi por estupidez, deixando-se surprehender *infraganti*, as outras foi por suspeitas. Quando a policia bota os olhos num, o camarada está perdido. Accusam-no de todos os crimes, cujos verdadeiros autores não foram agarrados.

Pedro Cruz era um desses. As mais longas condemnações que havia soffrido foram, exactamente, por delictos que não commettêra. O ultimo de que fôra accusado — roubo e tentativa de homicidio — custára-lhe tres annos e meio de prisão. Fazia então uma escassa semana que cumprira essa pena e já estava temendo que, de um momento para outro, o prendessem de novo, accusando-o de mais um delicto.

Suas actividades não eram, desde logo, de fórma a merecer elogios, mas, com leves variantes de fórma e maneira de agir, eram, no fundo, semelhantes ás de tantos funccionarios e homens de negocios. Com a differença, apenas, de que os roubos destes são conhecidos com nomes mais bonitos, que não escandalizam tanto a opinião publica.

Mas isso, afinal de contas, já não tinha nenhuma importancia para elle. Qualquer que fosse o nome com que se designasse a sua profissão, já era bastante tarde para renunciar a ella; isto é, já existia uma razão para continuar praticando delictos. A policia o havia declarado *ladrão profissional*. Para confirmal-o, não eram precisos titulos impressos em folhas de pergaminho cheias de sellos e de rubricas.

Mas, voltemos para junto delle, deante da casinha da rua Barão de Mesquita. Por duas vezes já saltára a grade do jardim e por este se aventurára. Mas, ao tentar forçar uma das portas, notára luz e ruido no interior. Isso o obrigára a conter-se em seus propositos e abandonar momentaneamente a empresa, por considerala perigosa. Sabia quem morava na casa. Um casal joven, com um filhinho e a criada. Sabia, tambem, que o marido, que se chamava Ribamar, era inspector de um importante estabelecimento commercial e costumava viajar pelas localidades do interior.

Naquella noite, embora soubesse Pedro Cruz que o senhor Ribamar estava ausente, não achava prudente penetrar em seu domicilio estando as duas mulheres despertas.

Apesar de poder submettel-as com a simples ameaça de matal-as — coisa que, entre parenthesis, era incapaz de fazer — não deixava de correr dois sérios perigos: que uma das mulheres lhe fizesse fogo, ou que as duas, ao mesmo tempo, rompessem em gritos de soccorro, e elle fosse preso e encarcerado.

Afinal, na terceira noite, poude levar a effeito seu proposito de entrar na casa. Saltou a grade da frente com uma agilidade de *clown*, e, pelo jardim, foi observando si havia luz nalgum dos aposentos. Não vendo luz, se alegrou. Seu golpe teria logar aquella noite. Chegado que foi aos fundos da casa, fazendo uso de suas ferramentas, abriu a porta da cozinha. Escutou um momento antes de entrar. Em seguida, não percebendo ruido algum, avançou cuidadosamente. Da cozinha passou ao compartimento vizinho, que era a sala de jantar. Ali não logrou encontrar nada de positivo valor e, sobretudo, de facil transporte, já que não estava disposto a carregar com a louça. O que elle desejava eram joias e dinheiro, e isso só nos dormitorios se poderia encontrar.

Com grande cautela, abriu a porta de communicação entre a sala de jantar e o dormitorio. Quando a fechadura cedeu, applicou primeiro o ouvido e depois olhou com olhos assombrados o interior. Uma emoção vivissima o deixou como que suspenso. Dentro do aposento, escassamente illuminadas por uma dessas lampadas

De José M. Braña

ladas, se percebia a silhueta de uma mulher curvada sobre um berço. Aquella mulher, com a voz tremula de lagrimas, falava atropeladamente dirigindo-se a seu filho:

— Vamos, meu anjinho: não tenhas medo! Não gemas assim, meu filho! Mamãezinha te vae curar! Mas teus de dizer a mamãezinha onde te dóe! Por que não o dizes, filhinho?... Onde te dóe, queridinho de minha alma? Onde, dize-me, onde?

A criança gemia imperceptivelmente, sem responder ás perguntas ansiosas de sua mãe, que não conseguia descobrir o mal que podia provocar a febre alta que, desde cêdo, a retinha no leito, com os olhos cerrados e deixando escapar, por entre os labios entreabertos, esse persistente gemido que tanto desconsolava aquella mulher.

Bem podia ter chamado o medico opportunamente. Mas as vizinhas, muito doutas segundo ellas proprias, conseguiram dissuadil-a, dizendo-lhe:

— Ora! Isso não é nada. Os meninos são incomprehensiveis. Mostram-se, ás vezes, bem doentes quando não têm nada. Verá como não tem importancia.

— Não será nada, sem duvida — supplicava a pobre mãe. — Mas meu filho está que faz pena.

— Sim, é verdade. Faz pena; sobretudo quando só se tem um filho. Quando você tiver cinco ou seis, não se affligirá tanto. De resto, como lhe dissemos, essas febres costumam ser passageiros... Uma indisposição momentanea, a dentição, a coisa mais simples. De sorte que você não deve se alarmar, que não é coisa para tanto...

Mas a febre, longe de ceder, augmentára com a noite. E isso tinha a pobre mãe curvada sobre o berço, tremendo de ansiedade pela sorte do filhinho.

— Que tens, meu queridinho? Que sentes? Onde te dóe?...

Pedro Cruz não ousou mover-se de seu logar. Escutando aquella mãe afflicta, lembrou-se de sua pobre mãezinha, que, mais de uma vez, sem duvida, se teria inclinado sobre seu berço para perguntar-lhe, amorosa e dolorida, que tinha elle. E sentiu-se piedoso, indulgente, respeitoso deante daquella terrivel dor de mãe, superior a todas as outras dores.

Suavemente, tornou a fechar a porta, disposto a abandonar aquella casa e a não pensar mais em voltar ali. Mas sua emoção acovardou-o. Elle fez um pequeno ruido; não tão pequeno, de certo, por isso que foi ouvido por aquella mãe angustiada, que se ergueu de um salto, dando terriveis gritos de soccorro.

Pedro Cruz, desconcertado, não se atreveu a moverse. A senhora Ribamar, varonil e arrojada em meio de sua dor, avançou para a porta atraz da qual estava elle. Avançou empunhando um revolver reluzente, que apanhou rapidamente de sobre a mesinha de cabeceira. Tudo isso via Pedro Cruz por um interstício da porta, e graças á tenue claridade que projectava a lampada.

Que fazer? Era impossivel a Pedro Cruz abandonar a casa sem perigo de sua vida, ou, pelo menos, de sua liberdade. E ficar ali era arriscar a vida, pois aquella mulher, tão valente e tão obstinada, lhe desfecharia um tiro, sem compaixão — sem essa compaixão que elle havia sentido por ella um momento antes.

— Soccorro! Soccorro! Ladrões! Ladrões! — gritava a senhora Ribamar, empurrando com todas as suas forças a porta que Pedro Cruz defendia com seu corpo.

A seus gritos desesperados se uniram os de outra mulher: a criada, sem duvida. Mas nos gritos dessa outra mulher havia somente espanto e angustia. Devia ser muito covarde essa mulher!

Perdida a noção do perigo que o ameaçava, e esquecido daquelle sentimento piedoso que o dominára rapidamente, Pedro Cruz pulou de traz da porta. Esta cedeu á barbara pressão da mulher, e se abriu de repente. Então Pedro Cruz não pensou sinão em si. Vendo apparecer na moldura da porta a figura de sua tenaz adversaria, sem cessar em seus gritos, lhe fez fogo com seu revolver. Foi tão certeiro o tiro, que a senhora Ribamar cahiu pesadamente a seus pés, emmudecendo como por encanto.

Horrorizado por seu crime — seu primeiro crime na sua já longa vida de delinquente — Pedro Cruz ainda teve a sufficiente lucidez para pensar em sua salvação. Fugiu. E teve sorte. Ninguem o viu fugir, e si o viu, foi tão covarde, que não se atreveu a perseguil-o. Entretanto, a outra mulher havia emmudecido tambem, talvez privada de sentido em virtude do espanto e do medo...

Naquelle dormitorio em penumbra só se ouvia, agora, o pranto do menino, dentro de seu berço, e era um pranto amargo, desolador. Sem cessar de chorar, o pequeno chamava, tenaz e inutilmente, com sua vozinha de crystal.

— Mamãezinha!... Mamãezinha!... Mamãezinha!...

QUANDO JÁ ERA TARDE...

— Eu sou a irmã de Henriqueta, e venho dizer-lhe que a pobre está enferma desde o dia em que o senhor a abandonou. Ella sonhava tanto com esse amor que lhe enchia a vida!

— Ah! A senhorita é irmã de Henriqueta? Muito bem! Prazer em conhecêl-a. Sente-se, senhorita.

Antonia sentou-se deante de Guilherme, e ambos se olharam profundamente, como que sondando suas almas. A irmã de Henriqueta estava tremula. Queria tanto áquella infeliz que se consumia de angustia depois do rompimento das relações com esse homem cortez mas frio que alli estava á sua frente... Queria-a tanto, que estremecia só ao pensar que sua intervenção fosse inutil.

Quando viu sua irmã abatida, sem appetite, abstrahida e encerrada em um mutismo dramático, ella, que sempre fôra tão jovial, sentiu que seu coração se despedaçava de angustia. E resolveu procurar Guilherme, onde quer que elle se encontrasse, e falar-lhe com absoluta clareza, até commovêl-o e fazêl-o comprehender que devia reatar as relações.

— A's suas ordens, senhorita. Póde falar.

— Pois bem, cavalheiro: eu venho dizer-lhe que deve reatar suas relações com Henriqueta.

— Impossivel, senhorita.

— Impossivel?

— Sim. Henriqueta é uma mulher que não poderia fazer-me feliz. Não nos entendemos. Eu fiz esforços para que ella me comprehendesse, e, por minha vez, procurei comprehendêl-a, mas tudo foi inutil: somos dois temperamentos oppostos.

Antonia empallideceu. Que palavras diria para convencer aquelle homem, insensivel, como parecia, a todas as supplicas, e que falava com tal accento de firmeza, revelando um caracter energico e inflexivel?

— Mas ella é uma criança... Tem, apenas, dezoito annos... Ha de ver, quando ella fôr mais velha, como o entenderá melhor... Ella é bôa, e gosta do senhor, e o senhor tambem lhe confessou que gosta della... Então, por que a faz soffrer assim? Seja bom, cavalheiro... Minha irmãzinha o quer muito e, juro-o solennemente, já não poderá gostar tanto assim, de outro homem...

Guilherme sorriu, com scepticismo.

— Oh, não o creia, senhorita! Henriqueta depressa me esquecerá e se consolará...

— Não, não! Juro-lhe que ella está de cama; que teve um forte ataque de nervos, e que, si eu não visse que ella o quer muito, não teria o atrevimento de vir a seu escriptorio para falar-lhe de sua magoa. Eu não posso acreditar que esse noivado, que, segundo ella me disse, começou tão lindamente, acabe assim. Não posso concebêl-o depois das confidencias que Henriqueta me fez. O senhor fez-lhe muitas promessas que está na obrigação de cumprir.

Guilherme levantou-se.

— Senhorita, não posso dizer mais do que já lhe disse. Nossas relações estão para sempre findas, e, como nosso noivado ainda não estava officializado, não tenho que dar satisfações a ninguem. Sabendo-o ella, era o bastante.

— Mas eu não sahirei daqui sem levar áquella pobre moça uma palavra de esperança! Henriqueta soffre. Si o senhor não me prometter reatar as relações, terá para sempre, sobre sua consciencia, o remorso de ter produzido um crime.

— Ora! Não será para tanto...

— Digo-lhe que sim. O senhor não conhece minha irmã tão bem como a conheço eu. Juro-lhe que, si a enfermidade não a levar, deste mundo, ella mesma acabará com sua vida!

Guilherme estremeceu.

— A senhorita, que é sua irmã mais velha, está no dever de convencêl-a que me esqueça. Não é possivel obstinar-se no que já não póde ser. Sonhei em fazer Henriqueta a companheira da minha vida. Infelizmente, porém, isso não poude ser uma formosa realidade. Foi um doce sonho, que já se dissipou...

Antonia, mordendo os labios, de raiva, cravou seus olhos colericos nos olhos do joven, que permanecia impassivel, como si fosse feito de marmore. Si aquella scena o commovia, elle não o demonstrava.

— Pois bem, cavalheiro, si o senhor não accede a meus rogos; si se mostra indifferente á dôr de minha pobre irmã, a quem prometti tantas esperanças

chegou o momento de dizer-lhe que o senhor é um canalha!

— Senhorita!...

— Sim! Um canalha! Um homem sem coração!

— Acalme-se, senhorita, acalme-se... A senhorita está muito nervosa e não mede as palavras... Peço-lhe que tenha um pouco de serenidade...

— Ah, claro! Serenidade! Os senhores são os homens perversos, que tudo realizam serenamente! Friamente, apaixonam uma mulher, friamente a abandonam depois... Mas desta vez se encontrou o senhor com uma mulher de coração, com uma irmã que sabe sahir em defesa de sua irmã. Ou o senhor me promette reatar as relações com Henriqueta, agora mesmo, ou se arrependerá para toda a vida.

— Isso é uma ameaça, senhorita!

— E' claro que o é! Que pensava o senhor? Que eu tinha vindo aqui apenas para inspirar compaixão. Pois fique sabendo que não: eu vim disposta a tudo!

— A senhorita é temeraria.

— Sou uma irmã que defende sua irmã. As razões que o senhor me deu para justificar o rompimento de relações com Henriqueta são as eternas mentiras que os homens serenos dão sempre a todas as moças enganadas ou desilludidas... Sei que o senhor gosta, agora, de outra mulher. Será capaz de negal-o?

— Não. Não o nego. E' verdade.

— Ah! Vê como abandonou a pobre Henriqueta para divertir-se com outra? São essas as poderosas razões que teve para deixar minha irmãzinha a sós com sua dôr e seu desengano.

— Acalmemos, senhorita. Tudo isto me parece ridiculo.

— Não! Tudo isso é tragico.

— A senhorita acabará fazendo-me rir...

— Pois eu sou capaz de fazer o riso gelar-lhe na bocca!

— Suas ameaças são perfeitamente inoffensivas para mim. Eu não sou um homem que se acovarde diante dellas.

— Mas isto ha de fazêl-o covarde!

Rapidamente, Antonia havia tirado da carteira um pequeno revólver, que apontava serenamente para Guilherme, com o dedo ao gatilho. Guilherme ficou mudo de espanto. Então, a porta do gabinete

De Lopez de Molina

abriu-se: e appareceu uma figura delicada, pallida e frágil como uma apparição.

— Henriqueta!... Que vens fazer aqui?

— E tu, irmã, que fazes com esse revolver na mão, apontado para o homem a quem eu amo, apesar de tudo?

— Mas este homem, Henriqueta, se nega a reatar as relações comtigo. Troçou de ti. Brincou comtigo como com uma criança innocente. Não tem direito a continuar vivendo! Deixa-me que o mate, para que nunca mais possa enganar a outras como fez a ti!

A mão descarnada e pállida de Henriqueta tirou da mão fraterna a arma e guardou-a em sua carteira. Antonia, como que dominada por aquelles olhos que pareciam já olhar de além-tumulo, deixou-se desarmar, ficando sem o revolver com que estava disposta a vingar a desillusão de sua irmã.

Henriqueta disse:

— Si este homem já não me quer, para que obrigál-o a tal? Deixa-o, irmã. A vida se encarregará de vingar-me... Vamos, Antonia, vamos, que mamãe deve estar inquieta... Foi providencial a minha fuga até aqui, onde vim a tempo de evitar o mal que ias praticar... Vamos, irmãzinha, vamos...

As duas irmãs já se retiravam, uma pelo braço da outra, apoiando-se a mais moça, quasi materialmente, no corpo da mais velha. Antonia chorava. Henriqueta tinha os olhos seccos.

Um grito de angustia resoou no escriptorio, fazendo com que as duas mulheres voltassem a cabeça.

— Henriqueta! Não, não, não vás assim!... Deixa-me dizer-te que te quero!

— Afinal! — exclamou, radiante, Antonia.

Mas Henriqueta, olhando fixamente Guilherme, sentenciou:

— Agora é tarde. Agora, sou eu que não posso querêl-o!... Vamos, irmãzinha.

E as duas mulheres perderam-se no torvellinho da rua.

A VINGANÇA

D ALEXANDRE

SILVESTRE acabava de passar nas trincheiras os tres annos mais penosos de sua vida. Foram tres annos de continuo jogo macabro com a morte, cujo horripilante esqueleto o espreitava, e de eterno odio contra tudo e contra todos. A principal causa do odio consistia em que o homem sentia a falta de sua joven esposa, de cujos braços o arrancaram depois do quinto dia de vida conjugal. Seu coração triturava uma permanente inquietude pelo que se passaria em seu lar. Preoccupava-o a saude de sua mulher e a idéa de que podia haver alguem que, durante a separação, lhe roubasse a juventude e o amor da companheira. Essa idéa tornava-o infeliz e furioso ao mesmo tempo.

Quando Silvestre se aproximou de sua cabana, escondida no emmaranhado da floresta, o sol chegava ao occaso e os passaros gorgeavam suas canções nocturnas. Nada havia mudado no aspecto da vivenda, tão familiar ao guarda-bosque. No meio do pateo, viu sua mulher, que o olhava com pavor.

— Marina! — exclamou Silvestre, cheio de alegria. — E's tu?

Apesar do jubilo que lhe causára o encontro, o homem observava attentamente o menor movimento de sua esposa. Em sua alma habitavam dois sêres: um, feliz e cheio de contentamento; o outro, incrédulo, dominado pelas suspeitas e pelas duvidas.

— Não me esperavas, Marina? — perguntou Silvestre á joven.

— Oh, sim, querido! — respondeu ella. — Gastei os olhos chorando... Não sabia si ainda voltarias.

— E que farias si eu não voltasse?

— Matar-me-ia, meu amor.

— Falas com sinceridade?

Silvestre contemplava Marina e seu primeiro [illegible] lhe dizia que os tres annos de separação não haviam exercido nenhuma transformação em sua esposa, e apenas a tinham feito uma mulher em plena flor da idade. Mas seu segundo eu se poz a investigar por que Marina ficára mais bonita, por que seus olhos reflectiam a felicidade. Seria possivel que a lembrança de seu amor permanecesse viva no coração da joven por espaço de tres annos? Silvestre crispou os punhos.

— Que tens? — exclamou Marina, entre assustada e carinhosa.

— Nada — foi a resposta lúgubre do guarda-bosque.

Silvestre foi cédo para a cama. Marina, deitada a seu lado, acariciava-lhe o cabello longo e áspero, trauteando uma canção popular.

O guarda-bosque abraçou os hombros nús de sua esposa, procurando afugentar o negro diabo que se apoderára de seu coração.

— Marina! — falou elle, de repente — gostas de mim?

— Por que não hei de gostar, meu guerreiro? — respondeu a joven.

— Não deixaste de amar-me nunca?

— Tu és meu unico amor, querido.

— Marina — proseguiu Silvestre, respirando trabalhosamente e apertando-a com uma força selvagem — algum homem te visitava?

— Que idéa! Como pudeste ter pensado isso? Juro-te por Deus! Quero morrer agora mesmo si não estou falando a verdade... Offendeste-me, Silvestre!...

— Bem — replicou-lhe o marido, sentindo que a mão do demonio soltava um pouco sua presa. — Não te offendas. Passei tres annos frente a frente com a morte, mas meus pensamentos estavam sempre comtigo. Imaginava coisas horriveis... Perdôa-me, Marina!

O homem calou-se, aguçando o ouvido aos ruidos do bosque, familiares para elle desde sua mais tenra idade, e que conseguiram acalmál-o e adormecel-o.

Sonhou com Marina, que corria pelo pateo, seminúa, com uma foice na mão, gritando: "Mata-me, Silvestre, pois tive um amante!" Silvestre arrebatou-lhe a foice e se lançou sobre ella; mas em suas mãos a arma se transformou em outro instrumento pontudo, que se poz a machucar-lhe a fronte, produzindo um sécco, estranho...

O guarda-bosque despertou, sobresaltado. E viu sua esposa, seminúa, de pé junto á porta, fechando-a com extremo cuidado. Os gonzos oxidados da porta produziam o som sécco, estranho, que elle ouvira no sonho horrivel.

Silvestre sentou-se na cama, enorme e horrivel em seu odio, e gritou, com uma voz apavorante:

— Por onde andas de noite, Marina?

A joven tremeu dos pés á cabeça e respondeu com voz apenas perceptivel:

— Agua...

— Que? Que agua?...

— Fui beber agua... do barril que está na latada.

Silvestre sentiu desejos de matál-a immediatamente. Mas fez um supremo esforço para dominar-se, crispou os punhos, voltou-se para a parede e guardou silencio. Marina deitou-se a seu lado, sem se atrever a tocál-a nem a falar-lhe.

DE SILVESTRE

E

D R O S D O V

A cólera rugia no peito do homem... Vendo que sua esposa adormecia, levantou-se da cama e sahiu da cabana, sem produzir o menor ruido.

Começava a despontar o dia e a semi-claridade fazia resaltarem as negras silhuetas dos pinheiros. Silvestre olhou em torno de si e notou no chão humido os rastros de uns pés femininos descalços que iam até um curral, junto ao qual se encontrava uma escada portatil, apoiada contra a porta de um barracão.

Desde esse momento, Silvestre, cego pela ira, perdeu a noção do tempo e do logar, agindo como um somnambulo.

Vendo barro nos pedaços da escada, percebeu que Marina acabava de subir ao barracão. "Comtanto que o outro não vá escapar" — foi o pensamento que lhe cruzou pelo espirito agitado, emquanto, por seu turno, subia.

Uma vez em cima, viu no chão um enxergão e, deitado sobre este, um menino adormecido (de dois annos, approximadamente), com a fresca boquinha semi-aberta, com as faces rosadas, gordinho e formoso.

Ao ver a criança, Silvestre ficou estupefacto. Mas, bruscamente, seu segundo eu gritou-lhe, triumphante: "É um bastardo que tua mulher esconde aqui."

Dominado pela cólera, o homem tirou o paletó, cobriu com este a cabecinha do pequeno e sentou-se em cima, com todo o peso de seu corpo enorme. Sentiu um debil movimento, um leve tremor do corpinho infantil, que cessou immediatamente...

* * *

Silvestre desceu ao pateo e se poz a caminhar ao longo delle, silencioso e sinistro, com os olhos injectados em sangue, inventando um martyrio para Marina. Subito, sua vista topou com uma foice cuja folha curva brilhou aos raios do sol nascente. Deteve-se por um segundo, mas logo afastou a arma: pareceu-lhe pouco mutilar sua mulher. Observou suas mãos fortes e musculosas. Mas tambem não ficou satisfeito com a idéa de estrangulál-a. De repente, seu rosto illuminou-se com uma alegria infernal, que parecia ser a consequencia de uma idéa que lhe atravessou a mente. Silvestre desatou uma corda que atravessava o pateo e que servia para estender a roupa; enrolou-a e poz-a no hombro. Depois, entrou na cabana.

Marina estava dormindo. Fazendo enormes esforços para dominar sua ira, o guarda-bosque se acercou do leito e disse, com voz tremula:

— Marina, minha fiel esposa, é hora de levantar-se.

A joven abriu os olhos e sorriu a seu marido, que continuou olhando-a com olhos fulgurantes.

— És innocente, não é assim? Durante minha ausencia, homem algum te visitava? E não escondes teu filho no barracão?

— Silvestre! — exclamou Marina, espavorida.

— Ah! — rugiu o guarda-bosque, no cumulo da ira.

Levantou a esposa nos braços e, apertando-a contra o peito com toda a sua força, se encaminhou para o bosque. A mulher parecia estar morta nos vigorosos braços do marido...

Só os pinheiros viram o que fez o guarda-bosque com a esposa...

* * *

Silvestre voltou sozinho para casa.

Os vizinhos da aldeia proxima, sabedores de seu regresso do front, foram visitál-o. Assombrados de seu aspecto semi-selvagem e sinistro, perguntaram-lhe:

— Onde está Marina?

— Foi embora — respondeu Silvestre, bruscamente.

Um menino da aldeia contou a seus conterraneos que, ao passar pelo bosque, vira uma mulher amarrada a uma arvore, com o corpo cheio de echymoses e de feridas ensanguentadas. De pé, junto della, se achava um homem enorme, que a castigava com um rebenque, perguntando-lhe:

— Como se chama elle, Marina? Dize-me seu nome.

— Não — respondia a mulher. — Odeio-te...

— Está doendo, Marina? Tens fome e sêde? — continuava o homem, em seu interrogatorio infernal, batendo na mulher e soltando gargalhadas ruidosas e selvagens.

Ninguem deu credito ás palavras do menino. Mas, ao cabo de alguns dias, as camponezas que foram ao bosque buscar lenha, voltaram de lá aterrorizadas, dizendo que tinham visto um esqueleto humano amarrado a um pinheiro.

No mesmo dia se afogou no rio o joven ferreiro da aldeia...

* * *

Desde então, ninguem mais ia visitar Silvestre em sua cabana escondida na floresta. Quando elle ia ao mercado, os camponezes lhe vendiam os viveres sem olhál-o e sem proferir palavra.

O guarda-bosque voltava á sua cabana, silencioso, encurvado, desgrenhado e amaldiçoado por todo mundo...

A IRMÃ

— Já estás prompta?

— Sim.

— Não esqueceste nada?

— Creio que não.

— Lembra-te bem. Não vás fazêl-o na rua e precises voltar em casa. Chegarias tarde ao emprego. Levas dinheiro para o bonde? Lenço?

— Sim, sim. Não esqueci nada. Salvo isto.

E a joven imprimiu no rosto da outra um beijo ruidoso, e, em seguida, sorrindo, ajuntou:

— Até logo, Carmen.

Era a scena familiar que se repetia todos os dias, todos os momentos, entre as duas irmãs. Depois, a mais velha, da porta de rua da casa modesta e limpa, em que moravam, via a outra afastar-se pouco a pouco e perder-se lá, ao longe, como um ponto escuro. Só, mais tarde, ao recomeçar seu trabalho, alguem a ouviria murmurar, pensando na irmãzinha:

— Que criatura!

Um momento mais, e a machina de costura cumpria sua missão sagrada: levava o pão áquella mesa de pobres, o pão que ganham honestamente as mulheres que sabem ser fortes e que nunca pensaram em deixar de ser honestas. E assim, lentamente, a machina de costura, muitas vezes, coze, tambem, as illusões de muitas mulheres.

Pobrezinhas! São mulheres que têm na alma a ternura e o amor de todas as mães do mundo, e por isso soffrem e calam: porque são bôas.

•

ORPHÃS. Sós na vida ficaram as duas irmãs — Carmen e Helena, — numa idade em que tanto necessitavam do calor do ninho do lar. A morte quiz passar perto dellas para arrebatar-lhes o que mais amavam: os paes. Dir-se-ia que ao partir um, para o outro mundo, arrastou, pouco tempo depois, o outro, para continuarem vivendo, talvez, lá nas estrellas, perto de Deus, a novella de amor começada na terra. Ficaram sós, infinitamente sós na vida, as duas irmãs. Carmen contava dezoito annos, e Helena ainda não chegára aos dez.

P r e m a turamente, de um golpe, como a vida costuma fazer as coisas, a joven de dezoito annos teve que se transformar em mãe, numa mãezinha ainda menor mas consciente dos seus deveres, que acceitava integralmente a responsabilidade daquella existencia que, dali por deante, correria parallela á sua, e á qual devia offerecer todos os seus melhores instantes, chegando, si fosse necessario, ao maximo dos sacrificios para satisfazer á mãe, que a olharia do céo...

Passaram-se annos difficeis, em que os dias a surprehendiam lutando desesperadamente para que a miseria não entrasse naquella casa onde moravam, e que era todo um mundo para ellas.

Mas a miseria não entrou. Passou ao largo e não teve coragem de se a p p r o x i m a r daquella morada. Carmen vencêra-a. E comprehendia que, na luta para cuidar daquella existencia que se desenvolvia ao calor, da sua, deixava pedaços de alma, illusões... Um momento, porém, não vacillou em proseguir sempre sua marcha para deante, sem olhar o *hontem*, como si sua juventude e sua alegria houvessem perdido o direito á felicidade.

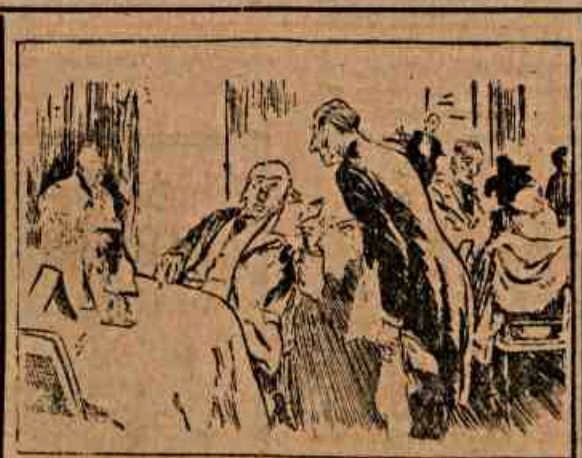
E ella? Não lhe importava de si mesma. Para deante. Sempre para deante. Desse modo decorriam os dias... os annos...

Apenas aconteceu que, uma vez, de repente, encontrou no seu caminho algo que a desconcertou inteiramente, e era... o amor, o sentimento divino que suppunha morto dentro de si mesma em um esquecimento total e absoluto de sua pessôa.

•

HORACIO SOLER commovia-se com a tragedia silenciosa que adivinhava em sua vizinha. Seus vinte e cinco annos jamais haviam encontrado um exemplo vivo, grande, de uma força moral tão profunda, e sua admiração o levou para ella, suggestionado pela sympathia do sacrificio que se occultava, humildemente, atraz da fronte e dos labios daquella mãezinha joven e affectuosa, sempre calada, sempre preoccupada. E Aproximou-se della. Ficaram intimos.

Filho de paes provincianos, as luzes deslumbrantes da cidade chegaram até seu recanto de povoado, onde a vida se lhe deparava um interminavel bocejo, pela monotonia; e, com mais illusões que dinheiro nos bolsos, abandonou a serena felicidade da terra que o viu nascer, e foi na c i d a d e attrahente mais um que luta, mais um que soffre, mais um que vive... Era isto Horacio Soler: um aprendiz de conquistador.

Mais tarde, falou de amor a Carmen, e esta se negou a escutal-o. Ella não pertencia a si mesma, pois era de sua irmãzinha, Helena, a criança que, concluidos seus estudos escolares, seria necessario empregar, e guiar pelos caminhos, cada vez mais difficeis, que a esperavam, alertando-a a tempo das emboscadas com que, ás vezes, nos surprehende a vida. E como pesava em sua existencia com a responsabilidade tão grave

O *freguez* — Traga-me os seis pratos que marquei com o lapis.

O *garçon* — Desculpe, senhor, porém esta é a lista dos vinhos...

de daquella outra existencia confiada a seu cuidado. Mais tarde, porém, quando Horacio prometteu ajudál-a em suas preoccupações, não separar-se nunca, estar sempre prompto para ser-lhe util — só então Carmen, pedindo perdão á recordação da mãe morta, teve a coragem de pensar um pouco mais em si mesma. E, como um raio de sol, muito suave e muito doce, aquelle sentimento foi crescendo em sua alma, junto aos deveres que lhe impunham os cuidados de Helena, cuja belleza e juventude a inquietavam pensando no futuro. Mas não. A irmãzinha era uma copia fiel de suas condições de mulher. Tinha sua mesma força moral, identica fé na alma, exacta honradez nos pensamentos, e tudo isso a enchia de um secreto orgulho, de uma satisfação nobre, pura, como si o premio de todos os seus sacrificios fosse aquelle: sua honradez — a unica riqueza dos pobres...

•

No emtanto, o tempo foi passando... Horacio Soler não poude, por imprevistas difficuldades economicas, transformar em realidade seu projecto de casamento. Devia, portanto, continuar lutando si é que queria, em um futuro não muito distante, offerecer a Carmen o que ambos consideravam a felicidade. Por isso, foi se accostumando a ver perto, quasi diariamente, aquellas duas vidas. Assim, cheio de assombro, contemplava o espectaculo delicioso da transformação de Helena, que se encontrava nesse limite da menina que passa, pouco a pouco, e por obra do tempo, a ser mulher. Até que um dia se apprehendeu a si mesmo com uma revelação: elle estava apaixonado por Helena. Lutou contra esse sentimento novo que se apresentava, agora, em sua alma e em seu coração, para inquietál-o, torturando-o atrozmente. Viveu horas amargas

De Julio Franzoso

deante da confusão daquelles dois amores. Analysou, estudou seu proprio caso com frieza, e só chegou a uma conclusão: seu amor por Helena.

Em Carmen, todas as illusões já se haviam quebrado. A vida, condemnando-a ao cuidado da irmãzinha e impondo-lhe a subsistencia de ambas, lhe apagou dos labios todos os sorrisos, envolvendo-a num cansaço e num frio de annos não vividos. Helena era joven, mal apparecia na janella da vida com pureza, com illusões simples e claras, e elle, afinal, não era velho. Mas não. Elle não se trahiria. Fez rapidamente sua composição de logar, como homem pratico e digno de si mesmo, e resolveu afastar-se daquellas duas vidas que haviam determinado uma confusão tão profunda em seus sentimentos. Afastar-se-ia, sim, collocaria distancia e tempo entre ellas, como si o caminho de sua existencia não devesse nunca acercar-se do caminho das duas irmãs.

•

E uma tarde, em que Carmen regressava da rua, encontrou Horacio e Helena pensativos, silenciosos, tristes...

Aquella mesma noite, Carmen, deante do retrato da mãe fallecida, fez uma promessa...

. . . .

— E' inutil... Enganámo-nos...

— Não, Carmen, não.

— Escuta...

Ella, a mãe, a irmã, procurava impedir o afastamento de Horacio. Comprehendêra, chegára com os olhos de seu coração até aquellas duas almas... Nada mais... Sabia qual era sua actuação naquelle drama: o sacrificio. Por isso, certa do amor de ambos, procurou ser ella mesma quem os unisse com suas proprias lagrimas, com pedaços de sua alma, com verdades e com mentiras, já que todos os caminhos se lhe deparavam acceitaveis, comtanto que a levassem ao mesmo fim. E assim foi. A mentira maior, aquella mentira de seu engano em relação ao amor que sentia por Soler, estava ali, palpitando ainda em seus labios.

— Enganámo-nos, sim... pódes crêl-o...

Com astucia, com habilidade, com uma força incrivel em si mesma, soube chegar até elles — até a irmã bôa, pequena e débil, que sempre necessitava amparar-se nella, para viver; até elle, que era a ultima illusão que lhe restava sobre a terra, a ultima probabilidade de alcançar aquillo que agora perdia para sempre: sua felicidade.

Mas... a satisfação enorme do dever cumprido, sua propria estima de mulher, todo aquelle mundo ignorado de sacrificios feitos por Helena a rehabilitava, a engrandecia, enchendo-a de orgulho: antes de ser mulher, era mãe.

. . . .

E, algum tempo depois, naquelle dia em que as leis de Deus e dos homens uniram para sempre as existencias de Horacio Soler e Helena, Carmen, deante do retrato da mãe, murmurava, entre soluços, com o mais cruel e mais doloroso desespero de sua vida:

— Mamãezinha... deilhe tudo o que tinha!... Tudo!...

E era verdade.

BÔA INSTRUCÇÃO. — A senhora (ao famoso litterato que lhe acabam de apresentar). — Eu sou de opinião que alguns livros são melhores... que... que outros. Não pensa o senhor assim?

A FAIXA

(SHERLOCK - HOLMES)

— Porque eu, estas noites mais proximas, pelas tres horas da madrugada, tenho sempre ouvido um assobio, muito fraco, mas perceptivel. Tenho o somno muito leve, e acórdo. Não posso perceber de que lado vem, se será do quarto immediato, se do pateo! E queria saber se o terias ouvido tambem.

— Não. Hão de ser esses malditos ciganos lá no pateo.

— E' possivel. E comtudo, se é lá fóra, admira-me que o não tenhas percebido tão bem como eu.

— E' que não tenho o somno tão leve como tu.

— E dahi, o caso não tem muita importancia, accrescentou, sorrindo, e afastou-se. Dali a instantes, ouvi-lhe dar volta á chave da porta do seu quarto."

— E tinham effectivamente, por costume, fechar de noite a porta dos seus quartos? perguntou Sherlock-Holmes.

— Sempre.

— E por quê?

— Creio que já lhe disse que o doutor tinha em casa uma panthéra e um macaco; e por consequencia, não nos considerávamos em segurança senão quando as portas estavam fechadas a chave.

— Até ahi percebe-se. Continue, faça favor.

— Não pude dormir toda essa noite. Opprimia-me o vago presentimento de uma desgraça. Eu e minha irmã eramos gêmeas, e sabe a que ponto são subtis os laços que unem duas almas tão chegadas uma á outra. Lá fóra, fazia um tempo medonho. Rajadas de vento e cordas dagua a fustigar as vidraças. De subito, por entre o fragôr da tempestade, ouvi um grito de desespero de mulher allucinada e conheci a voz de minha irmã. Saltei da cama abaixo, embrulhei-me num chale, e investi pelo corredor. No acto de abrir a porta afigurou-se-me ouvir um tenue assobio como aquelles que minha irmã me descrevera e, dali a instantes, distingui um ruido sonoro, semelhante ao de um corpo pesado, de metal, que tivesse caido ao chão. Em seguida, abriu-se devagarinho a porta do quarto de minha irmã. Parei, aterrada, sem saber o que iria succeder. A' luz do lampeão do corredor, vi apparecer, na porta aberta, minha irmã em pessoa, com o rosto livido de terror, gesticulando como quem implora soccorro, e vacillando como se estivesse embriagada. Voei a acudil-a, tomei-a nos braços, mas fraquejaram-lhe as pernas e caiu desamparada no chão. Estorcia-se como quem soffre horrivelmente e abalavam-lhe o corpo convulsões pavorosas. A principio suppuz que me não houvesse conhecido mas quando me debrucei sobre ella, bradou-me com voz que jámais esquecerei: "Meu Deus! meu Deus! Helena! Foi a faixa! A faixa sarapintada!" E mais alguma coisa queria accrescentar, o dedo estendido dir-se-ia querer varar a parede do quarto do doutor, veiu porém tolher-lh'o de todo nova convulsão, privando-a do uso da palavra. Arremetti pelo corredor, chamando por meu padrasto e encontrei-o de chambre, saindo apressado do quarto. Quando alcançámos minha irmã, jazia esta sem sentido. O doutor emborcou-lhe cognac por entre os labios, mandou chamar o medico da aldeia, mas foram baldados todos os nossos esforços. A vida foi-lhe fugindo pouco a pouco, e expirou sem voltar a si. E eis o fim pavoroso da minha querida Julia."

— Ora diga-me, instou Holmes, tem a certeza de ter ouvido o assobio e o tal ruido metallico? Pode-o afiançar sob a sua palavra de honra?

SARAPINTADA

Por CONAN DOYLE

— Isso mesmo me perguntou o procurador regio do condado, durante o inquerito. Tenho a convicção de o ter ouvido, e comtudo, em meio daquella tempestade e dos gemidos do velho pardieiro, é possivel haver-me equivocado.

— Sua irmã estava vestida?

— Não estava, tinha apenas as roupas de dormir. Foi-lhe encontrado na mão direita o resto de um phosphoro queimado, e na mão esquerda a caixa.

— O que prova que tentou accendêl-o, afim de vêr em torno de si. E' circumstancia importante. E que resultado deu o inquerito?

— Foi minuciosamente estudado, pois era notorio por todo o condado o modo de proceder do doutor Roylott, e não obstante, não conseguiram descobrir causa plausivel da morte. O meu depoimento provou que a porta estava fechada por dentro; quanto ás janellas, eram resguardadas por uns postigos com trancas de ferro e punham-nas todas as noites. Foram sondadas as paredes com o maximo cuidado, e por toda a parte as encontraram intactas; examinaram tambem uma por uma as taboas do sobrado; mas a busca foi debalde. E' larga a chaminé, mas travada a certa altura por quatro varões muito grossos. E' certo portanto que se achava de todo sosinho minha irmã, ao dar-se o acontecimento que lhe causou a morte. Além disso, o seu corpo não apresentava o minimo vestigio de violencia.

— E a respeito de veneno?

— Os medicos examinaram-n'a sob esse ponto de vista, mas sem resultado de especie alguma.

— A que attribue então a morte?

— Persuado-me de que fosse unicamente o médo e o abalo nervoso. Mas o que seria que a assustou, eis o que não posso imaginar.

— Andariam, nessa occasião, ciganos, por parque?

— Andavam, andam quasi sempre.

— Ah! sim? Que idéa lhe foi suggerida por essa sua allusão a uma faixa sarapintada?

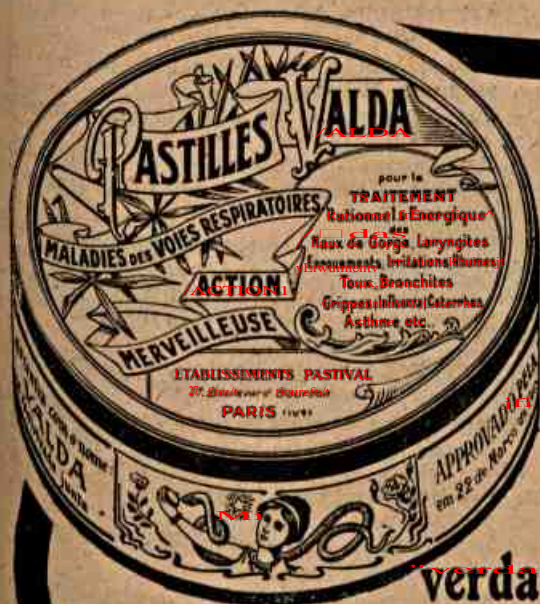
— A principio cuidei que fosse um qualquer effeito do delirio, e se referisse á cinta de um desses ciganos, dessa malta que infestava o parque. Occorreu-me tambem que talvez os lenços de côres, que muitos delles trazem na cabeça, lhe houvessem suggerido o extravagante adjectivo por ella empregado.

Holmes meneou a cabeça, com os modos de um homem a quem não satisfez a explicação.

— Parece-me tudo isso bastante mysterioso, commentou. Queria proseguir.

— Decorreram já dois annos, e a minha vida, até estes mais proximos dias, tem sido solitaria como nunca. E comtudo, haverá coisa de um mez, um rapaz, que me requesta, ha já annos, fez-me a honra de pedir a minha mão. Chama-se Armitage, Percy Armitage, e é filho segundo de Mr. Armitage de Crane Water, nas cercanias de Reading. Meu sogro não fez a minima objecção ao nosso projecto, e tencionamos casar na primavera. Ha dois dias, principiaram os trabalhos de reparação no lanço occidental do edificio, e furaram a parede do meu quarto: tive que mudar-me para aquelle em que morrera minha irmã e de dormir no leito em que ella dormia.

"Imagine, pois, a que ponto eu estremeceria horrorizada, quando, a noite passada, sem poder conciliar o somno e a pensar na sua triste sorte, de subito, quebrando o silencio da noite, ouço aquelle assobio, apenas perceptivel, que fôra o signal da sua

(*Continúa na pagina seguinte*)

morte. Ergui-me de um pulo, accendi o candieiro, mas no quarto não vi coisa nenhuma.

"Sobresaltada em demasia para me deitar outra vez, vesti-me e, assim que rompeu o dia, fugi do quarto para fóra; aluguei um *dog cart* no hotel da Corôa, que fica defronte da nossa casa, e vim ás carreiras até Leatherhead, onde cheguei esta manhã, com o fim unico de o procurar e de lhe pedir conselho."

— E fez muito bem, respondeu o meu amigo. Mas disse tudo, absolutamente?

— Tudo o que tinha que lhe dizer.

—Não é exacto, miss Roylott, está poupando o seu padrasto.

— Eu? Que quer dizer?

Como resposta unica, Holmes, arredando-lhe a renda preta da manga, descobriu a mão que a nossa consulente ia pousar sobre o joelho: cinco estygmas lividos, signaes de cinco dedos, sobresaindo o do pollegar, se achavam impressos no delicado pulso de Helena Stoner.

— Tratou-a com brutalidade, affirmou Holmes.

Ruborizou-se intensamente Helena, e escondendo o dorido pulso, disse:

— E' um homem brutal em extremo, e talvez que nem elle proprio tenha consciencia da sua força.

Houve demorado silencio, durante o qual Holmes, com o queixo apoiado na mão, não despregava os olhos do fogo a crepitar na chaminé.

— E' um caso tristissimo e tenebroso, disse por fim. Ha mil pormenores de que eu desejaria inteirar-me, antes de assentar o nosso modo de proceder. Mas não podemos desperdiçar um instante, sequer. Supponde que hoje, ainda, fossemos a Stoke-Moran, ser-nos-ia possivel visitar esses quartos sem que seu padrasto o soubesse?

— Acontece exactamente ter elle falado em vir hoje á cidade tratar de um negocio importante. E' provavel que esteja ausente todo o dia, e que nada venha estorvar-nos. Temos actualmente uma creada de todo serviço, mas é velha e atoleimada e afastal-a-ia com facilidade.

— Optimo! Tem alguma objecção que fazer, Watson, a esta nossa excursão?

— Nenhuma.

— Muito bem, iremos todos. E miss Stoner, que tem agora que fazer?

— Vou dar uma volta, ou duas, visto que vou á cidade. Retiro-me no trem do meio-dia, de modo que esteja lá a horas de os receber.

— E póde contar comnosco cedo, ao cahir da tarde. Eu proprio tenho que attender a uns negocios. Não nos quer dar a honra de almoçar comnosco?

— Obrigada, mas tenho que me ir embora. Vou com o coração alliviado, e não pouco, agora que lhe confiei o meu desgosto. E até logo...

Puxou para o rosto o denso véu, e apressando o passo, retirou-se.

— Que pensa você de tudo isto, Watson? perguntou Holmes, repoltreando-se na cadeira.

— Parece-me ser um caso tão obscuro quanto sinistro.

— Obscuro, diz bem, e não menos sinistro.

— E sem embargo, se é verdade o que ella affirma, o acharem intactos quer o soalho, quer as paredes, e serem intransponiveis em absoluto a porta, a janella e a chaminé, a irmã achar-se-ia indubitavelmente sósinha no acto de fallecer.

— E onde ficam os taes assobios nocturnos, e as singularissimas palavras da moribunda?

— Não sei o que pense.

— Se estabelecer uma aproximação entre aquelles assobios nocturnos e a presença de uma malta de ciganos privando com o edoso doutor, os fortes indicios de como a este interessa impedir o casamento da enteada, a allusão da defunta a uma faixa, e em conclusão, o facto de ter Helena Stoner ouvido um choque metallico, que haverá podido ser motivado pelo deslocamento de um dos varões de ferro dos postigos, tudo me leva a crer que é deste lado que devemos procurar a explicação do mysterio.

— Mas, sendo assim, que fizeram então os taes ciganos?

— Ignoro tudo em absoluto.

— Nem por isso acho muito convincente esse raciocinio.

— E eu ainda menos, e é por isso mesmo que hoje vamos a Stoke-Moran. Quero verificar se acaso as objecções que se suscitam ao meu espirito serão insuperaveis, ou se poderão ser refutadas. Mas com os demonios!...

Fôra arrancada esta exclamação ao meu companheiro pelo effeito de se abrir de subito a porta e pela apparição de um individuo de elevada estatura.

No seu trajo apresentava mescla singular de homem de fino trato e agricultor, pois usava chapéu alto, sobrecasaca comprida, e um par de polainas até os joelhos; trazia na mão um chicote de caçador. Era tão alto que o chapéu tocava na verga da porta, e tão largo de hombros que parecia encher a abertura, por inteiro.

O rosto, amplo, sulcado de um milheiro de rugas, crestado pelo sol, ostentava o cunho das mais vis paixões; detinha o olhar alternadamente sobre cada um de nós: os olhos encovados, injectados de sangue, e o nariz de gancho e emaciado imprimiam-lhe um ar, um não sei quê de ave de rapina.

— Qual dos senhores é o senhor Holmes? perguntou o singular personagem.

— Sou eu. Desejaria, porém, saber a quem tenho a honra de estar falando, respondeu o meu companheiro, placidamente.

— Sou o doutor Grimesby Roylott, de Stoke-Moran.

— Deveras, doutor? disse Holmes, em tom melifluo; queira sentar-se.

— Por certo que não o farei. Esteve aqui minha enteada. — Que foi que ella lhe contou?

— Para a estação em que estamos, faz frio a valer, retorquiu Holmes.

— Que foi que ella lhe disse? bramiu furibundo o velho.

— E ouvi dizer que o açafrão este anno havia de ser magnifico, proseguiu o meu amigo, sem perder as estribeiras.

— Ah! Ah! Não quer responder? prorompeu o nosso visitante, dando um passo á frente e brandindo o chicote. Bem te conheço, grandissimo patife! Já ouvi falar a teu respeito. E's o Holmes.

Sorriu o meu amigo.

— O Holmes, aquelle homem que mette o nariz onde não é chamado.

O meu amigo sorriu com desassombro.

— Holmes, o engraixa-botas de Scotland-Yard.

Holmes desta vez riu com gosto.

— Vou-me interessando pelo senhor.

O que lhe peço é que, quando se retirar, feche bem a porta, pois nos deixou expostos a uma corrente de ar.

— Retirar-me-ei quando tiver concluido o que aqui me trouxe. Prohibo-lhe que se intrometta nos meus negocios. Estou sciente de ter vindo aqui miss Stoner.

"Espreitei-a! Saiba que eu sou um homem perigoso para quem quer me resistir. E senão, veja!

Avançou, rapido, deitou a mão morena ao atiçador do fogão, e dobrou-o ao meio.

(Continúa no proximo numero)

O seu espirito alegre encontrará um fiel reflexo nos

Discos Victor

Deleite-se ouvindo a musica mais selecta do mundo

As suas aspirações, quaesquer que sejam, poderão ser facilmente satisfeitas por meio dos magnificos Discos Victor ... entre os quaes V.S. encontrará as novidades mais recentes em materia musical. Não importa quaes sejam as suas aspirações musicaes, lembre-se sempre que os artistas mais eminentes do mundo—os quaes gravam exclusivamente para a Victor—se acham á sua disposição nos discos Victor.

Que musica prefere V.S. melhor? As peças de dansa cheias de alegria e rythmo, as symphonias de incomparavel belleza, as magnificas arias de operas, as canções populares ou as ultimas peças de *jazz* americano? Peça o que V.S. deseje ... e os seus desejos serão satisfeitos.

Temos um instrumento Victor legitimo para todos os gostos e ao alcance de todas as bolsas... desde as Victrolas Portateis e as Victrolas Orthophonicas até os novos e maravilhosos apparelhos de radio e os magnificos instrumentos combinação Electrola com Radio. Qualquer um destes instrumentos dará maior realce ás suas reuniões sociaes e ao mesmo tempo contribuirá muito em tornar a sua vida mais alegre.

Teremos muito prazer de proporcionar-lhe um magnifico concerto de musica exclusivamente Victor.

Proteja-se! Procure sempre por esta marca na etiqueta

A musica que V. S. deseja—Quando a deseja —a encontrará sempre nos

Discos Victor

Distribuidores geraes:
PAUL J. CHRISTOPH COMPANY
Ouvidor, 98 — Rio
S. Bento, 35 — S. Paulo

A' venda em todas as boas casas do ramo

VICTOR DIVISION, RCA VICTOR COMPANY, INC., CAMDEN, NEW JERSEY, E. U. DA A.

Kola Cardinette
Kola-Cardinette
O Tonico Mundial.
O mais delicioso e efficaz tonico e reconstituinte.
O melhor e mais positivo para combater rapidamente a debilidade em qualquer de suas manifestações.
KOLA CARDINETTE é uma combinação scientifica dos mais poderosos elementos fortificantes naturaes.
Tonifica e sustenta.
Seu sabor é delicioso.
Contem os valiosos principios vitaes da «Noz de Kola» e as propriedades tonicas e antipyreticas da «Quina», combinadas com as «vitaminas de cereaes» e a acção fortalecedora da «Noz Vomica».
Unicos concessionarios:
PAUL J. CHRISTOPH COMPANY
Rio — Ouvidor, 98
S. Paulo — S. Bento, 85
O TONICO MUNDIAL